



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CÂMPUS REITOR JOÃO DAVID FERREIRA LIMA  
CENTRO SOCIOECONÔMICO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO UNIVERSITÁRIA**

**CRISTYANE CESARINO DA ROSA**

**PROPOSTA DE DIRETRIZES PARA A IMPLEMENTAÇÃO DE UM PROGRAMA  
DE INTERNACIONALIZAÇÃO “AT HOME” (IAH) OU EM CASA (IEC) NAS  
INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE ENSINO SUPERIOR BRASILEIRAS**

CRISTYANE CESARINO DA ROSA

PROPOSTA DE DIRETRIZES PARA A IMPLEMENTAÇÃO DE UM PROGRAMA DE  
INTERNACIONALIZAÇÃO “*AT HOME*” (IAH) OU EM CASA (IEC) NAS  
INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE ENSINO SUPERIOR BRASILEIRAS

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Administração Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de Mestre em Administração Universitária.

Orientadora: Professora Luciane Stallivieri, Dra.

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pela BU/UFSC.  
Dados inseridos pelo próprio autor.

ROSA, Cristyane Cesarino da  
PROPOSTA DE DIRETRIZES PARA A IMPLEMENTAÇÃO DE UM  
PROGRAMA DE INTERNACIONALIZAÇÃO "AT HOME" (IAH) OU EM CASA  
(IEC) NAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE ENSINO SUPERIOR  
BRASILEIRAS / Cristyane Cesarino da ROSA ; orientadora,  
Luciane Stallivieri, 2024.  
121 p.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade  
Federal de Santa Catarina, Centro Socioeconômico, Programa  
de Pós-Graduação em Administração Universitária,  
Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Administração Universitária. 2. Internacionalização "at  
home" (IaH). 3. Internacionalização em casa (IeC). 4.  
Proposta de diretrizes. 5. Instituições de Ensino Superior  
Brasileiras (IES). I. Stallivieri, Luciane. II.  
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós  
Graduação em Administração Universitária. III. Título.

CRISTYANE CESARINO DA ROSA

**Proposta de Diretrizes para a Implementação de um Programa de Internacionalização  
“At Home” (IAH) ou Em Casa (IEC) nas Instituições Públicas de Ensino Superior  
Brasileiras**

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora  
composta dos seguintes membros:

---

Professora Marília Costa Morosini, Dra.  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

---

Professor Marcos Baptista Lopez Dalmau, Dr.  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado  
adequado para obtenção do título de Mestre em Administração Universitária.

---

Professor Raphael Schlickmann, Dr.  
Coordenador do Programa

---

Professora Luciane Stallivieri, Dra.  
Orientadora

Florianópolis, 3 de maio de 2024.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Pai Oxalá que até aqui me conduziu.

A Exú que nunca me desamparou, abrindo os meus caminhos.

A meu Pai Xangó que obstinadamente me (re)conduz para o caminho da justiça.

À Mãe Yansã que me impulsiona à luta todos os dias.

Àqueles que passaram pela minha vida e se propuseram a olhar, para além da concha, contribuindo, assim, com este trabalho.

E, não importa quanto eu tente! As palavras não podem expressar minha gratidão a todos aqueles que contribuíram com essa jornada.

À chefe e amiga Soeli pelo companheirismo, incentivo e inspiração, desde o primeiro dia em que nos conhecemos! Obrigada.

À minha orientadora, professora doutora Luciane Stallivieri, pelo incentivo, inspiração oportunidade, generosidade e disponibilidade a mim dispensados nessa parceria acadêmica. Agradeço por acreditar no meu potencial como acadêmica no decorrer dessa jornada, culminando na materialização desta dissertação.

Ao professor doutor Marcos Baptista Lopez Dalmau, agradeço pela presença, confiança, parceria, paciência e por prontamente me ajudar sempre que o procurei.

Aos professores do PPGAU/UFSC, minha gratidão!

À Coordenação e à Secretaria do PPGAU, em especial ao Maurício pelo auxílio, cooperação, orientação, manifestados no retorno acolhedor, gentil e ágil em todos os atendimentos.

Aos membros das bancas de qualificação e de defesa, meu agradecimento pelas contribuições significativas para minha pesquisa.

Agradeço aos meus queridos familiares e amigos que torceram por mim, me apoiaram e me incentivaram incondicionalmente, entendendo que a distância se fez necessária.

Agradeço à UFSC pela oportunidade de aperfeiçoamento individual e profissional proporcionada pelo PPGAU/CCE/UFSC, instituição acolhedora da qual me orgulho de fazer parte, sentindo-me honrada por ser servidora desta que preconiza, constrói e compartilha conhecimentos voltados para os desafios e as soluções no desenvolvimento de uma sociedade mais justa, solidária e internacionalizada, capacitando profissionais de excelência com uma visão holística da humanidade.

*“Nunca foi sorte, sempre foi Exú”.*  
*Laroye Exú!*  
(Adágio Africano).

*“Sorte é nome que todo vagabundo dá ao esforço que ele não faz”.*  
(Karnal, 2017).

## RESUMO

Esta pesquisa teve como tema a proposta de elaboração de diretrizes para a implementação de um Programa de Internacionalização “*at home*” (IaH) ou em casa (IeC) nas instituições públicas de ensino superior brasileiras. No primeiro capítulo, a apresentação, é possível encontrar as origens históricas da internacionalização do ensino superior. A questão que norteou esta pesquisa é: Como as IES públicas brasileiras podem promover a implementação de um programa de IeC institucionalmente? Essa questão está alicerçada pelo seguinte objetivo geral: apresentar uma proposta de diretrizes para a implementação de um Programa de Internacionalização “*at home*” (IaH) ou em casa (IeC) nas instituições públicas de ensino superior brasileiras, viável para a aplicação nas instituições públicas de ensino superior brasileiras. Para alcançar o objetivo geral, foram elencados três objetivos específicos: a) Identificar por meio de um levantamento bibliográfico em bancos de dados nacionais a presença das práticas de internacionalização “em casa” IeC nas instituições de ensino superior brasileiras; b) Analisar nos resultados advindos do levantamento bibliográfico nas IES brasileiras as experiências de implementação da internacionalização “em casa” IeC e as experiências de implementação da internacionalização “em casa” IeC, encontradas no levantamento bibliográfico e já desenvolvidas nas instituições de ensino superior brasileiras; e c) Definir eixos temáticos (estratégicos e transversais) que indiquem as ações visando à elaboração de diretrizes para a implementação de um Programa de Internacionalização em Casa (PIeC). No segundo capítulo, apresenta-se a internacionalização, seus conceitos de forma geral e, em especial, a IeC. Em seguida, são abordados a metodologia e seus conceitos, portanto, trata-se de uma pesquisa aplicada, descritiva e exploratória, bem como bibliográfica e documental, para a qual, na abordagem, foi utilizado o método misto (quali-quantitativa). É importante mencionar que foi realizado um levantamento bibliográfico que revelou as ações de IeC praticadas nas IES do Brasil. Para a análise dos resultados, optou-se pelas análises de conteúdo e de dados. O quarto capítulo propôs que os planos de institucionalização da internacionalização sejam separados em dois programas distintos: programa de mobilidade acadêmica internacional e Programa de Internacionalização em Casa (PIeC). Além disso, foram sugeridos eixos estratégicos e transversais que definem as propostas de diretrizes para a implementação de um Programa de Internacionalização “*at home*” (IaH) ou em casa (IeC) nas instituições públicas de ensino superior brasileiras. O quinto capítulo apresenta as considerações finais e, em seguida, estão elencadas as referências utilizadas nesta pesquisa e indicados os apêndices.

**Palavras-chave:** Internacionalização “*at home*” (IaH); Internacionalização em casa (IeC); Proposta de diretrizes; Instituições de Ensino Superior Brasileiras (IES).

## ABSTRACT

This research has as its theme the proposal to develop guidelines for the implementation of an internationalization program “at home” (IaH) or at home (IeC) in Brazilian public higher education institutions. In the presentation you can find the historical origins of the internationalization of higher education. The question that guides the research is: How can Brazilian public HEIs promote the implementation of an IeC program institutionally by proposing guidelines? Based on the general objective: to present a proposal for guidelines for the implementation of an “at home” (IaH) or at home (IeC) internationalization program in Brazilian public higher education institutions, viable for application in Brazilian public higher education institutions . To achieve the general objective, three specific objectives were listed: a) Identify, through a bibliographic survey in national databases, the presence of IeC “at home” internationalization practices in Brazilian higher education institutions; b) Analyze the experiences of implementing internationalization “at home” IeC, found in the bibliographical survey already developed in Brazilian higher education institutions; and c) Define thematic axes (strategic and transversal) that indicate actions aimed at developing guidelines for the implementation of an Internationalization at Home Program (PIeC). In the second chapter, internationalization, its concepts in general and, in particular, IeC were presented. The methodology and its concepts were then presented. Therefore, this is an applied, descriptive and exploratory research, as well as bibliographic and documentary, for which the mixed method (quali-quantitative) was used. It presented a bibliographical survey that revealed the IeC actions practiced in HEIs in Brazil. To analyze the results, we opted for content and data analysis. The fourth chapter proposes that the Internationalization Institutionalization Plans be separated into two distinct programs: international academic mobility program and internationalization program at home. In addition to proposing strategic and transversal axes that define the proposals for guidelines for the implementation of an internationalization program “at home” (IaH) or at home (IeC) in Brazilian public higher education institutions. The fifth chapter presents final considerations. The research was completed by presenting the references and appendices.

**Keywords:** At home internationalization (IaH); Internationalization at home (IeC); Proposed guidelines; Internationalization program at home PIeC; Higher Education Institutions (HEI).



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Tríade: Interdependência da Internacionalização, Globalização e Ensino Superior, proposto por Knight (2007) .....	38
Figura 2 – Internacionalização abrangente: apresentando os seis estágios .....	39
Figura 3 – Ciclo da internacionalização proposto por Knight (1994) .....	40
Figura 4 – Representação das dimensões das competências globais.....	51
Figura 5 – Relação entre as possibilidades de abordagens qualitativas, quantitativas e método misto .....	58
Figura 6 – Nuvem de palavras respresentando a frequência das ações de IeC encontradas no levantamento bibliográfico .....	66
Figura 7 – Nuvem de palavras representando a frequência em que as TICs são descritas nos resultados do levantamento bibliográfico .....	76
Figura 8 – Diagrama de Venn sugerindo a divisão dos Planos de Institucionalização da Internacionalização em: Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional e Programa de Internacionalização em Casa (PIeC).....	81
Figura 9 – Integração entre os eixos estratégicos e transversais .....	87

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Datas da publicação dos documentos recuperados com suas respectivas porcentagens .....	69
Gráfico 2 – Número de vezes que o termo IeC apareceu na pesquisa.....	70
Gráfico 3 – Interações que ocorreram nas ações de IeC de forma presencial, virtual e mista .	71
Gráfico 4 – Apresentação dos idiomas encontrados nas ações de IeC .....	72
Gráfico 5 – Tipos de documentos encontrados na pesquisa .....	75
Gráfico 6 – Protagonistas na execução das ações de IeC .....	75

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Apresentação dos resultados encontrados nas bases de dados pesquisadas no levantamento bibliográfico .....	63
Quadro 2 – Categorias subjetivas que identificam as dimensões das competências para a formação da cidadania global proporcionadas pelas ações de IeC nas IES brasileiras .....	67
Quadro 3 – Instituições de ensino superior identificadas na pesquisa .....	73
Quadro 4 – Análise SWOT: Forças, Fraquezas, Oportunidades e Ameaças para a criação do PIeC .....	85
Quadro 5 – Proposta de diretrizes e de ações estratégicas responsáveis pela execução do PIeC e sugestão dos prazos para a sua realização I .....	88
Quadro 6 – Proposta de diretrizes e de ações estratégicas responsáveis pela execução do PIeC e sugestão dos prazos para a sua realização II .....	92
Quadro 7 – Proposta de diretrizes e de ações estratégicas responsáveis pela execução do PIeC e sugestão dos prazos para a sua realização III .....	94
Quadro 8 – Proposta de diretrizes e de ações estratégicas responsáveis pela execução do PIeC e sugestão dos prazos para a sua realização IV .....	96

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

a.C.	antes de Cristo
BDB	Biblioteca Digital Brasileira
BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
BIREME	Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde
BR	Brasil
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAPES-PrInt	Programa Institucional de Internacionalização
CIHE	Center for International Higher Education
CINDOC	Científico do Centro de Información y Documentación Científica
CL	Colômbia
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CsF	Ciência sem Fronteiras
CSIC	Consejo Superior de Investigaciones Científicas
CTC	Comitê Técnico-Consultivo
CTDC	Catálogo de Teses e Dissertações Capes
d.C	depois de Cristo
ERASMUS	European Community Action Scheme for the Mobility of University Students
ES	Ensino Superior
ESN	Erasmus Student Network
EUA	Estados Unidos
GEOCAPES	Sistema de Informações Georreferenciadas
IaH	Internacionalização “ <i>at home</i> ”
IeC	Internacionalização em casa
IES	Instituição de Ensino Superior
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC	Ministério da Educação
MX	México
OCDE	Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico/ Organisation for Economic Co-operation and Development
OCDE PISA	Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico/ Organisation for Economic Co-operation and Development Programme for International Student Assessment Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa)
OI	Organismos Internacionais
OIA	Open Archives Initiative ou Iniciativa de Arquivos Abertos
ONU	Organização das Nações Unidas
P&D	Pesquisa e Desenvolvimento
PDI	Plano de Desenvolvimento Institucional
PIeC	Programa de Internacionalização em Casa
PII	Plano de Institucionalização da Internacionalização
PPGAU	Programa de Pós-Graduação em Administração Universitária
SC	Santa Catarina
UBA	Universidades de Buenos Aires
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
Unesco	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
Unesp	Universidade Estadual Paulista
Unica	Network of Universities from the capitals of European
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas
Unifesp	Universidade Federal de São Paulo
USA	United States of American ou Estados Unidos da América
USP	Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>1 APRESENTAÇÃO</b> .....	<b>16</b>
1.1 INTERNACIONALIZAÇÃO: CONTEXTUALIZAÇÃO E ORIGENS HISTÓRICAS	17
1.1.1 Idade Antiga .....	18
1.1.2 Idade Média .....	21
1.1.3 A Universidade de Al-Qarawiyy .....	23
1.1.4 A Internacionalização e as IES no Brasil – Breve Histórico .....	23
1.2 JUSTIFICATIVA .....	27
1.3 QUESTÃO NORTEADORA .....	27
1.4 OBJETIVOS .....	28
1.4.1 Objetivo Geral .....	28
1.4.2 Objetivos Específicos .....	28
1.5 TRIPLA RELEVÂNCIA: CIENTÍFICA, SOCIAL E PESSOAL .....	29
1.6 ESTRUTURA DO TRABALHO .....	30
<b>2 INTERNACIONALIZAÇÃO – VINCULAÇÕES ENTRE CONCEITOS, FLUXOS E INTERCULTURALIDADE</b> .....	<b>33</b>
2.1 INTERNACIONALIZAÇÃO – CONCEITOS .....	34
2.2 INTERNACIONALIZAÇÃO E GLOBALIZAÇÃO NO CONTEXTO DO ENSINO SUPERIOR .....	36
2.3 MODELOS DE INTERNACIONALIZAÇÃO .....	39
2.4 FLUXOS DA INTERNACIONALIZAÇÃO: MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL E INTERNACIONALIZAÇÃO EM CASA IeC .....	40
2.4.1 A Mobilidade Acadêmica Internacional .....	41
2.4.2 Internacionalização em Casa IeC .....	43
2.5 A INTERNACIONALIZAÇÃO EM CASA E A FORMAÇÃO DO CIDADÃO GLOBAL .....	48
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	<b>54</b>
3.1 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO .....	58
3.2 CATEGORIAS: QUALITATIVAS E QUANTITATIVAS .....	65
3.2.1 Categorias Qualitativas .....	65
3.2.2 Categorias Quantitativas .....	68
<b>4 PROPOSTA DE DIRETRIZES PARA A IMPLEMENTAÇÃO DE UM PROGRAMA DE INTERNACIONALIZAÇÃO “AT HOME” (IAH) OU EM CASA (IEC) NAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE ENSINO SUPERIOR BRASILEIRAS</b> .....	<b>79</b>
4.1 DIRETRIZES PARA A CRIAÇÃO DE UM PROGRAMA DE INTERNACIONALIZAÇÃO EM CASA (PIeC) .....	81

4.1.1 Eixos Temáticos para a Implementação do Programa de Internacionalização em Casa (PIeC).....	85
4.1.2 Proposta de Ações Estratégicas para o Eixo Estratégico.....	87
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>100</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>105</b>
<b>APÊNDICE A – IDENTIFICAÇÃO DAS PRÁTICAS DE IEC NAS CATEGORIAS DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO PRESENTES NO LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO .....</b>	<b>116</b>
<b>APÊNDICE B – REFERÊNCIAS DO LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO .....</b>	<b>119</b>

## 1 APRESENTAÇÃO

A internacionalização “*at home*” (IaH) ou em casa (IeC) surgiu para oferecer a oportunidade de acesso ao maior número possível dos integrantes da comunidade acadêmica (docentes, discentes e funcionários) para que possam desenvolver habilidades e competências e gerar novos conhecimentos. Essas conquistas podem ser obtidas pelos atores participantes de um programa de internacionalização durante sua trajetória acadêmica, sem a necessidade de realizar um deslocamento físico, como previsto pela mobilidade acadêmica internacional.

Surgida na Universidade sueca de Malmö, no fim da década de 1990, a internacionalização “*at home*” se propunha a disponibilizar ao maior número de alunos possível, matriculados na instituição, acesso ao processo de internacionalização.

Criada por Bengt Nilsson, a IaH, ou IeC, surgiu da sua observação na recém-criada Universidade de Malmö, na qual apenas 10% dos alunos tinham acesso à mobilidade acadêmica internacional, pois, até então, essa era a prática mais conhecida nos processos de internacionalização (Nilsson, 2003). É importante mencionar que Bengt Nilsson amalgamou as diversas ações que eram utilizadas isoladamente para que juntas formassem a IaH.

O termo “*at home*” (IaH) foi utilizado no título pela sua presença e força no campo de investigação científica. Esse termo é atrelado ao meio científico nacional e internacional que o utiliza como estratégia de busca quando realiza pesquisas em bases de dados. Ele é amplamente difundido por estudiosos, pois sua compreensão transcende a de uma mera expressão utilizada isoladamente, passando a significar uma ramificação do conhecimento. Quando se fala de internacionalização “*at home*”, refere-se, essencialmente, a uma nova área do conhecimento que floresce a partir dos últimos anos do século XX.

Entretanto, no estudo ora apresentado, padronizou-se o termo internacionalização em casa (IeC). A escolha pelo termo foi uma decisão epistêmica, visando à sua popularização para abranger a utilização não somente no meio acadêmico, mas também na sociedade de forma geral. Nesse sentido, é importante esclarecer a sua importância para a complementaridade do ensino e, ao mesmo tempo, propiciar aos estudantes de todos os níveis educacionais acesso ao letramento linguístico associado às experiências interculturais.

Na seção a seguir, serão apresentadas a contextualização histórica e as origens históricas da internacionalização utilizada para fins educacionais a partir dos relatos mais antigos descritos na literatura.

A presença da internacionalização se faz presente desde os tempos mais remotos de registros escritos produzidos pela humanidade.



## 1.1 INTERNACIONALIZAÇÃO: CONTEXTUALIZAÇÃO E ORIGENS HISTÓRICAS

Destaca-se que a ubiquidade da internacionalização está presente na humanidade desde o seu surgimento. Em sua estruturação, com o tempo, a humanidade passou por períodos em que ocorreu a formação das primeiras sociedades e, com ela, surgiu a necessidade de acesso às informações já produzidas. A evolução da comunicação oral para a escrita permitiu o registro, a produção e o acesso futuro às informações, que viriam a gerar conhecimento. Dessa maneira, surgiram os primeiros registros escritos e a sua posterior difusão por meio do, ainda embrionário, processo educacional.

A internacionalização tem acompanhado a humanidade na sua trajetória e ocorre pelas trocas comerciais ou pela busca de conhecimento, ou seja, a mobilidade internacional tem sido praticada há tempos.

O processo de internacionalização é muito anterior às datas apresentadas, diferentemente do que vem sendo difundido na literatura especializada. As datas do surgimento da internacionalização giram em torno do século V d.C.<sup>1</sup>, trazendo, na mobilidade internacional, seu aspecto mais representativo.

As origens da internacionalização podem ser encontradas no final da Idade Antiga e no decorrer da Idade Média, pois, em ambos os períodos históricos, pode-se encontrar registros da presença da internacionalização, via mobilidade internacional, já relacionada à busca por um “conhecimento superior”.

A literatura enfatiza a criação da internacionalização nos últimos séculos da Idade Média europeia, associando-a à criação das primeiras universidades deste continente, destacando-se que as universidades já nascem internacionalizadas. Porém, estudos sugerem a existência da internacionalização na Idade Antiga em IES desde o século V d.C.

Nesta seção serão apresentadas as argumentações, devidamente amparadas pela literatura científica, não somente da área da internacionalização, mas também incluindo os conhecimentos advindos de outras ciências afins que tangenciam os saberes e contribuem para o esclarecimento dessa divergência. Finaliza-se a discussão com o surgimento da internacionalização no Brasil, que remonta aos primeiros dias da colonização europeia, em 1500.

---

<sup>1</sup> d.C. depois de Cristo: sigla adotada no Brasil para designar o período posterior ao nascimento de Cristo, ou seja, fato que marca o início do calendário Gregoriano adotado no Ocidente. Essa forma de registro é utilizada somente para os primeiros séculos, propiciando a distinção entres os períodos anteriores a Cristo identificados pela sigla a.C., já que os primeiros anos do novo calendário, normalmente, provocam confusão entre as datações. Esse registro está associado à história tradicional.

Especialistas de diversas outras áreas do conhecimento destacam, mesmo sem saber, exemplos de mobilidade ocorridos em períodos históricos, como a antiguidade clássica, um movimento ainda não nomeado. Sendo assim, sugere-se a criação de uma expressão mais apropriada a esse movimento, que pode ser “*perigrinatio sciencia*”<sup>2</sup> ou, ainda, “*peregrinatio cogitions*”<sup>3</sup>, isso demonstra que a internacionalização, entendida aqui como uma busca pela ciência ou pelo conhecimento, é anterior às datas convencionais e amplamente difundida na literatura vigente, e isso corrobora a ideia de que a mobilidade internacional é não somente a sua forma mais expressiva, mas também a mais antiga de internacionalização (Datta, 1970; Khurshid, 1972; Jacob, 2000; Battles, 2003; Ouda, 2004; Lawler, 2007; Majcherek, 2008; Bandarra, 2016).

Nesse sentido, devido à falta de consenso, será apresentada uma releitura da literatura sobre internacionalização e de áreas afins para se verificar a presença da internacionalização nos períodos históricos referentes à Idade Antiga. O intuito é desmistificar que a sua existência se deu somente a partir da Idade Média europeia, como aventa a literatura especializada na área.

### 1.1.1 Idade Antiga

A educação já foi exclusividade para alguns letrados, conhecidos como escribas, profissão hereditária existente em Kemet, que foi renomeado de Egito Antigo pelos gregos. Na medida em que as sociedades aumentavam e com elas crescia a necessidade de registro de informações, a procura por esses profissionais se tornou habitual.

Nesse contexto, no decorrer da Idade Antiga surgiram os três níveis educacionais: o ensino primário, o ensino secundário e o ensino superior.

No ensino primário, chamado de “*ludus litterarius*”, o aprendiz entrava por volta dos sete anos e lá permanecia até os 12, durando aproximadamente cinco anos. Sem grandes ambições, esse programa educacional restringia-se a ensinar leitura e escrita (Marrou, 1966). As aulas aconteciam ao ar livre e eram ministradas pelo “*magister latino*” que ensinava de sua “*cathedra*” (cadeira) com os alunos sentados ao seu redor (Marrou, 1966).

O ensino secundário durava de cinco a oito anos, nele, o aluno entrava por volta dos 12 e saía por volta dos 20 anos. Era conduzido pelo “*grammaticus latinus*” que ensinava

---

<sup>2</sup> “*Peregrinatio sciencia*” refere-se à busca pela ciência, em tempos remotos, que se convencionou chamar de antiguidade clássica.

<sup>3</sup> “*Peregrinatio cogitions*” refere-se à busca pelo conhecimento, em tempos remotos, que se convencionou chamar de antiguidade clássica.

basicamente o “[...] estudo teórico da boa língua e a explicação dos poetas clássicos” (Marrou, 1966, p. 425). No nível secundário, o número de alunos reduzia-se, consideravelmente, em relação ao ensino primário, pois a educação na Idade Antiga era elitizada, e, salvo raras exceções, somente a classe aristocrática tinha acesso à educação.

No ensino superior, o aluno iniciava por volta dos 20 anos e, dependendo da área, o período de estudo estendia-se de cinco a 15 anos para a sua conclusão (Marrou, 1966).

Esses níveis educacionais influenciaram e, ainda, influenciam a educação do mundo ocidental, já que o vocabulário originado nessa época é amplamente utilizado hoje. Os graus de educação existentes no mundo antigo foram importantes para a evolução e a adaptação proporcionadas pelo passar dos tempos, possibilitando a educação como a dos dias atuais.

Para os medievalistas Charle e Verger, as universidades caracterizam uma parte ínfima do que se identifica como ensino superior, pois, com o advento da escrita, “[...] muitas civilizações, antigas ou exteriores à Europa ocidental criaram, sob uma forma ou outra, um ensino superior. Sua história mereceria, sem nenhuma dúvida, ser feita” (Charle; Verger, 1996, p. 7).

São registradas diversas instituições de ensino superior no mundo antigo, atreladas a grandes bibliotecas, e, em todas elas são encontrados registros da existência de internacionalização, voltadas para a área educacional. As mais representativas são a Biblioteca e a Universidade de Alexandria e a Biblioteca e a Universidade de Nalanda. Ambas surgidas por volta do século V d.C., ressaltando que a existência das bibliotecas em todos os casos é anterior ao ensino superior e até mesmo à educação.

#### *1.1.1.1 Biblioteca e Universidade de Nalanda*

A biblioteca de Nalanda é parte de um grande complexo arquitetônico arqueológico, conhecido como “*Mahavihar*”, localizada na Índia, onde apenas 23 hectares foram escavados. O nome Nalanda significa “doador de conhecimento”. Nalanda mesclava o budismo e o conhecimento superior em diferentes campos do saber. Na medicina ensinou e difundiu o sistema médico ayurveda, pois professores e estudantes migraram para outras partes da Índia disseminando esse método (Mukherjee, 2023).

A universidade de Nalanda foi fundada em 427 d.C., sendo considerada a primeira universidade residencial do mundo. Acredita-se que comportava dez mil estudantes, provenientes de toda a Ásia. Suas construções eram magníficas, com salões que comportavam 300 alunos, incluindo uma plataforma utilizada como palanque do professor (Mukherjee, 2023).

Destaca-se que o currículo de Nalanda “[...] foi além dos textos religiosos, incluía literatura, teologia, lógica, gramática, medicina, filosofia, artes e metafísica”<sup>4</sup> (Sinhá, 2021).

Os estudantes, provenientes do Japão e da Coreia, além de acesso aos estudos aprofundados, aproveitavam sua estadia para copiar os manuscritos depositados na biblioteca. O viajante e monge budista mais famoso é o chinês Xuanzang que estudou e lecionou em Nalanda e lá permaneceu por dez anos para poder copiar mais de 600 manuscritos budistas. O acervo da biblioteca de Nalanda era estimado em nove milhões de manuscritos em folhas de palma. Sua importância é reconhecida pelo atual Dalai Lama, que afirma que Nalanda é a fonte de todo o conhecimento budista de hoje (Mukherjee, 2023).

Os estudantes e a estrutura, tanto da Biblioteca quanto da Universidade, eram mantidos por imperadores, Zamindars, estudiosos e por dinastias budistas.

#### *1.1.1.2 Biblioteca e a Universidade de Alexandria*

A biblioteca e a universidade de Alexandria coexistiram, mesmo que com datações diferenciadas. Em escavações arqueológicas, foram encontradas várias salas de aula que “[...] eram usadas para o ensino superior – e o nível de educação era muito alto”<sup>5</sup> (Lawler, 2007, tradução nossa). Esses remanescentes arqueológicos encontrados na cidade de Alexandria permitem inferir a existência de um complexo universitário na antiguidade (Lawler, 2007). Formada por duas bibliotecas, a principal e a biblioteca filha, seus acervos juntos representavam mais de 500 mil rolos de pergaminhos (Casson, 2018; Flower, 2010; Martins, 1998; Monroe, 1915-1918).

Majcherek, arqueólogo responsável pelas escavações em Alexandria, afirma que “Alexandria na Antiguidade Tardia continuou a ser um dos grandes centros da educação nos campos da filosofia, do direito e, sobretudo, da medicina, atraindo estudantes e professores de todo o mundo antigo”<sup>6</sup> (Majcherek, 2008, p. 201, tradução nossa). Nessa fala, pode-se observar o registro de mobilidade internacional, confirmando que a internacionalização voltada para o meio educacional já existia e acompanha as universidades desde suas origens.

São muitos os relatos da existência na literatura da mobilidade internacional em busca do conhecimento. Majcherek (2008, p. 202, tradução nossa) aponta indícios de que “[...] a vida

---

<sup>4</sup> Went beyond religious texts to include literature, theology, logic, grammar, medicine, philosophy, the arts and metaphysics.

<sup>5</sup> Were used for higher education – and the level of education was very high.

<sup>6</sup> Late Antiquity continued to be one of the great centers of education in the fields of philosophy, law and above all medicine, attracting students and professors from all over the ancient world.

acadêmica alexandrina não terminou com a destruição da biblioteca. Continuou até o século VII d.C. e atuou como uma ‘ponte’ vital entre os mundos clássico e medieval”<sup>7</sup>. Para Battles (2003, p. 36), a Universidade de Alexandria foi “[...] a primeira com aspirações universais e, com sua comunidade de estudiosos, tornou-se protótipo das universidades da era moderna”. Certamente esse período histórico representa uma lacuna em relação à história da educação e, em especial, à história referente ao ensino superior e, por conseguinte, da internacionalização (Datta, 1970; Khurshid, 1972; Jacob, 2000; Battles, 2003; Ouda, 2004; Lawler, 2007; Majcherek, 2008; Bandarra, 2016).

Portanto, com os relatos encontrados na literatura, pode-se perceber que as bibliotecas e as universidades já existiam, tanto em relação à sua formatação quanto ao conteúdo apresentado. Essas instituições eram adequadas para o período histórico no qual se encontravam, mas é certo que nesse contexto a internacionalização, representada pela mobilidade internacional, visando ao aprendizado em nível superior, já existia.

### 1.1.2 Idade Média

O surgimento da concepção de universidade na Idade Média está atrelado à ideia de uma escola geral ou “*stadium generale*”, termo latino utilizado na época. Essa escola estava voltada para a formação dos ofícios tradicionais (artes, medicina, direito e teologia). As escolas apresentavam um corpo docente significativo, contribuindo para o recrutamento de estudantes, pois, quanto mais famoso o professor, mais estudantes o procuravam, fato que inclusive determinava o prestígio dos “*stadium generale*” (Verger, 1991). Esses estabelecimentos eram internacionalizados desde a sua origem, uma vez que a reputação dos pensadores, ou mestres, que neles lecionavam influenciavam diretamente no recrutamento estudantil. Nesse contexto, os alunos peregrinavam pelas instituições de ensino em busca dos melhores educadores (Verger, 1991). Essa mobilidade, não somente dos estudantes, mas também dos mestres, entre as instituições educacionais já pode ser identificada como internacionalização.

Verger define o que seria a mobilidade, tanto interna quanto externa, nesse período. Para a mobilidade interna, ele reconhece que seria uma “[...] mobilidade regional, mobilidade provincial e inter-regional para a escala do principado, mobilidade nacional para a escala do

---

<sup>7</sup>Alexandrian academic life did not end with the destruction of the Library. It continued well into the seventh century, and acted as a vital ‘bridge’ between the classical and the medieval worlds.

reino”<sup>8</sup> (Verger, 1991, p. 72, tradução nossa). Já a mobilidade externa ou internacional ficava circunscrita ao domínio territorial e linguístico hegemônico cristão, assim sendo, a mobilidade internacional na Idade Média ocorria dentro dos territórios cristãos, onde a língua padrão era o latim (Rashdall, 1895; Verger, 1990, 1991; Charle; Verger, 1996; Franco Júnior, 1996; Le Goff, 2007; Haskins, 2015).

A influência linguística vem se mantendo predominante, e a mobilidade acadêmica internacional ainda é influenciada, tanto por idiomas quanto por territórios. Hodiernamente, pelo inglês como idioma hegemônico e pela predominância para a mobilidade acadêmica internacional, volta-se prioritariamente para o norte global.

O verbete universidade, como é conhecido e utilizado, é empregado para definir uma comunidade de mestres e estudantes que, por sua vez, deriva do vocábulo “*universitas*”. O termo “*a priori*” designava qualquer grupo de profissionais que abarcava uma diversidade de ofícios ou, ainda, designava qualquer comunidade ou associação. Esse termo, segundo o historiador e medievalista Jacques Le Goff (2007, p. 173), “[...] apareceu pela primeira vez em 1221 em Paris para designar a comunidade de mestres e de estudantes parisienses (*universitas magistrorum et scholarium*)”. Apesar da divergência entre os autores, o termo era utilizado para definir toda e qualquer comunidade ou associação, tornando-se sinônimo para a associação de professores e alunos somente em fins do século XIV e início do século XV (Rashdall, 1895; Rait, 1918; Verger, 1990, 1991; Charle; Verger, 1996; Franco Júnior, 1996; Le Goff, 2007; Haskins, 2015).

As primeiras IES desse período no continente Europeu datam do século XII, e a literatura já as identifica como Universidades. São elas: Bolonha (1158), a Universidade de Paris (1200), Cambridge (1209), a Universidade de Pádua (1222), a Universidade de Nápoles (1224) e a Universidade de Toulouse (1229).

Fora do contexto territorial, linguístico e ideológico cristão, na Idade Média, existiam outras instituições que atuavam no âmbito do ensino superior. A Universidade de Al-Qarawiyy é o exemplo mais significativo, dada a comprovação de sua existência contínua desde o século IX. Certamente, não é o único exemplo de instituição fora do domínio cristão a desenvolver atividades educacionais em nível superior, mas é a mais representativa devido à sua atividade ininterrupta.

---

<sup>8</sup> Une mobilité régionale, à l'échelle de la province, une mobilité interrégionale à l'échelle de la principauté, une mobilité nationale à l'échelle du royaume.

### 1.1.3 A Universidade de Al-Qarawiyy

A Mesquita e a Universidade de Al-Qarawiyy, fundadas em 859 d.C. por Fátima Al-Fihri, localizada na cidade de Fes no Marrocos, é considerada a universidade mais antiga do mundo em funcionamento contínuo, sendo tombada como patrimônio da humanidade pela Unesco e reconhecida como a mais antiga pelo Guinness Book<sup>9</sup>. Ambas as instituições, tanto a Unesco ao efetuar o tombamento quanto o Guinness Book ao incluir no livro dos records, realizam minuciosa pesquisa histórica, referendando a antiguidade de Al-Qarawiyy.

Com a fundação da mesquita e *madraça*<sup>10</sup>, Al-Qarawiyy, na cidade marroquina de Fez, transforma-se num polo referencial, religioso e educacional para o mundo islâmico, trata-se de “[...] um verdadeiro polo dinamizador de educação e de conhecimento de nível superior (daí nasce a ideia de universidade)” (Frias, 2014, p. 181).

Por meio da importância da existência de forma contínua da universidade de Al-Qarawiyy, já se pode observar a presença de aspectos que as universidades europeias reivindicavam para si, como a diplomação. Outro fator significativo foi a presença de alunos de outras partes do Marrocos, como também de outras regiões do continente africano e europeu. “Estudantes de todo o mundo viajaram para lá para [iniciar] estudos islâmicos, astronomia, línguas e ciências. Os números arábicos tornaram-se conhecidos e usados na Europa através desta universidade”<sup>11</sup> (Souad; Ramdane; Khan, 2017, p. 179).

A mobilidade era tão significativa em Al-Qarawiyyin que Fátima Al-Fihri foi homenageada com um programa de mobilidade internacional “*European Community Action Scheme for the Mobility of University Students*” (Erasmus), conhecido internacionalmente como Erasmus Mundus por via da Ação 2. O Programa Erasmus Mundus Al-Fihri abrange diversos países, incluindo estudantes de graduação e de pós-graduação, tanto da África quanto da Europa (Souad; Ramdane; Khan, 2017).

### 1.1.4 A Internacionalização e as IES no Brasil – Breve Histórico

No Brasil, a origem das universidades é tardia, datando de meados do século XX, o que mostra um atraso significativo em relação às primeiras universidades surgidas no continente

<sup>9</sup> Informação disponível em: Oldest higher-learning institution Guinness World Records.

<sup>10</sup> Madraça é o termo em islâmico para definir escola.

<sup>11</sup> Students traveled there from all over the world to study Islamic studies, astronomy, languages, and sciences. Arabic numbers became known and used in Europe through this university.

americano, datadas do início do século XVI (Cunha, 1988). Somente em 1808, com a chegada da Família Real no Brasil, foram esboçadas as primeiras tentativas de instalação do Ensino Superior na Bahia e no Rio de Janeiro. Há registros da tentativa da criação de instituições de Ensino Superior no Brasil pelos padres jesuítas desde o primeiro século de colonização, mas nenhuma com sucesso. Outras tentativas, durante o Período Colonial, também não obtiveram sucesso (Cunha, 1988).

A internacionalização ocorreu no Brasil, oficialmente, em quatro fases distintas e todas estão relacionadas ao processo de criação e de disseminação do ensino superior, especificamente da criação das primeiras universidades.

- a) A primeira fase ocorreu entre os anos de 1934 e 1954 e teve forte influência de professores visitantes da Europa, em especial os franceses que compunham a missão francesa na Universidade de São Paulo (USP). A missão francesa trouxe para o Brasil professores franceses e de outras nacionalidades com o intuito de consolidar os projetos educacionais e acadêmicos de instituições brasileiras (Cunha, 1989; Favero, 1999; Ramos, 2018).
- b) A segunda fase ocorreu entre as décadas de 1960 e 1980 com a vinda de consultores americanos ao Brasil para a reestruturação do ensino superior e a implementação de bolsas de estudo internacionais para mestrado e doutorado. Nesse período, ocorreu um crescimento exponencial das universidades no Brasil (Cunha, 1989; Favero, 1999; Ramos, 2018).
- c) A terceira fase ocorreu nas décadas 1980 e 1990, visando aspectos acadêmicos e mercadológicos, período em que se expandia a internacionalização e se consolidaram os programas de Pós-Graduação, fato que estimulou o diferencial competitivo e as pesquisas de ponta (Ramos, 2018).
- d) A quarta e última fase ocorreu a partir dos anos 2000, nessa fase, o governo colheu os frutos dos investimentos em anos anteriores, e a mobilidade internacional voltou a receber incentivos (Ramos, 2018).

O Programa Ciência sem Fronteiras (CsF), iniciado em 2011 e que vigorou até 2017, caracterizou-se pela ênfase na “Pesquisa e Desenvolvimento” (P&D) no Brasil, promovendo treinamento avançado para o corpo docente e estudantil. O que transformou esse programa em um dos maiores incentivadores da internacionalização, via mobilidade acadêmica internacional, já promovidos no Brasil (Ramos, 2018), com um investimento total de R\$13 bilhões (Didio, 2021).



No ano de 2015, o Ministério da Educação destinou R\$3,7 bilhões para atender aos 35 mil bolsistas de graduação no exterior, o custo foi em média de R\$100 mil por ano (MEC, 2017). Salienta-se que em 2017, segundo o Censo de Educação Superior de 2021, elaborado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2022), cerca de menos de 1% dos estudantes do ensino superior no Brasil foi atendido por programas de mobilidade acadêmica internacional. Isso denota a absoluta discrepância entre os atendidos pelos programas de mobilidade acadêmica internacional em relação aos demais alunos regularmente matriculados nas IES do Brasil. A estimativa para o número de alunos matriculados nas IES do Brasil (públicas e privadas) é de aproximadamente 12,6 milhões de alunos (INEP, 2022).

O Programa de Internacionalização da Capes (PrInt), iniciado em 2017, representa a face mais recente da Internacionalização. Por ser este um programa ainda em curso, mesmo com prazo predefinido de cinco anos, que encerraria em 2023, várias foram as propostas renovadas para o ano de 2024.

Esse programa, voltado especificamente para a Pós-Graduação, disponibilizou 40 vagas para as IES brasileiras, via Edital n. 41/2017, mas apenas 36 instituições foram contempladas e, destas, “[...] 20 estão localizadas na Região Sudeste, [...]. Na Região Sul, foram contempladas oito instituições [...]. Na Região Nordeste, seis instituições foram selecionadas [...] e apenas duas foram selecionadas na Região Centro-Oeste” (Rosa *et al.*, 2021, p. 65-66). Esses dados apontam que a internacionalização ainda é um recurso educacional disponibilizado para poucos e concentrado nas regiões do Brasil com maior desenvolvimento científico, tecnológico e social, visto que juntas as regiões Sudeste e Sul contemplaram, aproximadamente, 80% das vagas (Rosa *et al.*, 2021). Vale salientar que a Região Norte do Brasil não teve nenhuma IES contemplada. Como solução viável e de fácil aplicabilidade, “[...] visando uma equidade na distribuição geográfica dos projetos, sugere-se a criação de uma versão Capes/PrInt para IES emergentes” (Rosa *et al.*, 2021, p. 66). O que permitiria que essas instituições pudessem disputar, em condições de igualdade, com as IES de melhor *ranking* nos indicadores relativos à internacionalização.

É importante ressaltar que durante esses períodos relatados outros órgãos governamentais e instituições nacionais e estrangeiras, tanto públicas quanto privadas, ofereceram bolsas para que brasileiros pudessem estudar em outros países.

Historicamente, a internacionalização no Brasil remonta aos primeiros relatos escritos que dão conta do seu “achamento” em 1500. O escrivão da frota de Pedro Álvares Cabral, a El-

Rei Dom Manoel, Pero Vaz de Caminha descreve os povos originários que aqui encontrou com espanto e curiosidade (Brasil, 1500).

Ainda nos primeiros anos da colonização, iniciou-se um movimento de internacionalização com fins educacionais, registrado pela presença de viajantes e naturalistas que para cá vieram estudar a fauna, a flora e as gentes que aqui viviam, em sua maioria, financiados por patrocínio real. Os primeiros relatos desses viajantes foram publicados a partir de 1557, entre eles, é possível citar: Hans Staden<sup>12</sup>, Frei André Trevet<sup>13</sup>, Binot Paulmier de Gonneville<sup>14</sup>, e muitos outros viajantes que aqui estiveram e deixaram relatos escritos de sua permanência no Brasil.

É importante ressaltar que houve também a internacionalização promovida pelas diversas invasões (piratas) que ocorreram durante toda a história do Brasil por franceses, holandeses, ingleses, entre outros povos que por aqui passaram, visando o estabelecimento e o reconhecimento das terras, especialmente nos primeiros anos de colonização.

A internacionalização ocorreu também por meio das diversas expedições portuguesas que visavam à colonização intencional, sendo que a primeira ocorreu em 1530, liderada por Tomé de Souza. Essas expedições, com o objetivo de colonizar, perduraram até meados do século XX.

E, para finalizar a questão histórica, ressalta-se que a forma de internacionalização amplamente praticada no Brasil foi a internacionalização compulsória (Brasil, 1500). Como era costume, as expedições levavam degredados para cumprirem suas penas em lugares distantes de Portugal, então, foram deixados pela esquadra de Cabral os condenados ao degredo Afonso Ribeiro e João de Thomar e dois grumetes, que abandonaram a expedição (Brasil, 1500).

Várias foram as formas de internacionalização compulsória que ocorreram durante a história do Brasil, entre elas, cita-se: a escravização dos povos africanos via tráfico negreiro, que foi a maior transferência populacional compulsória da história da humanidade, pois estima-se que mais de cinco milhões de pessoas foram trazidas de maneira forçosa da África para o Brasil durante o regime escravocrata que perdurou no país por mais de 300 anos.

A segunda forma de internacionalização compulsória ocorreu com os povos originários que aqui se encontravam.

Houve também a internacionalização compulsória promovida pelos portugueses que para cá mandaram os “órfãos do rei”, crianças portuguesas órfãs, de ambos os sexos, que eram

---

<sup>12</sup> Obra completa Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4833>.

<sup>13</sup> Obra completa disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/573383>.

<sup>14</sup> Obra completa disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7763>.

enviadas ao Brasil para promover a colonização. Geralmente, essas crianças ficavam sob a guarda das instituições religiosas que se estabeleceram no Brasil com o intuito de catequizar os povos originários (Edmundo, 2000).

Esse período histórico, tanto em âmbito nacional quanto internacional, carece, urgentemente, de estudos voltados para a internacionalização.

## 1.2 JUSTIFICATIVA

A internacionalização da educação superior vem se consolidando como um dos critérios avaliados para o ranqueamento de Instituições de Ensino Superior IES não somente no Brasil, como no mundo.

A pesquisa pretendida, no que se refere ao conhecimento científico, preencherá lacunas existentes tanto em âmbito teórico quanto prático sobre a internacionalização em casa IeC.

Este estudo pretende apresentar uma proposta de solução para a problemática de como colocar em prática a IeC nas IES brasileiras, uma vez que a literatura especializada é carente de exemplos práticos quanto à sua implementação.

Ao término desta pesquisa, espera-se apresentar os resultados na forma de diretrizes para a implementação de um Programa de Internacionalização “*at home*” (IaH) ou em casa (IeC) nas instituições públicas de ensino superior brasileiras.

## 1.3 QUESTÃO NORTEADORA

A questão norteadora, ou o problema, tem a função de direcionar a pesquisa, ao buscar na literatura especializada, por meio da realização de um levantamento bibliográfico, exemplos práticos de implementação da IeC, propondo, assim, a elaboração de proposta de diretrizes para a implementação de um Programa de Internacionalização “*at home*” (IaH) ou em casa (IeC) nas instituições públicas de ensino superior brasileiras.

Essas diretrizes devem oferecer melhoria em processos de IeC nas IES que vislumbram a sua implementação a curto, médio ou longo prazos.

Para tanto, propõe-se resolver a questão: **Como as IES públicas brasileiras podem promover a implementação de um programa de IeC institucionalmente?**

## 1.4 OBJETIVOS

Para a obtenção dos resultados, foi necessário definir quais os objetivos que deveriam ser alcançados. Os objetivos podem ser identificados como um desdobramento da questão-problema ou do tema. São os objetivos que norteiam ou direcionam as soluções propostas na pesquisa, respondendo, assim, à questão-problema (Roesch, 1999; Severino, 2016; Triviños, 2017).

### 1.4.1 Objetivo Geral

O objetivo geral demonstra a visão holista sobre o tema que se pretende alcançar (Roesch, 1999; Severino, 2016; Triviños, 2017). Nesta pesquisa, o objetivo geral é:

- a) Apresentar uma proposta de diretrizes para a implementação de um Programa de Internacionalização “*at home*” (IaH) ou em casa (IeC) nas instituições públicas de ensino superior brasileiras

### 1.4.2 Objetivos Específicos

Os objetivos específicos, por sua vez, são tangíveis, eles definem as etapas a serem desenvolvidas, permitindo que se atinja o objetivo geral. Eles têm a função de intermediar o objetivo geral com situações particulares com o intuito de responder à questão norteadora e para se obter os resultados esperados na pesquisa (Roesch, 1999; Severino, 2016; Triviños, 2017).

Os objetivos específicos desta pesquisa são:

- a) Identificar por meio de um levantamento bibliográfico em bancos de dados nacionais a presença das práticas de internacionalização “em casa” IeC nas instituições de ensino superior brasileiras.
- b) Analisar nos resultados advindos do levantamento bibliográfico nas IES brasileiras, as experiências de implementação da internacionalização “em casa” IeC.
- c) Definir eixos temáticos (estratégicos e transversais) que indiquem as ações visando a elaboração de diretrizes para a implementação de um Programa de Internacionalização em Casa (PIeC).

Ao término desta pesquisa, espera-se como resultado trazer uma proposta de diretrizes para a implementação de um Programa de Internacionalização “*at home*” ou em casa nas instituições de ensino superior brasileiras.

### 1.5 TRIPLA RELEVÂNCIA: CIENTÍFICA, SOCIAL E PESSOAL

Ao pesquisar o tema internacionalização em casa IeC nas Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras, remete-se à existência de uma tripla relevância: científica, social e pessoal.

Na **relevância científica**, serão avaliados os critérios de viabilidade, relevância e originalidade (Roesch, 1999; Lakatos; Marconi, 2003).

- a) **Viabilidade** – garante que o critério da eficácia possa ser atendido, como proposto no projeto de pesquisa, procurando fazer o que é certo para atingir os objetivos previamente planejados. A facilidade do acesso às fontes de informação foi um fator preponderante pela disponibilidade pública dos materiais necessários para a sua execução, tornando a pesquisa economicamente viável, dentro do prazo estabelecido pelo Programa de Pós-Graduação em Administração Universitária (PPGAU).
- b) **Relevância** – a pesquisa deve expor novos conhecimentos para a comunidade científica e aceitos entre pares (Lakatos; Marconi, 2003). Nesse sentido, o tema internacionalização em casa IeC vem despontando no meio acadêmico por oferecer a um número significativamente maior de estudantes acesso ao processo de internacionalização.
- c) **Originalidade** – apresenta um tema que a literatura ainda não tenha explorado, fornecendo subsídios para o desenvolvimento do conhecimento científico com o intuito de preencher a lacuna verificada na literatura.

Para a **relevância social**, esta pesquisa atende aos interesses da sociedade de forma geral ao propor as “[...] diretrizes para a implementação de um Programa de Internacionalização “*at home*” (IaH) ou em casa (IeC) nas instituições públicas de ensino superior brasileiras”. Esse é um fator preponderante para a ampliação e a disseminação do acesso à comunidade universitária nas IES públicas brasileiras, já que os egressos provenientes do ensino superior terão a oportunidade de reverter esses conhecimentos para a sociedade.

Na **relevância pessoal**, o tema despertou interesse pelo fato de a pesquisadora ter encontrado na internacionalização em casa IeC uma lacuna existente na literatura, reforçada

pela situação de não se “encaixar” nos critérios considerados em relação à seleção de candidatos para a mobilidade acadêmica internacional, como estes:

- a) por não ter o domínio de nenhum idioma;
- b) por estar fora da faixa etária, na qual normalmente ocorre a seleção; e, finalmente,
- c) por acreditar que a IeC pode acrescentar conhecimentos, habilidades, atitudes e experiências significativas ao currículo acadêmico dos seus participantes.

Em relação à aderência ao Programa de Pós-Graduação em Administração Universitária, conforme prevê requisito constante do edital de seleção, alinhando-se com a área de concentração da “Gestão Universitária” dentro da linha de pesquisa “Análises, Modelos e Técnicas em Gestão Universitária”, propondo a elaboração das diretrizes para a implementação de um Programa de Internacionalização “*at home*” (IaH) ou em casa (IeC) nas instituições públicas de ensino superior brasileiras, visando à melhoria nos processos de IaH nas IES que vislumbram a sua implementação a curto, médio ou longo prazos.

Ao cumprir os critérios da tripla relevância, bem como a aderência ao PPGAU/UFSC, a pesquisa está apta a ser disponibilizada após o seu término para que as IES do Brasil possam utilizar os resultados obtidos e vislumbrar perspectivas de implementação dos programas de internacionalização em casa IeC. A intenção é enriquecer a trajetória de seus discentes, docentes e colaboradores durante o período em que desenvolvem suas atividades acadêmicas e mesmo para acompanhá-los para a vida, não somente profissional, mas também pessoal, tornando-se um cidadão apto a atuar de forma local num contexto global e vice-versa.

## 1.6 ESTRUTURA DO TRABALHO

Os resultados e as reflexões propostos nesta pesquisa estão organizados em cinco capítulos.

Na introdução, apresentou-se um breve histórico da internacionalização pelo mundo desde as suas origens, mostrando uma constelação de autores dedicados ao tema, incluindo autores de áreas correlatas que, mesmo sem consciência, trazem à tona as origens da internacionalização no percurso traçado pela humanidade no seu desenvolvimento desde tempos imemoriais (Rashdall, 1895; Rait, 1918; Marrou, 1966; Datta, 1970; Khurshid, 1972; Charle; Verger, 1996; Franco Júnior, 1996; Majcherek, 2008; Sinhá, 2021; Mukherjee, 2023, entre outros).

Especificamente, em relação à história da internacionalização no Brasil, foram consultadas as obras de: Brasil (1500), Cunha (1988), Favero (1999), Edmundo (2000), Ramos (2018), MEC (2017), INEP (2022), Didio (2021) e Rosa *et al.* (2021).

Também são apresentados os objetivos propostos, a justificativa, a relevância e a aderência ao programa de pós-graduação.

O segundo capítulo apresenta o referencial teórico sobre a internacionalização e em específico da internacionalização em casa. Nele, vislumbram-se as conceituações de internacionalização propostas pelos autores seminais da área da internacionalização: Knight (1994, 2003, 2004, 2007a, 2007b, 2012a), Miura (2009), Stallivieri (2002a, 2002b, 2016, 2017a, 2017b), Morosini (2006, 2017), Sebastián (2004), Wit *et al.* (2015), Altbach, Reisberg e Rumbley (2009), Wit (1998, 2011, 2013).

Em relação às propostas de modelos de internacionalização, destacaram-se os seguintes especialistas: Neave (1992), Davies (1992, 2001, 2003), Knight (1994), Rudzki (1995a, 1995b, 1998) e Teichler (2009).

Os pensadores primordiais da área da internacionalização e das teorias por eles elaboradas para a IeC encontram-se no Capítulo 2. Na constelação de autores utilizados, destacam-se: Nilsson (2003), Wächter (2003), Beelen e Jones (2015), Wit e Leask (2015), Santos e Almeida Filho (2012), Gonçalves (2012), Killick (2012), Unesco (2009, 2015).

O terceiro capítulo foi dedicado ao desenvolvimento dos desafios metodológicos que orbitam as escolhas do pesquisador, amplificado por um levantamento bibliográfico consolidando a metodologia, as abordagens, os procedimentos metodológicos eleitos para a realização da pesquisa. Os intelectuais que nortearam esse capítulo são: Figueiredo (1990), Godoy (1995), Goldenberg (1999), Gonçalves (2001), Dezin e Lincon (2006), Gil (2007), Johnson, Onwuegbuzie e Turner (2007), Bardin (2016), Carlomagno e Rocha (2016), Severino (2016), Triviños (2017) entre outros.

A análise do levantamento bibliográfico é apresentada sob a forma de figuras, quadros e gráficos, permitindo ao leitor uma visualização clara e ágil dada a quantidade de dados apresentados, tanto qualitativos quanto quantitativos, proporcionando um maior aproveitamento das informações coletadas no levantamento bibliográfico. Os literatos na área da metodologia que amparam o Capítulo 3 são: Figueiredo (1990), Godoy (1995), Bardin (2016), Carlomagno e Rocha (2016) e Silva e Hernández (2020).

O quarto capítulo traz a proposta para a elaboração de **“diretrizes para a implementação de um Programa de Internacionalização “at home” (IaH) ou em casa (IeC) nas instituições públicas de ensino superior brasileiras”**, incluindo ações estratégias de

forma ampla e generalista para a sua implementação em qualquer instituição pública de ensino superior brasileira.

Nas considerações finais, estão apresentados o encerramento do circuito proposto por esta pesquisa, observando-se que, para a questão-problema, o objetivo geral e os objetivos específicos foram atingidos e as metodologias e referenciais teóricos utilizados por esta pesquisa são ratificados e amplamente aceitos e difundidos por seus pares.

As referências encerram a pesquisa ao compilarem os pesquisadores citados nesta dissertação.

A pesquisa traz ainda dois apêndices para comprovar os dados referentes ao levantamento bibliográfico, incluindo autores, anos referentes às publicações e bases de dados de onde foram extraídas as informações.



## **2 INTERNACIONALIZAÇÃO – VINCULAÇÕES ENTRE CONCEITOS, FLUXOS E INTERCULTURALIDADE**

A articulação entre IES, internacionalização e globalização pode ser observada durante a busca pelo conhecimento que faz com que os estudantes procurem o conhecimento em lugares distantes do seu lugar de origem, via mobilidade, essa articulação pode ser considerada o início da internacionalização.

A internacionalização que ocorria via mobilidade em busca do conhecimento ou da ciência está atrelada ao que se convencionou chamar de ensino superior (Khurshid, 1972; Datta, 1970; Majcherek, 2008).

Internacionalização é um termo utilizado em diversas áreas, como ciências políticas e relações internacionais e governamentais, e desponta no cenário empresarial, industrial e acadêmico que passou a utilizá-la a partir da década de 1980, pois, até então, os termos mais utilizados em alguns países eram educação internacional e dimensão internacional (Knight, 1994).

Outros termos também são encontrados na literatura para definir internacionalização. Castro e Cabral Neto (2012, p. 71) apresentam os seguintes termos: “[...] educação internacional, cooperação internacional, educação transnacional, educação através das fronteiras, educação sem fronteiras”.

A pesquisadora e professora Jane Knight, que durante sua trajetória acadêmica desenvolveu pesquisas voltadas para o ensino e as políticas orientadas ao ensino superior no ocidente, entende a internacionalização como um fenômeno que abrange todo o contexto educacional.

As teorizações a respeito da internacionalização começaram a despontar no meio acadêmico em âmbito internacional a partir da segunda metade do século XX (Knight, 1994, 2004, 2007b, 2012a).

A biografia de Knight inclui conceitos e estratégias nas áreas de internacionalização, gestão institucional, garantia de qualidade no ensino, comércio internacional e educação transfronteiriça praticadas principalmente no ocidente. A sua vasta produção acadêmica lhe rendeu diversos prêmios por contribuições referentes às pesquisas do ensino superior, mas principalmente por sua contribuição no campo da internacionalização do ensino superior.

Pioneira nas pesquisas sobre o tema, Jane Knight, ainda no início da década de 1990, vislumbrou a relevância dos processos de internacionalização, dada a sua dinâmica abarcando

mudanças e evoluções, e não apenas atividades individualizadas e não institucionalizadas desenvolvidas pelas IES.

Nas décadas que se seguiram, esses processos se intensificaram promovendo a interação acadêmica, alcançando o seu ápice no momento em que o nível de internacionalização das IES passa a ser oficialmente considerado na elaboração dos *rankings* que elegem as melhores IES, não somente em âmbito local, regional, nacional, mas principalmente internacional.

## 2.1 INTERNACIONALIZAÇÃO – CONCEITOS

Knight desenvolveu o primeiro conceito de internacionalização voltada para o ensino superior em 1994, e, devido às suas constantes atualizações, esse conceito foi sendo adequado às mudanças ocorridas no cenário internacional. Seu primeiro conceito tratava da integração da dimensão internacional aos pilares básicos da educação superior, que são o ensino, a pesquisa e a extensão ou os serviços (termo utilizado para designar a extensão em diversos países) das IES (Knight, 1994).

Delgado-Márquez, Hurtado-Torres e Bondar (2011) classificaram essa fase inicial da internacionalização por perspectivas.

A **primeira** perspectiva é a da atividade, enfocando o currículo que deve estabelecer a compreensão e a cooperação entre as nações, isso gera parcerias significativas de longo prazo, educa cidadãos, desenvolve e estimula a dimensão intercultural que inclui a interação entre o corpo discente e o docente.

A **segunda** perspectiva entende a internacionalização do ensino superior pelo viés da competição, destacando o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e competências para que o egresso possa competir no mercado global, garantindo, assim, a qualidade, tanto no processo ensino/aprendizagem como na aquisição dessas competências (Wende, 1997; Soderqvist, 2002).

A **terceira** perspectiva é a do “*Ethos*”<sup>15</sup> que, no campo do comportamento, inclui tanto instituições quanto afazeres e, no campo da cultura, inclui valores, ideias ou crenças, sejam elas pessoais ou institucionais. Nessa perspectiva, a internacionalização baseia-se na criação de uma cultura voltada para as iniciativas interculturais e locais.

Para a **quarta** e última perspectiva, as autoras apresentam a argumentação de Knight destacando que suas intenções e preocupações se voltam para os processos. Knight enfatiza que

---

<sup>15</sup> “*Ethos*” pode ser definido como um conjunto de costumes e hábitos fundamentais que caracterizam uma sociedade, uma época ou uma região.

essa escolha foi intencional, pois considera a internacionalização como um processo contínuo e dinâmico que é “[...] muitas vezes pensado em termos de um modelo de educação em três partes – entrada, processo e saída”<sup>16</sup> (Knight, 2004, p. 11). Ao utilizar o termo “processos” em internacionalização, a autora refere-se aos processos que tenham a função integrativa das dimensões “[...] internacional ou intercultural nas funções de ensino, pesquisa e serviço da instituição”<sup>17</sup> (Knight, 1994, p. 7).

Em 2004, Knight atualizou seu próprio conceito de internacionalização adequando-o às transformações no panorama internacional, e, para tal, afirmou que a “[...] internacionalização a nível nacional/setorial/institucional é o processo de integração de uma dimensão internacional, intercultural ou global, nas funções ou prestação de educação pós-secundária”<sup>18</sup> (Knight, 2003, p. 2, tradução nossa).

Miura (2009), ao ampliar esse esclarecimento, reforça que, para a utilização do termo “processo” em internacionalização, é necessário que ele seja utilizado de forma a sustentar tanto a evolução do conceito quanto o seu desenvolvimento, distinguindo-o de ações isoladas que não estejam integradas.

A internacionalização pode ser definida como uma tríade, envolvendo as dimensões: internacional – referente às relações entre países, cultura ou nações; intercultural – que enfatiza a diversidade encontrada dentro dos países, comunidades ou instituições; global – que diz respeito ao âmbito planetário da internacionalização e do ensino superior e, por último, discute a integração referente a essas dimensões (Knight, 2003, 2004, 2007).

As dimensões internacional e intercultural garantirão a sustentabilidade no desenvolvimento de políticas e programas de internacionalização do ensino superior (Knight, 2004; Miura, 2009).

Para Stallivieri (2002a, p. 71), pesquisadora que é referência sobre o tema no Brasil, “[...] a internacionalização faz parte da vida acadêmica como forma de afirmar a missão social de universalização do conhecimento”. Morosini (2006, p. 108), por sua vez, afirma que “[...] a internacionalização é marca das relações entre as universidades”. Stallivieri (2016) afirma ainda que, ao se pensar a internacionalização, deve-se também pensar a comunicação entre pessoas de diferentes etnias, capacidades, valores, etc., visando ao desenvolvimento de competências globais. Para tanto, é preciso atentar entre outras coisas para a internacionalização curricular

---

<sup>16</sup> Often thought of in terms of a tri-part model to education-input, process, and output.

<sup>17</sup> International and intercultural dimension into the teaching, research and service functions of the institution.

<sup>18</sup> Internationalization at the national/sector/institutional levels is defined as the process of integrating an international, intercultural, or global dimension into the purpose, functions or delivery of post-secondary education.

por promover “[...] um rompimento de paradigma [sendo] um forte estímulo para o desenvolvimento de novas práticas pedagógicas e requer um esforço também, para o rompimento de padrões pré-estabelecidos pelas universidades” (Stallivieri, 2016, p. 162).

Jesus Sebastián (2004), pesquisador espanhol, agrega a característica atemporal, associando o conceito de internacionalização ao conceito de tecnologia. Segundo ele, trata-se de um fenômeno de múltiplas motivações crescendo em importância e visibilidade, haja vista que se “[...] beneficia dos avanços nas tecnologias da informação e da comunicação e se expressa em inúmeras e diferentes manifestações nos atores e processos envolvidos na educação superior”<sup>19</sup> (Sebastián, 2004, p. 13).

A International Association of Universities (IAU adota como referencial internacional o conceito proposto por Wit *et al.* (2015), uma vez que esses autores entendem a internacionalização do ensino superior como um “[...] processo intencional de integrar uma dimensão internacional, intercultural ou global no propósito, funções e entrega da educação pós-secundária, a fim de melhorar a qualidade da educação e pesquisa para todos os alunos e funcionários”<sup>20</sup> (Wit *et al.*, 2015, p. 283), esse entendimento contribui para o desenvolvimento da sociedade.

A internacionalização assume característica significativa, pois é inerente a esse processo o desenvolvimento de políticas e estratégias em âmbito institucional por meio da criação e da implementação dos Planos de Desenvolvimento Institucionais (PDI) e dos Planos de Institucionalização da Internacionalização (PPI). Desse modo, “[...] a inclusão da dimensão internacional e intercultural nas suas missões, no ensino, na pesquisa, na extensão e, muito fortemente, na gestão institucional [...]” (Stallivieri, 2016, p. 158) demonstra a tendência de expansão da internacionalização, tanto da mobilidade acadêmica quanto da IeC, exigindo das IES uma reorganização estrutural para a sua adequação a essa nova realidade.

## 2.2 INTERNACIONALIZAÇÃO E GLOBALIZAÇÃO NO CONTEXTO DO ENSINO SUPERIOR

A internacionalização do ensino superior traz atrelada a si o conceito de globalização, esses dois termos normalmente são utilizados como sinônimos pela literatura, mas é importante salientar que são conceitos independentes, porém inter-relacionados (Knight, 1999).

---

<sup>19</sup> Beneficia de los avances en las tecnologías de la información y comunicación y se expresa en numerosas y diferenciadas manifestaciones en los actores y procesos implicados en la educación superior.

<sup>20</sup> The intentional process of integrating an international, intercultural or global dimension into the purpose, functions and delivery of post-secondary education, in order to enhance the quality of education and research for all students and staff.

A globalização impacta o ensino superior e diversas outras áreas: economia, tecnologia, conhecimento, história, tradições e valores culturais e ideias dos países. Knight e Wit (1997, p. 6, tradução nossa) afirmam que a “[...] globalização afeta cada país de modo diferente devido à história individual, às tradições, à cultura e às prioridades da nação”<sup>21</sup>; já a internacionalização refere-se ao “[...] fluxo crescente de tecnologia, economia, conhecimento, pessoas, valores e ideias através das fronteiras”<sup>22</sup> (Knight; Wit, 1997, p. 6, tradução nossa).

Knight (2007a), ao abordar os temas internacionalização, globalização e ensino, aponta a interdependência dos termos dizendo que “[...] a internacionalização está transformando o mundo do ensino superior e a globalização está mudando o mundo da internacionalização”<sup>23</sup> (Knight, 2007a, p. 134, tradução nossa). A autora vai além ao destacar que ambos os conceitos de internacionalização e de globalização alinham-se ao ensino superior formando uma tríade inseparável que se retroalimenta, pois afeta os diferentes países de várias formas.

Na prática, a aplicação dessa tríade promove a circulação de indivíduos, valores e concepções culturais e promove o conhecimento da ciência, da tecnologia e da economia, aumentando a interligação e tornando as nações interdependentes, desse modo, o setor educacional é o que sofre o maior impacto (Knight, 2005).

Phillip Altbach (2004, p. 4, tradução nossa), ao criticar a relação intrínseca entre as universidades e a globalização, alerta que a “[...] a globalização não pode ser completamente evitada. A história mostra que quando as universidades se colocam alheias às tendências econômicas e sociais, tornam-se moribundas e irrelevantes”<sup>24</sup>.

A influência que a globalização vem imprimindo no ensino superior é uma realidade do século XXI (Altbach; Reisberg; Rumbley, 2009). Essa influência, juntamente com a aglutinação promovida com as tecnologias da informação e comunicação, molda a economia mundial e as redes internacionais de conhecimento, fazendo com que o inglês desponte como idioma referencial, além de gerar diversos fatores externos incontroláveis nas instituições. Portanto, para esses autores, a internacionalização pode ser entendida “[...] como a variedade de políticas e programas que as universidades e os governos implementam para responder à globalização”<sup>25</sup> (Altbach; Reisberg; Rumbley, 2009, p. 7, tradução nossa).

---

<sup>21</sup> Globalization affects each country in a different way due to a nation’s individual history, traditions, culture and priorities.

<sup>22</sup> Increasing flow of technology, finance, trade, knowledge, people, values, and ideas across borders.

<sup>23</sup> Internationalization is transforming the world of higher education and globalization is changing the world of internationalization.

<sup>24</sup> Globalization cannot be completely avoided. History shows that when universities shut themselves off from economic and societal trends, they become moribund and irrelevant.

<sup>25</sup> As the variety of policies and programs that universities and governments implement to respond to globalization.

A interdependência da tríade internacionalização X globalização X ensino superior pode ser verificada na Figura 1.

Figura 1 – Tríade: Interdependência da Internacionalização, Globalização e Ensino Superior, proposto por Knight (2007)



Fonte: Adaptada de Knight (2007a, p. 134)

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) na conferência mundial sobre educação no ano de 1998 apresentou como foco em uma das suas quatro comissões a cooperação internacional, que aparece junto com outros tópicos relevantes como a melhoria da qualidade, da administração e do financiamento da educação superior. E como resultado, a Declaração Mundial da Conferência de 1998 destacou, no seu artigo 11, parágrafo “b”, que a qualidade do ensino superior caracteriza-se por sua dimensão internacional e, para tal, apresenta “[...] intercâmbio de conhecimento, redes interativas, mobilidade dos professores e estudantes e projetos internacionais de pesquisa, ao mesmo tempo que leva em conta os valores culturais e as circunstâncias dos países” (Unesco, 1998).

Ainda com relação ao relatório da conferência mundial de 1998, pode-se destacar as tendências e o desenvolvimento da educação superior. Enfatiza-se ser necessário que as IES voltem ao seu *status* de centros percursores na produção do conhecimento, retomando a responsabilidade ética para assegurarem o futuro de seus egressos, como também, e principalmente, o futuro da humanidade, com o intuito de promover a inclusão e inserir as IES como integrantes de uma rede mundial para a disseminação do conhecimento.

## 2.3 MODELOS DE INTERNACIONALIZAÇÃO

Vários foram os autores que propuseram modelos de internacionalização a serem executados nas instituições. Os mais relevantes foram os apresentados por Neave (1992), Davies (1992, 2001, 2003), Knight (1994), Rudzki (1995a, 1995b, 1998), Wende (1997), sendo que os modelos desenvolvidos por Knight (1994) e Rudzki (1998) são os mais praticados pelas IES, não somente no Brasil como no mundo.

O modelo de Hudzik apresenta a “*comprehensive internationalization*”, ou internacionalização abrangente, que identifica elementos-chave que qualquer IES possa utilizar como referencial para avaliar os seus níveis de atividade internacional.

Figura 2 – Internacionalização abrangente: apresentando os seis estágios



Fonte: Adaptada de ACE (2022)

Esse modelo proposto por Hudzik (2011) está baseado em seis estágios, podendo ser adaptado para avaliar qualquer IES, independentemente da área ou do país em que esteja localizada a instituição.

Knight (1994) propôs o modelo do ciclo de internacionalização (Figura 3) e enfatizou que a internacionalização não é linear, mas é um processo cíclico. Ele desenvolveu também a perspectiva de uma estratégia holística para a internacionalização e, para torná-la viável, aborda de forma flexível e interconectada um processo cíclico (Knight, 1994).

O modelo de Knight é composto de seis fases bidirecionais, permitindo que cada instituição execute o ciclo dentro do seu ritmo. Ele enfatiza a individualidade na aplicação do ciclo, pois cada instituição terá o seu nível de desenvolvimento, os indicadores gerais e as estratégias voltados para os objetivos institucionais. E, devido aos seus objetivos e aos

diferentes estágios de desenvolvimento do seu processo de internacionalização, deve-se determinar os critérios de verificação da adesão ao ciclo, tanto das unidades acadêmicas quanto das unidades administrativas, dentro do processo em curso.

Os modelos de Hudzik e de Knight são amplamente difundidos e implementados na maioria das IES do mundo, mas principalmente nas IES brasileiras.

Figura 3 – Ciclo da internacionalização proposto por Knight (1994)



Fonte: Adaptada de Knight (1994, p. 11)

A próxima seção abordará os fluxos que caracterizam o processo de internacionalização, esses fluxos são de mobilidade acadêmica internacional e internacionalização em casa IeC.

## 2.4 FLUXOS DA INTERNACIONALIZAÇÃO: MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL E INTERNACIONALIZAÇÃO EM CASA IEC

A internacionalização acontece em dois fluxos distintos: internacionalização em casa IeC e mobilidade acadêmica internacional. Knight salienta que o primeiro fluxo da internacionalização é onde se incluem as “[...] atividades de internacionalização que **ocorrem no câmpus** [ou seja], **em casa**, e o segundo fluxo se refere às atividades que acontecem **no exterior** ou, em outras palavras, **através das fronteiras**”<sup>26</sup> (Knight, 2004, p. 26, tradução e

<sup>26</sup> Internationalization activities that occur on the home campus and the other stream relates to those activities that happen abroad or, in other words, across borders.



grifos nossos). É importante salientar que a mobilidade é muito mais ampla que apenas o deslocamento físico, ela abrange aspectos socioeconômicos, políticos e hábitos culturais, envolvendo ainda seus significados (Castro; Cabral Neto, 2012). Ambas as modalidades de internacionalização enfatizam os resultados da aprendizagem dos alunos, incluindo predominantemente “[...] conhecimentos, habilidades e valores internacionais e interculturais”<sup>27</sup> (Knight, 2012a, p. 20, tradução nossa).

A seguir serão explicitados os dois fluxos da internacionalização, sendo o primeiro o que se refere à mobilidade acadêmica internacional e seus desdobramentos e o segundo a ser apresentado refere-se à internacionalização em casa IeC e seus desdobramentos.

#### 2.4.1 A Mobilidade Acadêmica Internacional

A mobilidade acadêmica internacional é a vertente mais antiga e também a mais visível da internacionalização, tem suas origens, historicamente comprovadas, em períodos que remontam à Idade Antiga, por volta do século V d.C. (Datta, 1970; Khurshid, 1972).

Os estudantes, tal como os peregrinos, saíam pelo mundo (conhecido na época) em busca do conhecimento onde quer que este se encontrasse em um “*peregrinatio sciência*”<sup>28</sup>.

Esse movimento não cessou com o surgimento das universidades europeias, ao contrário, a mobilidade tornou-se uma vigorosa ferramenta na busca pelo conhecimento. Nesse momento de surgimento e de consolidação das universidades europeias, intensificou-se o movimento amplamente difundido na literatura como “*peregrinatio acadêmica*”.

Mobilidade acadêmica internacional refere-se aos serviços educacionais fornecidos aos alunos localizados, física ou virtualmente, em países diferentes de onde se localiza a sua instituição de origem (Knight, 2005). Knight (2007a, p. 136) apresenta mobilidade acadêmica internacional ou transfronteiriça “[...] como o movimento de cursos e programas individuais de educação/formação através das fronteiras nacionais por meio de modelos de ensino presencial ou à distância ou uma combinação destes”<sup>29</sup>.

---

<sup>27</sup> International and intercultural knowledge, skills, and values.

<sup>28</sup> O termo refere-se à peregrinação que acontecia em tempos antigos, quando um mestre, ou estudante, saía pelo mundo em busca do conhecimento. Salienta-se que o termo “*peregrinatio acadêmica*” não é adequado, dada a inexistência, nesse período histórico, do conceito de academia, que surgirá somente por volta do século XV.

<sup>29</sup> As the movement of individual education/training courses and programs across national borders through face-to-face or distance learning models or a combination thereof.

Para Teichler (2009, p. 94, tradução nossa), a mobilidade “[...] é a atividade internacional mais visível e está na vanguarda dos programas que visam promover a internacionalização”<sup>30</sup>.

Na literatura especializada, a mobilidade acadêmica internacional é apresentada como seu aspecto não somente mais visível, mas também o mais significativo. A esse respeito, Knight (2007a, p. 134, tradução nossa) reitera que “[...] a mobilidade internacional de estudantes e estudiosos representam as formas mais antigas de mobilidade acadêmica”<sup>31</sup>. Corroboram essas afirmativas alguns especialistas na área de internacionalização (Knight; Wit, 1997, 2018; Acevedo Marin; Brasil, 2004; Wit, 1998, 2011, 2013; Morossini, 2006; Stallivieri 2002a; 2002b; Lima; Maranhão, 2009; Laus, 2012).

A professora doutora especialista no tema Luciane Stallivieri, por sua vez, enfatiza que a criação de redes de relacionamento internacionais, propostas pela mobilidade acadêmica de “[...] estudantes, professores e de gestores, intensifica, com muita voracidade, os laços transnacionais, estabelecendo conexões e criando redes de saber universal [...]” (Stallivieri, 2002b, p. 17), o que promove o reconhecimento internacional e a interação nos âmbitos acadêmicos, socioeconômicos, ambientais, políticos, entre outros.

A mobilidade acadêmica internacional é subdividida em dois tipos:

1. **Mobilidade acadêmica do tipo “inbound”**, ou simplesmente mobilidade “in”, refere-se à expressão em inglês para “de entrada”, que identifica a recepção de acadêmicos advindos de instituições estrangeiras. Rudzik (1998) definiu o estudante “inbound” como sendo o estudante estrangeiro que está sendo recebido para concluir seus estudos, tanto no nível de graduação quanto de pós-graduação, integralmente, ou em parte, na instituição anfitriã.
2. **Mobilidade acadêmica do tipo “outgoing”, ou “outbound”**, também conhecida como mobilidade “out”. “Outgoing” é um termo alusivo àquele “que sai”, já o termo “outbound” significa “de saída”, ambos amplamente difundidos não somente por IES, mas também por órgãos governamentais brasileiros. Ambos os termos são aplicados aos estudantes que deixam a sua instituição de origem e saem para estudar em uma instituição internacional (Rudzki, 1998). A divergência nos termos se dá pela falta de padronização terminológica em relação a toda a área da internacionalização, que ocorre não somente no Brasil como em todo o mundo.

---

<sup>30</sup> The most visible international activity, and it is in the forefront of programs aiming to promote internationalization.

<sup>31</sup> The international mobility of students and scholars represent long-standing forms of academic mobility.

Dados de Geocapes (2019), referentes à mobilidade acadêmica internacional no Brasil, mostram que aproximadamente 0,6% dos estudantes universitários brasileiros têm acesso à mobilidade acadêmica internacional. Isso evidencia que apenas uma parcela ínfima da população acadêmica das IES tem acesso a essa modalidade de internacionalização.

Portanto, é imperativo que as estratégias referentes aos processos de internacionalização implementados pelas IES brasileiras busquem alternativas para incluir um número de estudantes maior para os programas de internacionalização e ofereçam benefícios que promovam, além dos conhecimentos acadêmicos, a cooperação internacional entre todas as nações (não somente as tecnologicamente desenvolvidas). Ainda, é importante respeitar a diversidade, já que isso desenvolve a responsabilidade cultural e as práticas sociais, etnorraciais, socioeconômica, ambiental, linguística para todas as sociedades (Morosini; Dalla Corte, 2018; Knight, 2012b; Stallivieri, 2009).

A maior crítica em relação à mobilidade acadêmica internacional é a sua condescendência em tratar a educação como mercadoria, “[...] a noção de ensino superior como mercadoria negociável é um desafio aos valores tradicionais do ensino superior – especialmente a ideia de ensino superior como um bem público e uma responsabilidade pública”<sup>32</sup> (Matsuura, 2006, p. 8, tradução nossa). Com a mercantilização inserida no contexto global, faz-se necessário que haja uma reflexão sobre como ela afeta a educação em todos os seus níveis, em especial na educação superior.

#### 2.4.2 Internacionalização em Casa IeC

Como não poderia deixar de ser, a internacionalização em casa IeC teve suas origens atadas ao conceito geral de internacionalização.

Seu nome se deve ao fato de suas ações ocorrerem, majoritariamente, dentro do câmpus, ou seja, **em casa**, mesmo quando incluem atividades ou experiências fora do câmpus, desde que sejam ações de **curta duração**, como a participação em eventos acadêmicos (colóquios, seminários, congressos, conferências, etc.). Também é recomendado que se estimule a participação em eventos culturais, como cursos, palestras aulas experimentais, atividades esportivas, bem como toda a sorte de atividades interculturais que uma universidade tem condições de disponibilizar, sendo estas organizadas e praticadas em casa ou oferecidas fora do câmpus, disponibilizadas por parcerias institucionais.

---

<sup>32</sup> The notion of higher education as a tradable commodity is a challenge to the traditional values of higher education – especially the idea of higher education as a public good and a public responsibility.

É importante ressaltar que a internacionalização em casa tem como eixo central a disponibilidade do **letramento em língua estrangeira**, sem o qual não existe o processo de internacionalização, simultaneamente ao desenvolvimento das atividades acadêmicas vinculadas a experiências interculturais. Essas três linhas de ação são indissociáveis para a prática da IeC em qualquer IES, formando um tripé para a IeC.

A internacionalização, originalmente cunhada como internacionalização “*at home*” foi traduzida de forma literal para o português como internacionalização “em casa” IeC. É apresentada na literatura como sinônimo de internacionalização doméstica ou ainda como internacionalização interna. Trata-se de uma temática que vem florescendo e tomando intensidade nas discussões sobre as políticas públicas de internacionalização do ensino superior no Brasil e no mundo.

Sobre a internacionalização em casa, em 1998, quando Bengt Nilsson assumiu o escritório internacional da Universidade de Malmö, fundada no mesmo ano, ele percebeu nos seus primeiros anos de atuação na instituição que apenas 10% dos, aproximadamente, cinco mil alunos aderiam à mobilidade acadêmica internacional e que os outros 90% dos alunos não tinham acesso ou mesmo interesse em incorporar em seu currículo acadêmico uma experiência de mobilidade acadêmica internacional.

Na procura por alternativas, Nilsson pesquisou na literatura especializada e percebeu que existiam várias ações, entre elas, é possível citar: salas de aula internacionalizadas, câmpus internacionalizado, currículos internacionalizados, Massive Open Online Courses (MOOCs), Colaborative Online International Learning (COIL), English as a Medium of Instruction (EMI), cooperações internacionais, entre outros até então utilizados isoladamente e que até aquele momento não haviam sido vislumbrados como aglutinadores para um novo ramo de internacionalização. A partir dessa iniciativa, foram disponibilizadas maneiras de consolidar as ações já existentes, proporcionando à comunidade acadêmica a possibilidade da inclusão de uma dimensão internacional ao seu currículo durante seu percurso no ensino superior (Nilsson, 2003).

Nilsson (2003, p. 31) cunhou o primeiro conceito de Internacionalização “*at home*” o qual ele definiu como “[...] qualquer atividade relacionada internacionalmente, com exceção de mobilidade de estudantes para o exterior”<sup>33</sup>.

Wächter (2003) alerta sobre duas preocupações que devem constar quando se pensar na implementação da IeC. Na primeira preocupação, ele enfatiza que a “[...] educação

---

<sup>33</sup> Any internationally related activity with the exception for outbound student mobility.

internacional, particularmente em IeC, precisa aparecer no conteúdo da educação”<sup>34</sup> (Wächter, 2003, p. 10, tradução nossa). Já a segunda preocupação é em relação à ausência da língua estrangeira, pois, para que possa ser chamada de

[...] educação internacionalizada, deve permitir que os graduados se comuniquem através das fronteiras. Se não conseguirem, a internacionalização não acontecerá. Portanto, um componente de idioma estrangeiro precisa ser integrado à IaH<sup>35</sup> (Wächter, 2003, p. 10, tradução nossa).

O processo de internacionalização é conduzido transversalmente pelo ensino das línguas estrangeiras.

Knight entende que a IeC é aquela que vai enfatizar as estratégias de internacionalização desenvolvidas no câmpus, podendo inclui-las no processo de ensino-aprendizagem. Além disso, pode incluir ainda ações e dimensões interculturais e internacionais de “[...] pesquisa, atividades extracurriculares, relacionamento com a comunidade cultural e grupos étnicos locais, bem como integração de estudantes e acadêmicos estrangeiros na vida e nas atividades do câmpus”<sup>36</sup> (Knight, 2012a, p. 23, tradução nossa).

Para Jos Beelen e Elspeth Jones (2015, p. 69), a internacionalização em casa “[...] é a integração intencional de experiências internacionais e interculturais de dimensões no currículo formal e informal para todos os alunos nos ambientes de aprendizagem nacionais”<sup>37</sup>. A IeC vai além, promovendo uma integração entre estudantes ou profissionais estrangeiros que estejam na instituição, via processo “*inbound*”, com a comunidade acadêmica local, podendo efetuar parcerias com entidades locais, regionais, nacionais e, principalmente, internacionais. Essa integração visa a disponibilizar não somente o maior número de atividades, mas também a maior variabilidade intercultural de atividades para a comunidade acadêmica, aproveitando os recursos, tanto de dentro da instituição como os disponibilizados por entidades parceiras (nacionais e internacionais).

A IeC é uma proposta para ensino superior que cria um ambiente internacionalizado dentro da instituição. Proporciona à comunidade universitária experiências internacionais com cursos em língua estrangeira, contratação de professores e pesquisadores internacionais, promoção da diversidade cultural e da colaboração acadêmica internacional. Busca, por meio

<sup>34</sup> International education, particularly in IaH, needs to show in the content of education.

<sup>35</sup> Internationalized education should enable graduates to communicate across borders. If they cannot, internationalization will not come off. Therefore, a foreign-language component needs to be integrated into IaH.

<sup>36</sup> [...] research, extracurricular activities, relationships with local cultural and ethnic community groups, as well as the integration of foreign students and scholars into campus life and activities.

<sup>37</sup> The purpose ful integration of international and intercultural dimensions into the formal and informal curriculum for all students within domestic learning environments.

de ações, a diversidade cultural, a democratização dos processos de internacionalização, a colaboração e a cooperação internacional, atraindo talentos internacionais para a instituição.

A internacionalização em casa IeC pode ser identificada ainda como internacionalização “*inbound*”, termo traduzido como “de entrada” ou ainda “*in*”. Esse uso se justifica, uma vez que, entre outras atividades da IeC, está a promoção da interação entre seus participantes (professores, alunos e servidores) em mobilidade ou que visitam a instituição. E pelo mesmo motivo também se caracteriza como internacionalização ativa, dada a participação dos “entrantes” no processo de internacionalização em atividades destinadas à IeC.

Outra forma de caracterizar a internacionalização em casa IeC é como mobilidade horizontal, pois as instituições ou mesmo ações referentes à mobilidade são vistas em nível de “igualdade” (Stallivieri, 2017a). Além disso, a mobilidade horizontal pressupõe sua realização por um período de tempo menor. Justificando, a participação em eventos de curta duração pelos seus membros, mas sem confundi-los com a mobilidade acadêmica internacional (Stallivieri, 2017a).

A IeC promove uma integração entre estudantes ou profissionais estrangeiros que estejam na instituição, via processo “*inbound*”, com a comunidade acadêmica. Morosini (2017, p. 292), por sua vez, enfatiza que “[...] se universidades querem ser verdadeiramente internacionais, elas devem começar em casa [...]”, ou seja, de nada adianta ter visitantes estrangeiros se eles não contribuírem para a prática de ações internacionalizadas promovidas pela instituição.

Para Wit e Leask (2015, p. 11), o maior destaque e importância do componente “em casa” seria a constatação de que a IeC não verifica somente os resultados, mas a implicação da qualidade dos programas oferecidos, democratizando o acesso e concentrando-se nos resultados do processo de IeC disponibilizados para a comunidade acadêmica.

A internacionalização, caracterizada pelos dois fluxos em que ela ocorre, objetiva a melhora da qualidade do tripé que sustenta o ensino superior das IES, ou seja, ensino, pesquisa e extensão, oferecidos para a sociedade.

A internacionalização em casa IeC procura promover a compreensão intercultural e a diversidade cultural no câmpus universitário. Oferece oportunidades de aprendizado em língua estrangeira para a comunidade universitária, fomentando a pesquisa colaborativa e a cooperação acadêmica internacional, atraindo estudantes, pesquisadores e professores internacionais para a instituição e preparando os estudantes para o mercado global de trabalho. Promove uma série de benefícios para a instituição e para a comunidade acadêmica.

As vantagens na implementação da internacionalização em casa IeC são a indicação de custos reduzidos, a valorização cultural dos membros da comunidade acadêmica, bem como o atendimento de um número significativamente maior dessa comunidade. Essas vantagens apresentam uma alternativa para a mercantilização do ensino superior, pois mantêm os escassos recursos que são cada vez menores disponibilizados para a internacionalização dentro da instituição, visto que sua eficácia e seus resultados são comparáveis aos dos programas de mobilidade acadêmica internacional.

Entre os principais benefícios da internacionalização em casa, é possível citar:

- a) Letramento em língua estrangeira;
- b) Melhora na qualidade do ensino, da pesquisa e da extensão;
- c) Promoção da diversidade cultural por meio da cooperação acadêmica internacional;
- d) Criação de ambiente internacionalizado no câmpus universitário;
- e) Responsabilidade social para com o desenvolvimento e a transferência de conhecimentos e inovações;
- f) Atração de pesquisadores, professores estudantes internacionais para a instituição;
- g) Equidade de acesso e qualidade no ensino superior;
- h) Criação de redes e parcerias internacionais entre IES;
- i) Contribuição para o desenvolvimento econômico e social dos países envolvidos;
- j) Aumento da empregabilidade dos egressos (Unesco, 2009).

Dessa forma, para os países em desenvolvimento, a internacionalização em casa IeC pode ser uma alternativa concreta e exequível para promoção do desenvolvimento econômico, educacional, social e do letramento em língua estrangeira, tornando acessível a todos, ou pelo menos ao maior número possível de membros da comunidade acadêmica, a oportunidade de acesso à educação internacional de qualidade ofertadas pelas IES brasileiras.

A IeC contribui para o fortalecimento das instituições de ensino superior, aumentando sua visibilidade e reputação internacional, atraindo investimentos e parcerias e favorecendo a transferência de conhecimento, tecnologia e inovação. Promove o desenvolvimento de habilidades e competências interculturais, que são essenciais em um mundo diverso e globalizado.

A pandemia de Covid-19 obrigou o distanciamento social ao determinar “*lockdowns*” em praticamente todos os países, restringiu as viagens internacionais que impactaram drasticamente os programas de mobilidade acadêmica internacional, trazendo de volta para casa

todos aqueles que quiserem e puderam retornar. Esse contexto exigiu uma rápida adaptação pelas instituições de ensino que se utilizou das tecnologias digitais para possibilitar a interação virtual.

É nesse cenário caótico que a internacionalização em casa IeC ressurgiu como uma alternativa absolutamente viável de baixo custo, possibilitando, ainda, o acesso de um número significativo dos membros da comunidade acadêmica aos benefícios que o processo de IeC pode propiciar às instituições.

A inclusão das ações previstas pela IeC no currículo escolar pode ocorrer via reconhecimento de créditos cursados por meio de atividades complementares, curriculares e extracurriculares, atividades optativas, estágios, entre outras atividades (cursos, seminários, palestras). Via de regra, essas atividades devem ser previamente definidas pelos cursos com carga horária mínima exigida e comprovação certificada e devem ser cumpridas no percurso acadêmico dos alunos para depois figurarem como hora aula no histórico escolar, documento que acompanhará o egresso para toda a sua vida profissional.

A decisão sobre quais desses aspectos devem ser incluídos no portfólio de ações a serem desenvolvidas no programa de IeC pela instituição é uma atribuição da administração central, juntamente com os responsáveis diretos pela internacionalização. De forma geral, é necessário um escritório ou secretaria para tratar sobre internacionalização, com o respaldo de toda a comunidade acadêmica, e, entre suas atribuições, deve constar a implementação da internacionalização em casa e não somente a promoção da mobilidade acadêmica internacional.

## 2.5 A INTERNACIONALIZAÇÃO EM CASA E A FORMAÇÃO DO CIDADÃO GLOBAL

Para a formação do cidadão global considera-se que os eventos, tanto locais quanto globais, afetam-se mutuamente em escalas e níveis diferenciados. E eles continuam nos afetando de forma contínua, seja presencial ou virtualmente, por meio da internet que conecta todos em tempo real.

A literatura especializada alerta sobre o papel que o ensino superior desempenha na formação do cidadão global, indicando que a internacionalização é um processo que engloba aspectos não somente internacionais, mas também locais e que deveriam figurar como a quarta missão universitária. Nesse sentido, Santos e Almeida Filho (2012, p. 57) afirmam que

[...] cabe às universidades chamarem para si as responsabilidades que detêm, desempenhando o papel de motor de desenvolvimento a despeito de natureza política ou ideológica, de origem, de localização geográfica ou de opção estratégica.



A internacionalização encontra na educação a ferramenta potencializadora dos profissionais que se destacam no mundo interconectado e globalizado.

Nesse contexto educacional, o desafio do ensino superior na formação do cidadão global está em seu grau de internacionalização, preparando seus egressos para a interação com ambientes multiculturais, sendo implementada segundo a visão e as pretensões de cada IES e garantindo os objetivos e a diversidade almejada institucionalmente (Stallivieri, 2017b; Santos; Almeida Filho, 2012).

Dentro dessa realidade de interconexão global, Gonçalves (2012) conceitua cidadão global como sendo a pessoa que habita o planeta independentemente da sua localidade, país ou passaporte. Ela entende que cidadão global é caracterizado pela responsabilidade na construção e no desenvolvimento sustentável que zela pelas futuras gerações ao garantir a permanência humana no planeta, conscientizando-se pela escolha dos nossos comportamentos que afetam, não somente o cidadão, mas a todos os outros povos e criaturas vivas, pois todos nós compartilhamos o mesmo planeta e somos dependentes dos mesmos recursos que garantem, não somente a nossa sobrevivência atual, como também a sobrevivência das gerações futuras (Gonçalves, 2012).

Chegou-se a um ponto, no processo civilizatório, em que a competência tecnológica é importante, mas não é o suficiente para a atuação no mundo globalizado. São exigidas competências sociais, políticas, econômicas, ambientais, éticas, entre outras. Essas competências possuem uma abrangência holística para atuação em qualquer parte do planeta, mas não necessariamente exigem a presença física para a interação. Sendo assim, essa competência é denominada competência intercultural, a qual caracteriza o cidadão global como aquele que sabe usar os conhecimentos de si mesmo, da sua cultura (institucional, local e nacional) e as influências interculturais, utilizando-se da empatia e controlando as suas expectativas para que seja possível gerenciar as situações diante do outro (Finardi; Guimarães, 2018).

Esse é o ponto de fusão entre internacionalização em casa IeC e interculturalidade, pois ambas têm papel essencial na formação desse novo cidadão globalizado.

A interculturalidade é um conceito que propõe um conjunto de relações de convivência entre culturas diferentes, estimulando, assim, a educação, a interação, a compreensão, o respeito, a cidadania, a equidade, a tolerância, o diálogo democrático e heterogêneo exercidos por diferentes grupos étnicos, ampliando seus horizontes de atuação (do local para o global e vice-versa), emergindo, assim, um cidadão global e contemporâneo.

A Unesco defende a educação intercultural como um aspecto essencial à Educação para a Cidadania Global (ECG). De acordo com a Unesco (2015, p. 11), a ECG disponibiliza por meio da cooperação internacional “[...] a transformação social de uma forma inovadora em direção a um mundo mais justo, pacífico, tolerante, inclusivo, seguro e sustentável”. A ECG busca a promoção de uma educação voltada para o desenvolvimento humano, baseado na ética, o que contribui para a formação de cidadãos capacitados na resolução dos problemas globais comuns a toda a humanidade (Garcel-Ávila, 2017).

Esse sentimento de pertencimento a uma comunidade mais ampla chama-se humanidade e é promovido pela ECG. Observa-se a promoção de um “olhar global” que vincula o local ao global e o nacional ao internacional. Também indica um modo de entender, agir e se relacionar com os outros e com o meio ambiente no espaço e no tempo, com base em valores universais, por meio do respeito à diversidade e ao pluralismo. Nesse contexto, a vida de cada indivíduo tem implicações em decisões cotidianas que conectam o global com o local, e vice-versa (Unesco, 2015).

As IES apresentam-se como formadoras de novos cidadãos, promovendo a atualização curricular, e de práticas profissionais que habilitam seus egressos para a atuação num mercado de trabalho cada vez mais competitivo e, agora, em escala mundial. É preciso ficar alerta para que a formação profissional vá além das capacidades técnicas, que, de forma geral, estão em conformidade com as exigências do mercado, cumprindo seu papel com a sociedade. E para que isso ocorra, as IES se apropriam do método CHA<sup>38</sup>, que é constituído pela formação de competências que integram e interagem em três pilares: o Conhecimento, ou seja o saber fazer; a Habilidade, referindo-se à capacidade de aplicação dos conhecimentos aprendidos; e, por último, a Atitude, simbolizando a proatividade, na qual o indivíduo se antecipa na resolução dos problemas.

A OECD define competência global como a

[...] capacidade para examinar questões locais, globais e interculturais, entendendo e legitimando as perspectivas e visões de mundo dos outros, envolvendo-se em atividades e interações eficazes e apropriadas, com as pessoas de diferentes culturas agindo em prol do bem-estar coletivo e do desenvolvimento sustentável<sup>39</sup> (OECD PISA, 2018, p. 7, tradução nossa).

---

<sup>38</sup> A formação desse acrônimo acontece pela apropriação das iniciais das letras desses pilares: Conhecimento, Habilidades e Atitudes (CHA).

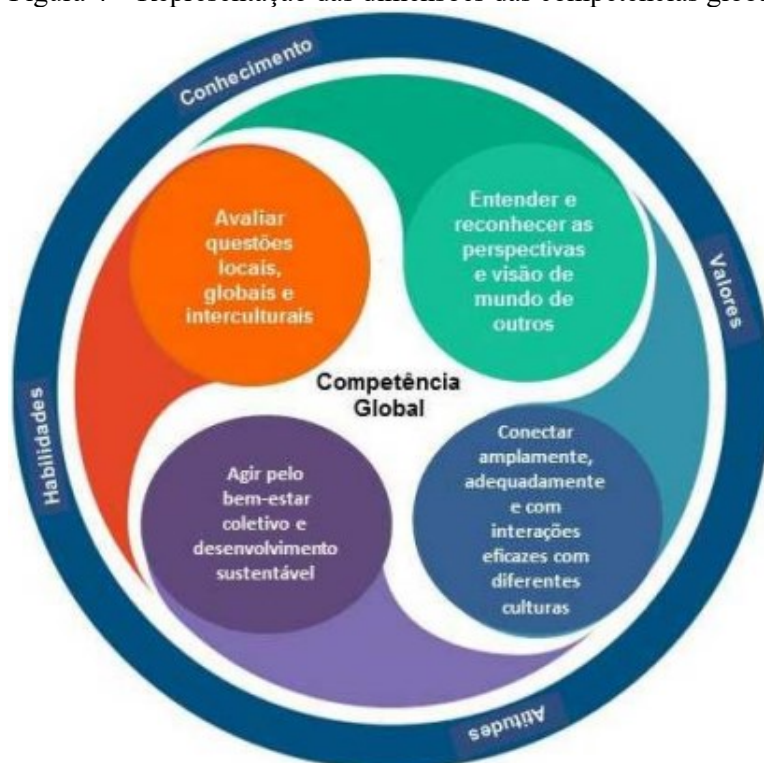
<sup>39</sup> Capacity to examine local, global and intercultural issues, to understand and appreciate the perspectives and world views of others, to engage in open, appropriate and effective interactions with people from different cultures, and to act for collective well-being and sustainable development.

A OECD PISA (2018) definiu as dimensões das competências globais e acrescentou ao método CHA a dimensão dos valores. Para a OECD PISA (2018, p. 18), os valores transcendem as atitudes, eles “[...] servem como padrões e critérios que as pessoas usam de forma consciente e inconscientemente em seus julgamentos [...]”, motivando atitudes e valores que, por sua vez, geram comportamentos, os quais caracterizam toda e qualquer reação, ou conjunto de reações, sejam elas individuais ou de instituições em relação ao meio em que se inserem.

Para a OECD PISA (2018), a valorização da dignidade humana por meio das culturas e da diversidade, por elas apresentadas, colabora para a concretização das dimensões das competências globais, tornando os cidadãos globais mais conscientes das suas responsabilidades e envolvendo outras culturas. Essa valorização desenvolve uma participação ativa na comunidade para que se possa compreender o mundo de forma global, visando o trabalho coletivo para a transformação do planeta em um ambiente pacífico, sustentável e justo. Ou seja, um cidadão que compreende o mundo em que está inserido.

Cabe a esse profissional, que egressa das IES, apresentar empatia aos outros seres com os quais compartilhamos o planeta, sejam eles humanos ou não.

Figura 4 – Representação das dimensões das competências globais



Fonte: Adaptada de OECD PISA (2018, p. 11)

Nesse contexto, a IeC apresenta vantagens em sua aplicabilidade, uma vez que, mesmo com a permanência dos estudantes em casa, é possível aprender significativamente “[...] a partir de encontros intersubjetivos nas comunidades estudantis internacionais e/ou aventurarem-se em novas amizades com outras pessoas significativas<sup>40</sup>” (Killick, 2012, p. 383, tradução nossa). Essa interação que a IeC proporciona é a aprendizagem mútua entre os membros externo e internos da comunidade universitária, a qual pode ser tão significativa quanto as interações vivenciadas pelos alunos em intercâmbio, construindo uma comunidade acadêmica internacional a partir de perspectivas institucionais, locais e nacionais (Killick, 2012).

As concepções de Killick (2012) vêm ao encontro das ideias já apresentadas por Knight (2005) sobre a IeC, quando ele aponta a sua aplicabilidade dentro do câmpus, incluindo no processo ensino/aprendizagem as dimensões interculturais e internacionais e desenvolvendo, nesse processo, as “[...] atividades extracurriculares, relacionamento com grupos de comunidades locais, culturais e étnicos e integração de estudantes estrangeiros e profissionais na vida do câmpus” (Knight, 2005, p. 27, tradução nossa).

O núcleo central da IeC é a obrigatoriedade de o ensino estar relacionado ao aprendizado em língua estrangeira, sem a qual não há IeC (Wächter, 2003). Para isso, propõe-se que todas as ações se estruturam ao redor da promoção do letramento em línguas estrangeiras como eixo central de um programa de IeC. Portanto, para que haja IeC, é imprescindível que as IES invistam em letramento em língua estrangeira.

Existem vários tipos de letramento que vão além da aprendizagem de leitura, escrita e interpretação do conhecimento, eles se utilizam de recursos, ou seja, correspondem aos métodos tradicionais de alfabetização. O letramento acadêmico é um deles que se preocupa além dos conteúdos apresentados nas disciplinas, perpassando pela socialização de seus membros.

Já o letramento em língua estrangeira vai além ao propor uma “alfabetização” em língua estrangeira, inserindo-a no cotidiano institucional, pela sua prática simultânea com as atividades, acadêmicas e interculturais disponibilizadas para a sua comunidade (Cristovão; Lopes, 2016).

Mesmo a globalização incentivando a prática do inglês, é fundamental que várias línguas devam fazer parte do portfólio acadêmico para letramento em línguas estrangeiras, incluindo línguas de uso minoritárias, como as línguas de povos originários.

No presente período histórico, o inglês é a língua mais difundida, quiçá hegemônica em contextos variados, principalmente no meio acadêmico. Entretanto, é evidente a carência do

---

<sup>40</sup> From intersubjective encounters within international student communities and/or through venturing into new friendship with significant others.

domínio, em especial do inglês, mesmo ele sendo considerado o idioma científico amplamente difundido na academia. Daí a necessidade de letramento multilinguístico, como eixo central da IeC.

A percepção de que apenas uma pequena proporção de estudantes participa da mobilidade internacional e de que há limitações inerentes à mobilidade de populações inteiras de estudantes e instituições de ensino superior (Wächter, 2003) gerou a proposta de uma série de atividades dentro do conceito guarda-chuva de Internacionalização em Casa IeC (Coelen, 2013). Há um crescente reconhecimento da necessidade de as instituições se envolverem mais na comunidade acadêmica, bem como nas ações de internacionalização.

### 3 METODOLOGIA

O presente capítulo apresenta o norteamento da pesquisa ora apresentada. Nesse percurso, buscou-se o equilíbrio entre a proposta de trabalho com métodos e as técnicas metodológicas.

A ciência pode ser definida por suas características essenciais, como objetividade, racionalidade, generalização, sistematização, verificabilidade e falibilidade (Gil, 2007).

Método é um caminho, uma forma ou um modo de pensar, representa o conjunto de processos mentais empregados na investigação científica, com o intuito de atingir os objetivos propostos. Todas as ciências se utilizam de métodos indicando os caminhos a serem seguidos, sendo necessário que se saiba aonde se quer chegar.

Nesse sentido o prenúncio do problema indicará quais os métodos e procedimentos metodológicos serão mais adequados para a sua resolução (Goldenberg, 1999).

Nesta pesquisa, o método utilizado para a obtenção dos resultados esperados foi o dedutivo.

O método dedutivo foi utilizado para efetuar o levantamento bibliográfico na obtenção das práticas que vêm sendo utilizadas nas IES, bem como para propor a análise dos resultados e, finalmente, recomendar ações estratégicas nos dois eixos temáticos definidos, ou seja, no eixo estratégico e no eixo transversal e para a implementação do PIeC.

Dessa forma, o conhecimento foi construído em diversas fases para então atingir o objetivo da proposição das diretrizes. O método dedutivo é entendido como a “[...] passagem do universal para o particular e para o singular. De um princípio geral, deduzimos outros [fatos] gerais até fatos particulares [...]” (Severino, 2016, p. 111), criando, assim, uma cadeia crescente de raciocínio.

Junto com o método dedutivo, foi aplicado o método histórico para investigar o passado de processos, acontecimentos e, principalmente, de instituições, remontando ao período de sua formação e de suas conseqüentes modificações,

[...] para verificar a sua influência na sociedade de hoje, pois as instituições alcançaram sua forma atual através de alterações de suas partes componentes, ao longo do tempo, influenciadas pelo contexto cultural particular de cada época (Lakatos; Marconi, 2003, p. 107).

A utilização do método histórico na metodologia apresentada é necessária devido à realização do levantamento histórico sobre o tema. As origens da internacionalização podem ser verificadas por meio da existência da mobilidade internacional realizada nas instituições que ofereciam um nível educacional superior em diversas partes do mundo. Esse fato antecipa

a presença da internacionalização na história séculos antes do que vem sendo apresentado pela literatura especializada, tanto no Brasil como no mundo.

A busca pela validação dos resultados e a preocupação com o rigor científico fizeram com que se utilizasse o método misto, que pode ser verificado nas análises, tanto de conteúdo e documental quanto na análise de dados.

Na literatura, é usual apresentar a classificação em relação à abordagem como método qualitativo, método quantitativo ou método misto por estes permitirem um diálogo entre essas abordagens, possibilitando a compreensão dos “fenômenos estudados por meio de diferentes prismas em decorrência da articulação metodológica e da quebra da hegemonia da utilização de um único método em pesquisa” (Gomes; Dias, 2020, p. 34).

É relevante esclarecer que não há uma padronização terminológica quando se refere à abordagem ou ao método em relação aos termos (quantitativo e qualitativo), podendo aparecer na literatura de ambas as formas, sendo estas semanticamente idênticas.

As pesquisas são classificadas de diversas formas, levando em consideração as suas finalidades:

- a) **Quanto à natureza do problema**, esta pesquisa pode ser classificada como pesquisa aplicada por propor uma prática da ciência, ou seja, apresentar diretrizes para a implementação de um PIeC nas IES brasileiras.
- b) **Em relação à classificação**, para que a pesquisa alcançasse seus objetivos respondendo ao problema que norteou o estudo, foram selecionadas as pesquisas:
  - I. **Descritivas** – são aquelas pesquisas que se propõem a descrever uma série de informações para investigação. Apresenta como característica mais expressiva, a exigência da padronização das técnicas de coleta de dados, pelo investigador para melhor descrever os fatos e fenômenos estudados (Gil, 2007; Triviños, 2017). Esse é o recurso mais utilizado nas áreas das ciências sociais aplicadas, na qual esta pesquisa se enquadra.
  - II. **Exploratória** – são as pesquisas que ajudam na compreensão e no aprimoramento do tema, favorecendo o desenvolvimento e o esclarecimento de ideias. Sua principal característica é apresentar como objetivo uma visão panorâmica de um determinado fenômeno ainda não explorado, fornecendo “[...] dados elementares que dão suporte para a realização de estudos mais aprofundados” (Gonçalves, 2001, p. 65).

- c) **Em relação aos procedimentos metodológicos (técnicos)** – sobre coleta de dados e fontes de informação, esta dissertação foi fundamentada na escolha de dois procedimentos técnicos: a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental. Esses dois procedimentos foram escolhidos pelo fato de nortear o arcabouço teórico explicitado na pesquisa, já que, mesmo quando não citados diretamente, eles permearam toda a pesquisa e o embasamento teórico.

A **pesquisa bibliográfica** é realizada por meio do levantamento do referencial teórico existente, disponibilizado de forma física ou virtual, como livros, *e-books*, artigos científicos, *sites*, *blogs* e outros.

Para a pesquisa documental, foram utilizados documentos originais como Planos de Institucionalização da Internacionalização (PII) e Planos de Desenvolvimento Institucionais (PDI) entre outros documentos de diversas instituições, enfatizando que, na maioria deles, as questões desenvolvidas diziam respeito de forma geral aos processos de internacionalização, não mencionando a IeC.

Os poucos documentos que apresentavam a IeC o faziam apenas “*an passant*”, assim sendo, a pesquisa documental foi realizada, mas, por tratar quase exclusivamente do tema geral “internacionalização”, quase não foi citada, provocando a falsa sensação de que não foi realizada. A pesquisa documental permeia, mesmo que indiretamente, toda a fundamentação metodológica ora apresentada.

As fontes utilizadas para as **pesquisas documentais** são as

[...] mais diversificadas, em tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc. (Fonseca, 2002, p. 32).

- d) **Quanto à abordagem** – em relação à análise do problema de pesquisa, foram utilizadas as três abordagens proporcionadas pela literatura, ou seja, a abordagem qualitativa, a abordagem quantitativa, tendo em mente que “[...] uma pesquisa pode ser, ao mesmo tempo, quantitativa e qualitativa [...]” (Triviños, 2017, p. 118), e a abordagem mista, que se utiliza de ambas as abordagens anteriores, permitindo que ora a pesquisa destaque a abordagem qualitativa, ora enfatize a questão quantitativa.

A **pesquisa qualitativa** é, por essência, descritiva, implicando nas qualidades e no desenvolvimento dos processos e dos significados do objeto estudado, inferindo quantidade, volume, intensidade ou frequência (Denzin; Lincoln, 2006).



As pesquisas qualitativas não enfatizam informações estatísticas, “[...] elas têm um tipo de objetividade e de validade conceitual [...] que contribui decisivamente para o desenvolvimento do pensamento científico” (Triviños, 2017, p. 118).

e) Já a **pesquisa quantitativa** – baseia-se em tudo que possa ser medido, mensurável. Esses estudos evidenciam o ato de medir e de analisar as relações existentes entre as variáveis (Denzin; Lincoln, 2006) por meio da observação sistemática de tudo que possa ser medido, delimitado ou mensurável. As formas para a representação dos dados estatísticos são: tabelas, quadros, figuras e gráficos. Essa forma de representação da abordagem quantitativa é, ao mesmo tempo, estatística e sistemática, proporcionando a apresentação e a visualização de uma grande quantidade de dados e possibilitando ao leitor a compreensão e a interpretação dos dados de forma fácil e rápida. A compilação e a apresentação dos dados promovem a agilidade e, por conseguinte, a finalização da pesquisa (Lakatos; Marconi, 2003, p. 169). Uma das características pouco exploradas da pesquisa quantitativa é que ela permite uma análise qualitativa ao proporcionar a realização de correlação entre os resultados obtidos, associando-os a outros indicadores que possibilitam simultaneamente que se faça uma análise qualitativa dos dados.

f) **Pesquisa quali-quantitativa ou Método Misto** – emprega a combinação das abordagens qualitativas e quantitativas. Essa associação ocorre em virtude da complexidade do problema pesquisado e vale-se dos pontos fortes que ambas as abordagens podem dispor. Demonstra que a força geral dos estudos seja maior que ambas as abordagens utilizadas isoladamente, reafirmando a validade e a confiabilidade da pesquisa. Creswell e Clark (2013) enfatizam que esses procedimentos podem ser utilizados em um mesmo estudo, abordando as suas múltiplas fases.

Já o método misto apresenta três possibilidades de utilização.

A primeira possibilidade da aplicação utiliza as duas abordagens igualmente, criando um *status* de neutralidade, propondo um equilíbrio perfeito entre ambas as abordagens, qualitativa e quantitativa e criando uma utopia dada às dificuldades em equalizá-las de maneira a serem absolutamente iguais (Johnson; Onwuegbuzie; Turner, 2007).

Outra possibilidade é a utilização das abordagens de forma mista, nem totalmente qualitativa e nem totalmente quantitativa, propondo um meio termo entre elas, ou seja, uma abordagem quali-quantitativa.

Ao apresentar a predominância por uma das abordagens, a pesquisa continua, mesmo assim, a ser mista, mas predominantemente qualitativa ou quantitativa. E nas extremidades encontram-se as abordagens qualitativas de um lado e as quantitativas do outro, separando as abordagens por utilizá-las de forma pura (Johnson; Onwuegbuzie; Turner, 2007).

A Figura 5 apresenta a relação entre as possibilidades existentes e as abordagens qualitativas e quantitativas, gerando o método misto.

Figura 5 – Relação entre as possibilidades de abordagens qualitativas, quantitativas e método misto



Fonte: Adaptada de Johnson, Onwuegbuzie e Turner (2007, p. 124)

Para esta pesquisa, utilizou-se o método misto, que permite a utilização das abordagens qualitativas e quantitativas em diversas formas, atribuindo intensidades diferenciadas, quando assim for conveniente para os objetivos deste estudo.

### 3.1 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

O início de qualquer pesquisa científica é com a busca bibliográfica. Na presente pesquisa, foram utilizadas tanto fontes primárias quanto fontes secundárias. As fontes primárias são informações produzidas pelo pesquisador. As fontes secundárias são as informações provenientes das pesquisas bibliográficas e documentais, que apresentam como benefício o baixo custo, pois, com a disseminação da informação promovida pela internet, muito do conhecimento produzido já está disponibilizado de forma livre e de fácil acesso.

Uma das limitações encontradas foi a falta de literatura acadêmica sobre a temática específica da IeC. De forma geral, a literatura evidencia o tema internacionalização, mas a internacionalização em casa é apresentada como um dos fluxos da internacionalização, diferenciando-a do segundo fluxo da internacionalização, que é a mobilidade acadêmica internacional.

A pesquisa bibliográfica é realizada a partir de registros originados de pesquisas previamente realizadas e disponibilizados em formato físico, (impresso) ou em formato digital, tais como: livros, artigos, anais, periódicos, teses, dissertações, entre outros.

Já a pesquisa documental, mesmo sendo frequentemente confundida com a pesquisa bibliográfica, tem como fonte os documentos dos mais variados tipos como: jornais, fotos, documentos legais, ou seja, são provenientes de “[...] conteúdo dos textos [que] ainda não tiveram nenhum tratamento analítico. Esse pensamento é corroborado por (Severino, 2016) e, Godoy (1995) ao afirmar que a verificação de diversos tipos de materiais, ainda não analisados ou avaliados, podem ser utilizados como evidência, visando à adição de novas interpretações para a pesquisa.

Os levantamentos bibliográficos possuem duas funções, segundo destaca Figueiredo (1990):

- a) a função histórica, que permite “[...] uma visão geral do estado corrente do desenvolvimento de um assunto em um dado tempo” (Figueiredo, 1990, p. 132);
- e
- b) a função de atualização, por permitir ao pesquisador concentrar-se nos trabalhos relevantes por haver notificações frequentes e informativas sobre a literatura publicada.

Nesse aspecto, Moreira (2004, p. 23) enfatiza que o levantamento revisional de um tema específico “[...] serve também ao próprio autor do trabalho, pois aumenta seu conhecimento sobre o assunto e torna mais claro seu objetivo [...]”, cabendo ao autor do levantamento “[...] coletar a literatura, assimilar os dados e fazer uso coerente do material, propiciando uma compreensão profunda do assunto – tarefa na qual também muito acrescenta ao seu próprio conhecimento” (Figueiredo, 1990, p. 132).

A escolha documental não ocorreu de forma aleatória, pois buscou-se por documentos (teses, dissertações) e por artigos científicos que apresentassem ações práticas de IeC em IES presentes na literatura especializada brasileira, verificadas por meio do levantamento bibliográfico realizado, nos três principais bancos de dados nacionais. Para tal, utilizou-se de um instrumental metodológico que priorizou a abordagem qualitativa por meio da técnica de análise de conteúdo, que, por sua vez, permitiu, entre muitas outras técnicas, a possibilidade de utilização simultânea de uma abordagem quantitativa.

A técnica escolhida para a obtenção dos resultados foi a análise de conteúdo que “[...] consiste em um instrumental metodológico que se pode aplicar a discursos diversos e a todas as formas de comunicação, seja qual for a natureza do seu suporte” (Godoy, 1995, p. 23).

Bardin (2016, p. 42) conceitua que a análise de conteúdo refere-se

[...] a um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das

mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Uma das técnicas que auxiliam na análise de conteúdo é a documental. Essa técnica visa a apresentar o conteúdo dos documentos pesquisados, de forma a ajudar os leitores em seus estudos futuros (Bardin, 2016). Compõe-se de um método analítico e sistemático que dá sustentação para a organização e a padronização dos dados coletados e, quando necessário, possibilita a análise dos textos, bem como de seus significados. A análise de conteúdo tem a intenção de “[...] transformar o conteúdo de variados materiais textuais em dados quantitativos e analisá-los de forma qualitativa, realizando deduções lógicas” (Silva; Hernández, 2020, p. 9).

Em relação à análise de conteúdo, Bardin (2016) afirma que, ao se eliminar as percepções técnicas utilizando análise de categorias ou temáticas, o resultado, conseqüentemente, torna-se uma análise documental.

Portanto, a análise de conteúdo utilizada como técnica metodológica depende de como o pesquisador definiu seus objetivos e seu objeto de pesquisa, levando-o a escolher uma abordagem adequada para a sua pesquisa. Silva e Hernández (2020, p. 2) ratificam essa informação ao afirmar que “[...] existem diferentes caminhos a seguir para construir um desenho de análise de dados que possa ser replicado. Assim [...] haverá tanto técnicas de análise de conteúdo quanto pesquisas e pesquisadores”.

A análise documental é uma das formas de análise de conteúdo voltada especificamente para documentos escritos com a vantagem de facilitar o entendimento dos leitores, maximizando o acesso à informação, aliando a agilidade de compreensão da abordagem quantitativa, mesmo quando existe “[...] resistência e até preconceito contra o termo quantitativo”, no meio acadêmico brasileiro (Carlomagno; Rocha, 2016, p. 177).

Para a realização desta pesquisa, foram utilizados como referencial os polos cronológicos de Bardin: a pré-análise; a exploração do material; e o tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Durante a pré-análise, os documentos foram selecionados via levantamento bibliográfico. Também foram definidos os objetivos que essencialmente buscaram na literatura especializada ações práticas de internacionalização em casa IeC que estão sendo postas em prática nas IES brasileiras e, finalizando a pré-análise, foram definidas as categorias de análise.

Das premissas de Bardin, utilizou-se a leitura flutuante que propicia o conhecimento, estabelecendo contato com a documentação para futura análise.

E, na escolha dos documentos, definiu-se o *corpus* documental a ser pesquisado, ou seja, os documentos publicados no Brasil sobre as práticas de IeC, visando à verificação das práticas que estão sendo utilizadas pelas IES brasileiras.

Para a regra da exaustividade foram definidos para o estudo três bases de dados, sendo duas de âmbito nacional e uma que abrange pesquisas internacionais. É importante salientar a relevância dessas bases de dados na disseminação de conteúdos científicos, principalmente os produzidos nos Programas de Pós-Graduação do Brasil.

- a) Portal de Periódicos Capes (PPCs)<sup>41</sup> – criado em 2000, é uma biblioteca virtual que se constitui como um dos maiores acervos virtuais do Brasil, reunindo e disponibilizando conteúdos produzidos por IES, visando à redução das desigualdades e à democratização e acesso à ciência. As buscas são realizadas em âmbito nacional e internacional.
- b) Catálogo de Teses e Dissertações da Capes (CTDC)<sup>42</sup> – consiste em um sistema *on-line* oficial do governo federal brasileiro, atuando como um repositório de teses e dissertações brasileiras, vinculado ao Ministério da Educação (MEC).
- c) Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informações em Ciência e Tecnologia (IBICT) – mecanismo de busca que integra todos à Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) das universidades brasileiras que utilizam o sistema BDTD do IBICT.

Ao definir a direção e as bases de dados a serem pesquisadas, cumpriu-se também a regra da pertinência, uma vez que os indicadores direcionam o levantamento bibliográfico para a concentração do *corpus* documental. Foram utilizados os recursos preconizados pela análise documental, como quadros, gráficos e outras ferramentas que auxiliam os leitores no entendimento textual por compilar as informações, tornando-as acessíveis e de fácil compreensão.

A exploração do material consiste em aplicar a estratégia de busca que se iniciou com a coleta de dados realizada no mês de outubro de 2023. Vários testes foram realizados para a definição dos termos de busca a serem utilizados.

---

<sup>41</sup> O acrônimo PPCs foi criado exclusivamente para uso nesta dissertação, facilitando a utilização do termo, principalmente na criação de tabelas, não sendo utilizado usualmente pela comunidade científica.

<sup>42</sup> O acrônimo CTDC foi criado exclusivamente para uso nesta dissertação, facilitando a utilização do termo, principalmente na criação de tabelas, não sendo utilizado usualmente pela comunidade científica.

Primeiramente descartou-se o uso dos termos “internacionalização *at home*” e IaH, uma vez que a utilização desses termos retorna toda a literatura sobre o tema, em todos os idiomas, agravado pelo fato de o acrônimo IaH ser também amplamente utilizado na área da saúde.

Não foram utilizados critérios de corte por tempo, assim sendo a cobertura temporal permaneceu em aberto, possibilitando o retorno de documentos presentes na literatura a partir da sua data oficial de criação.

Para a definição do escopo da pesquisa, utilizou-se o termo de busca **internacionalização em casa** somente em português, visto que o escopo da pesquisa refere-se integralmente a ações de IeC realizadas no Brasil. Assim, foi realizada uma busca simples sem a utilização dos recursos de busca booleana, busca avançada ou outros recursos de truncagem (asteriscos, parênteses e aspas), ou seja, esses recursos são amplamente utilizados para restringir o número de resultados e a assertividade da busca que neste levantamento eram irrelevantes, pois o problema da área é exatamente a falta de produção acadêmica referentes à temática IEC.

O critério de busca mais significativo aplicado ao levantamento bibliográfico foi a busca nos bancos de dados utilizando a estratégia de busca com o termo **internacionalização em casa** que estivesse presente no **título**, nas **palavras-chave** e no **resumo**. Lembrando que quanto menor for o retorno esperado em relação aos resultados, mais direta tem que ser a estratégia de busca.

O único critério de corte nessa fase foi a utilização de artigos abertos, ou seja, artigos públicos de acesso livre. Todos os resultados fechados ou **sem** acesso livre foram imediatamente excluídos.

A busca foi ordenada por relevância com o objetivo de encontrar as pesquisas mais pertinentes da área da internacionalização em casa no Brasil.

O tratamento dos resultados aconteceu, simultaneamente, com a menção dos indicadores, uma vez que a preparação do material consiste basicamente na edição dos dados obtidos por meio da inferência, da interpretação e da preparação do material.

Dessa forma, foram encontrados 166 trabalhos, dos quais, 91 retornaram da busca no Portal de Periódicos da Capes, desses 91, 64 eram abertos, o que equivale a 77,02% dos artigos encontrados. Nessa fase, já foram eliminados 27 resultados por estarem fechados, ou seja, sem acesso público, esses resultados equivalem a 29,67% dos resultados advindos do Portal de Periódicos Capes.

A busca no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes resultou em 48 resultados, não havendo arquivos fechados.

E na BDTD retornaram 27 resultados, também não houve a presença de arquivos fechados.

A pesquisa completa apurou 139 resultados e, desses 139, 120 foram preteridos por tratarem o termo “internacionalização em casa” de forma teórica ou apenas informando a existência dos fluxos da internacionalização: mobilidade acadêmica internacional, e o fluxo de internacionalização “*at home*” ou em casa.

Efetivamente, para o desenvolvimento das análises, foram pesquisados 19 resultados válidos para o termo “internacionalização em casa” que registraram ações práticas de IeC nas IES brasileiras, equivalentes a 13,66% dos resultados válidos da pesquisa efetuada nas três bases de dados, conforme apresentado no Quadro 1.

Quadro 1 – Apresentação dos resultados encontrados nas bases de dados pesquisadas no levantamento bibliográfico

Base de Dados	Abertos	Fechados	Total Resultados Encontrados	Resultados Válidos
Portal Periódicos Capes	64	27	91	64
Catálogo Teses e Dissertações	48	-	48	48
Biblioteca Digital de Teses e Dissertações	27	-	27	27
			166	139
<b>Resultados Excluídos</b>				<b>120</b>
<b>Total dos Resultados Válidos para Análise ao Término do Levantamento Bibliográfico</b>				<b>19</b>

Fonte: Dados da pesquisa (2024)

E, por fim, para o tratamento dos resultados obtidos e a interpretação que apresenta os dados de forma a serem significativos e válidos, utilizou-se de estatísticas ou percentagens, que proporcionaram a criação de quadros, diagramas figuras e modelos, os quais permitiram a compilação das análises.

A educação, em especial a educação superior, tem um histórico de buscar por novas abordagens pedagógicas, possibilitando o acesso aos conteúdos educacionais mais amplos e o desenvolvimento da autonomia estudantil, e isso abre caminho para a oferta da disponibilização de IeC nas IES.

Nesta pesquisa, pode-se observar que as ações da IeC se adaptaram perfeitamente às especificidades de ensino, pesquisa e extensão, que são os pilares indissociáveis do ensino superior brasileiro.

A tríade ensino, pesquisa e extensão está estabelecida no artigo 207 da Constituição Brasileira. Essa indissociabilidade entre os três pilares do ensino superior é garantida pelas IES que “[...] gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial [...]” (Brasil, 1988) para sua execução institucionalmente.

Nesse sentido, as IES executam essa tríade, entendendo que:

- a) **Ensino:** é o que se refere a todas as atividades voltadas para a aprendizagem dos alunos, incluindo as horas das aulas em sala, as atividades de laboratório, as atividades de monitoria, entre outras.
- b) **Pesquisa:** é as ações desenvolvidas, visando ao fomento das atividades de estudo. As pesquisas nas IES são caracterizadas como básicas e aplicadas, e ambas ocorrem no desenvolvimento de projetos, de produtos e, principalmente, na produção acadêmica por meio de monografias, que são apresentadas como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), dissertações, teses, ou como projetos de Iniciação Científica.
- c) **Extensão:** é basicamente a troca de informações e de conhecimentos entre as IES e a sociedade. O objetivo da extensão é criar um relacionamento entre a comunidade e a instituição, prestando auxílio à população ao oferecer serviços gratuitamente, como clínica-escola, orientação (financeira, psicológica, fonoaudiológica), citando apenas os auxílios mais conhecidos.

Para o desenvolvimento das análises, tanto qualitativas quanto quantitativas, foi estabelecida a análise categorial, que funciona por operações desmembradas no texto em unidades e decompostas em unidades menores para serem, em seguida, reagrupadas em categorias.

As ações observadas no levantamento bibliográfico foram realizadas, de forma virtual, presencial ou mista. Também indicou-se que IeC pode usufruir de uma gama de técnicas tanto físicas quanto virtuais utilizadas no desenvolvimento das atividades de ensino, pesquisa e extensão no ensino superior, não somente para a sua execução, como também para a formação voltada para o estabelecimento de uma educação para a cidadania global ECG.

Posteriormente, as ações foram classificadas, recenseadas e enumeradas, segundo a frequência de presença (ou de ausência) dos itens categorizados, realizando as inferências decorrentes delas que podem ou não ser visíveis, fornecendo, assim, as informações relevantes.

Foram analisadas e classificadas as características encontradas nos padrões escolhidos referentes à proximidade entre os elementos temáticos pesquisados, proporcionando análise das



relações entre eles e as contribuições significativas apresentadas para o tema pesquisado, conforme apresentado no Apêndice A .

A complexidade aliada ao tempo dispensado para a realização de um levantamento bibliográfico faz com que, uma vez realizado, se procure agregar a maior quantidade possível de conhecimento dele advindo, promovendo a construção e consolidação de conhecimentos futuros sobre a temática levantada.

Foram estabelecidas categorias que apontaram para as questões norteadoras do levantamento bibliográfico e relevantes para a pesquisa ora apresentada e que vão acrescentar informações pertinentes ao conhecimento científico em relação à internacionalização em casa, tema extremamente carente de estudos na literatura brasileira. A identificação das práticas de IeC nas categorias de ensino, pesquisa e extensão, presentes no levantamento bibliográfico, pode ser conferida no Apêndice A.

### 3.2 CATEGORIAS: QUALITATIVAS E QUANTITATIVAS

As categorias foram divididas em qualitativas e quantitativas. As categorias qualitativas são aquelas observadas a partir da subjetividade apresentada pelo pesquisador, ou seja, dependem de critérios não analíticos e não mensuráveis. Já as categorias quantitativas são aquelas que podem ser medidas por meio de indicadores mensuráveis e que podem ser corroboradas por dados aferidos. Ressalta-se que esses dados, ao serem analisados, podem se transformar em informações qualitativas.

#### 3.2.1 Categorias Qualitativas

As Categorias qualitativas são:

- a) Identificar as práticas de IeC nas IES brasileiras dentro das categorias ensino, pesquisa e extensão, apresentadas no Apêndice A.
- b) Determinar as competências observadas no levantamento bibliográfico que denotam a formação da cidadania global. Essas categorias foram subdivididas nas dimensões: conhecimento, habilidades e atitudes presentes no método CHA, acrescidas de outras duas dimensões: a dimensão dos valores e da interculturalidade.

A Figura 6 aponta as práticas de IeC nas IES brasileiras dentro das categorias ensino, pesquisa e extensão, sendo representada pela nuvem de palavras. A nuvem de palavras é um



As competências para a formação de um cidadão globalizado são importantes, mas podem ser aprendidas ou desenvolvidas, e a IeC é um programa que pode aglutinar diversas ações que podem ser implementadas de forma rápida e com baixo custo, uma vez que a estrutura básica necessária já existe nas IES e muitas ações de IeC já vêm sendo praticadas, mas não estão institucionalizadas.

As competências para a formação da cidadania global permitem interações equilibradas entre indivíduos, instituições e nações para a flexibilização e relativização de princípios e modelos já estabelecidos, proporcionando uma comunicação tolerante visando a aprendizagem das competências valorizadas internacionalmente.

Quadro 2 – Categorias subjetivas que identificam as dimensões das competências para a formação da cidadania global proporcionadas pelas ações de IeC nas IES brasileiras

Conhecimentos	Habilidades	Atitudes	Valores	Interculturalidade
- Aprendizagem Continuada - Atualização Profissional - Autoconhecimento - Capacidade Argumentativa - Conhecimento Normas Técnicas - Conhecimentos Culturais (Gerais E Específicos) - Conhecimento Idiomático - Conhecimentos Interdisciplinares - Conhecimentos Tecnológicos - Educação Para A Cidadania Global - Inovação - Formação Técnica, Graduação, Pós-Graduação - Sustentabilidade Ambiental	- Agente de Mudança - Agregar Valor - Alcançar Objetivos - Análise De Interação - Aplicação Normas Técnicas - Capacidade Interativa - Competências Linguísticas - Construção De Relacionamento - Cooperação Internacional - Pensamento Crítico - Proposição Soluções - Resolução De Problemas - Trabalho Em Equipe - Conhecimento Imaginativo	- Autorrealização - Avaliar E Assumir Riscos - Capacitação Linguística - Cidadania - Comportamento Ativo E Proativo - Autorreflexão - Criatividade - Criatividade - Curiosidade - Empatia - Flexibilidade - Iniciativa - Inovação - Interdisciplinaridade - Oferecer Resultados - Respeito Às Diferenças - Transparência	- Acessibilidade - Ambiência - Internacionalizada - Assertividade - Autenticidade - Autonomia - Bem-Estar (Pessoal E Social) - Comprometimento - Confiança - Cooperação - Democracia - Disponibilidade - Educação Inclusiva - Empatia - Ética - Excelência Acadêmica - Qualidade Educacional - Resiliência - Respeito - Responsabilidade (Socioeconômica E Ambiental) - Solidariedade - Tolerância - Transparência - Universalismo - Voluntariado	- Adaptabilidade - Amizade - Cidadania - Coletividade - Compreensão Mútua - Comunicação Intercultural - Concretizar E Gerenciar Mudanças - Dialogo Intercultural - Diversidade Cultural - Empatia - Inclusão Social - Interação Interpessoal - Interatividade - Intercâmbio - Parcerias Internacionais - Pluralidade - Promoção Cultural - Repertório Linguístico - Respeito Às Diferenças

Fonte: Dados da pesquisa (2024)

As razões pelas quais as ações de IeC são significativas para as IES são:

- Melhorar a educação, fortalecendo o tripé universitário de ensino, pesquisa e extensão, bem como a formação das competências para a cidadania global.
- Fomentar o letramento linguístico, dada a relevância de uma língua estrangeira adicionada ao currículo não somente do egresso, mas de toda a comunidade universitária.
- Viabilizar a diversificação do corpo discente, docente e administrativo das IES.
- Desenvolver as capacidades de comunicação, incluindo o mundo virtual.
- Alavancar o perfil internacional da instituição.

f) Valorizar a cultura local, vislumbrando sua inserção no mundo globalizado.

O Quadro 2 apresenta as categorias que identificam as dimensões das competências para a formação das competências esperadas da cidadania global, subdivididas em: conhecimentos, habilidades, atitudes, valores e interculturalidade, constatados durante o levantamento bibliográfico efetuado para esta pesquisa.

### 3.2.2 Categorias Quantitativas

As categorias quantitativas são:

- a) Analisar os dados mensuráveis provenientes do levantamento bibliográfico, criando as categorias de análise quantitativas. Essa análise se justifica pela carência de dados sobre a IeC na literatura acadêmica nacional, assim sendo, a inclusão desses dados mensuráveis pode contribuir para o enaltecimento científico da temática internacionalização em casa.

As categorias mensuráveis são:

- a) apresentar o ano de publicação;
- b) indicar a IeC como termo de busca presente no: título, resumo e palavras-chave;
- c) identificar as formas de interação;
- d) indicar os idiomas presentes no levantamento bibliográfico;
- e) apontar a relação dos tipos de documentos presentes na pesquisa;
- f) relatar quem teve a iniciativa das ações;
- g) expor as TICs presentes nas ações de IeC;
- h) revelar o tempo de duração proposto pelas ações; e
- i) evidenciar quantos foram os participantes das ações de IeC.

Foram definidas as categorias mensuráveis, buscando o aprimoramento do conhecimento científico nacional sobre a internacionalização em casa. Para tanto, foram definidas nove categorias analisadas e mensuradas, tanto quantitativa quanto qualitativamente, pois, com a obtenção desses dados, foi possível elaborar inferências e sugerir interpretações acerca dos resultados obtidos.

O diferencial da IeC está justamente na diversidade de proposta para ações que ela disponibiliza para execução, além da sua adaptabilidade, uma vez que a mesma ação pode ser realizada em diversos contextos: educacionais, sociais, culturais, entre outros.

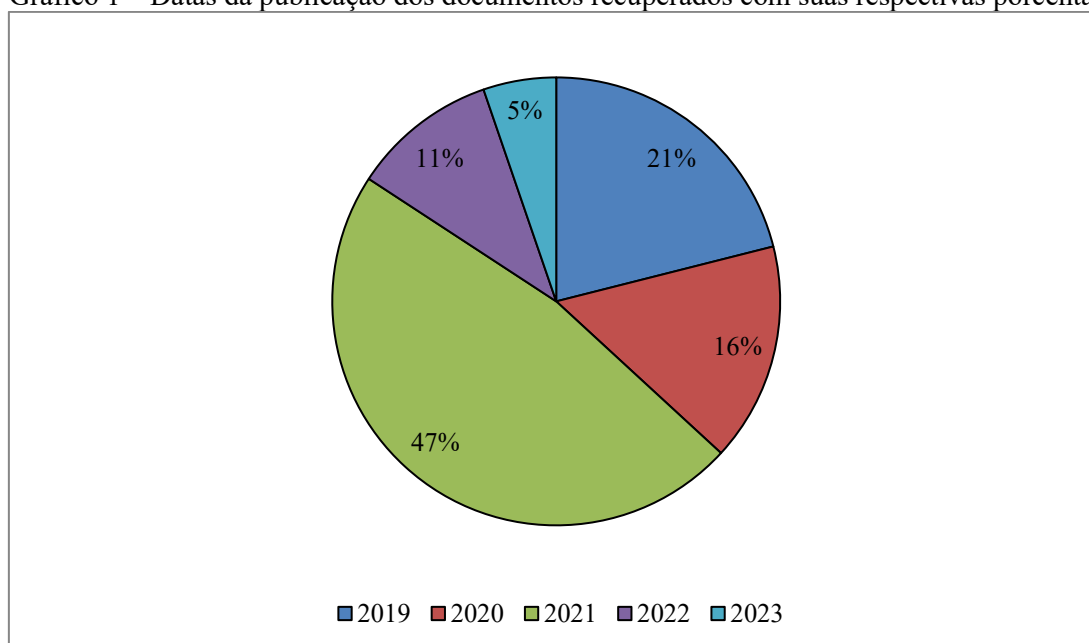
A IeC apresenta a flexibilidade de se enquadrar em todos os pilares da educação superior (ensino, pesquisa, extensão), tanto de forma isolada quanto de forma combinada, maximizando

as ações pedagógicas e os recursos, financeiros e de pessoal, já tão escassos nas instituições. Esses recursos são utilizados com o propósito de abranger o maior número possível de membros da comunidade universitária de forma inclusiva e sustentável. Já os recursos físicos, de estrutura, como salas de aula, laboratórios, equipamentos tecnológicos e outros utilizados para a prática das ações, se encontram disponibilizados pela instituição.

Em relação ao registro dos índices quantitativos utilizados na elaboração dos indicadores, foram utilizados os critérios mensuráveis determinados como objetivos específicos para maximizar os conhecimentos extraídos de um levantamento bibliográfico agregado a uma pesquisa.

**a) Ano de publicação** – para o ano de 2019 retornaram quatro documentos equivalentes a 21% da amostra. Em 2020 retornaram três resultados, ou 16% da amostra. Verificou-se que nove dos 19 documentos recuperados são do ano de 2021, ou seja, 47% da amostra. Em 2022, foram dois documentos que equivalem a 11% da amostra e, finalmente, em 2023 foi recuperado apenas um documento, ou seja, 5% da amostra.

Gráfico 1 – Datas da publicação dos documentos recuperados com suas respectivas porcentagens



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

A concentração de documentos recuperados fica evidente no ano de 2021. Esse destaque deve-se ao fato de estarmos em período pandêmico, o qual obrigou as IES a buscarem formas alternativas para a manutenção de suas atividades e encontrou uma solução viável na IeC, fato perceptível nas publicações do período.

A pesquisa não definiu data de início, significando que o uso do termo “IeC” na estratégia de busca, nas práticas da IeC nas IES brasileiras, concentra-se basicamente entre os anos de 2019 e 2023.

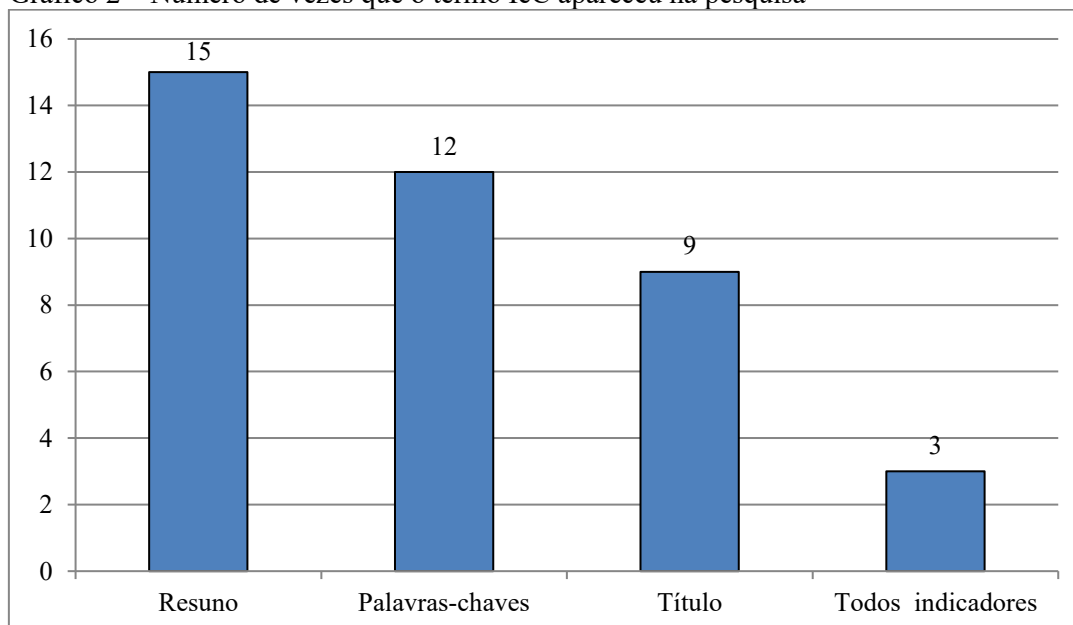
Ao contextualizar a IeC no Brasil, constatou-se que professores de determinadas áreas do conhecimento, como

Administração e Letras, já trabalham com bibliografia internacionalizada, mas não nominam isso como internacionalização em casa. Em outras palavras, a internacionalização da educação superior é oculta, ou seja, está sendo posta em prática, mas não há consciência desta ação (Kohls-Santos; Morosini, 2021, p. 4).

Com essa informação, pode-se inferir que muitas são as ações praticadas de IeC nas IES brasileiras, mas essas ações não estão sendo identificadas e, portanto, não são contabilizadas como ações de internacionalização, mas sim como ações de IeC, mantendo-as ocultas nos processos de internacionalização e dificultando o seu registro para posterior institucionalização.

**b) IeC como termo de busca** – o termo de busca “internacionalização em casa” foi encontrado 15 vezes no resumo e 12 vezes nas palavras-chave, nove vezes no título e apenas três vezes em todos os critérios.

Gráfico 2 – Número de vezes que o termo IeC apareceu na pesquisa



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Nota-se que há predominância do termo no indicador resumo, seguido pelas palavras-chave e pelo título. Já a presença desse termo em todos os critérios (título, resumo e palavras-chave) apontou a menor quantificação do termo “internacionalização em casa”, como pode ser observado no Gráfico 2.

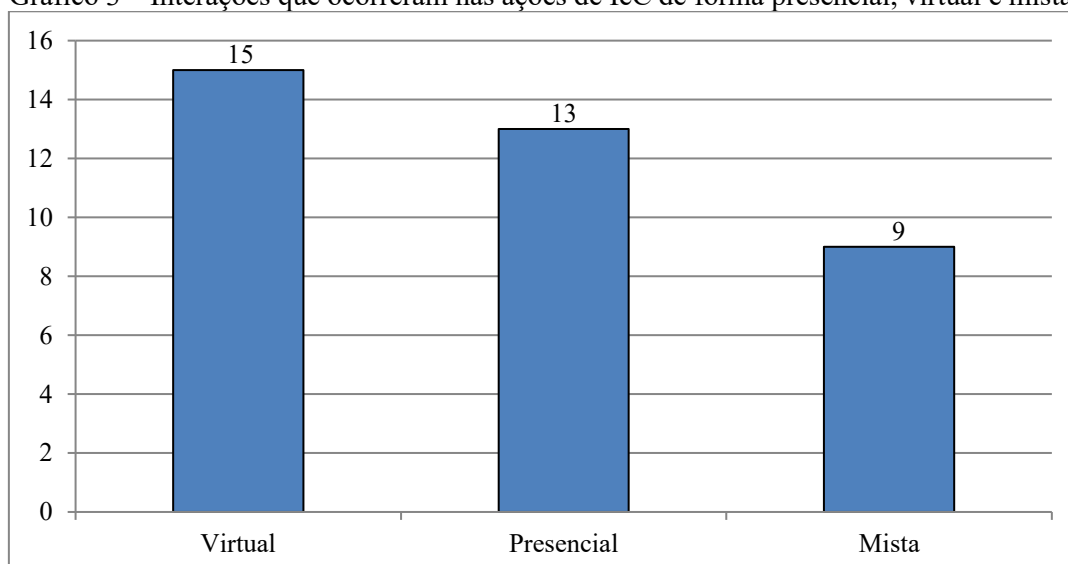
Com esses dados, pode-se inferir que o termo utilizado para a busca não é incluído na elaboração de artigos, dissertações e teses, logo não retorna resultados quando estabelecido como termo na estratégia de busca. Isso não significa que não há documentos evidenciando o tema, apenas que não está sendo identificado nos critérios estabelecidos de busca (título, resumo e palavras-chave) em relação à sua classificação e indexação pelos autores no preenchimento dos formulários para publicação deste material nos periódicos especializados na área da internacionalização. A utilização de tesauros especializados para a área de internacionalização apresentaria, entre outros benefícios, a padronização terminológica, podendo ser uma solução para esse problema.

Conforme afirmam Kohls-Santos e Morosini (2021), muitos são os trabalhos que estão sendo publicados, porém não estão sendo indexados como IeC nos critérios básicos de busca, que são título, resumo e palavras-chaves.

**c) Identificação das formas de interação** – nos critérios utilizados para o estabelecimento dos índices quantitativos, a interação que foi observada era entre presencial, virtual ou mista.

A interação virtual aconteceu em 15 vezes, enquanto a interação presencial aconteceu em 13 vezes das interações, mas as ações de IeC que apresentaram o uso simultâneo de ambas as formas de interação ocorreram em nove vezes nos resultados pesquisadas.

Gráfico 3 – Interações que ocorreram nas ações de IeC de forma presencial, virtual e mista



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

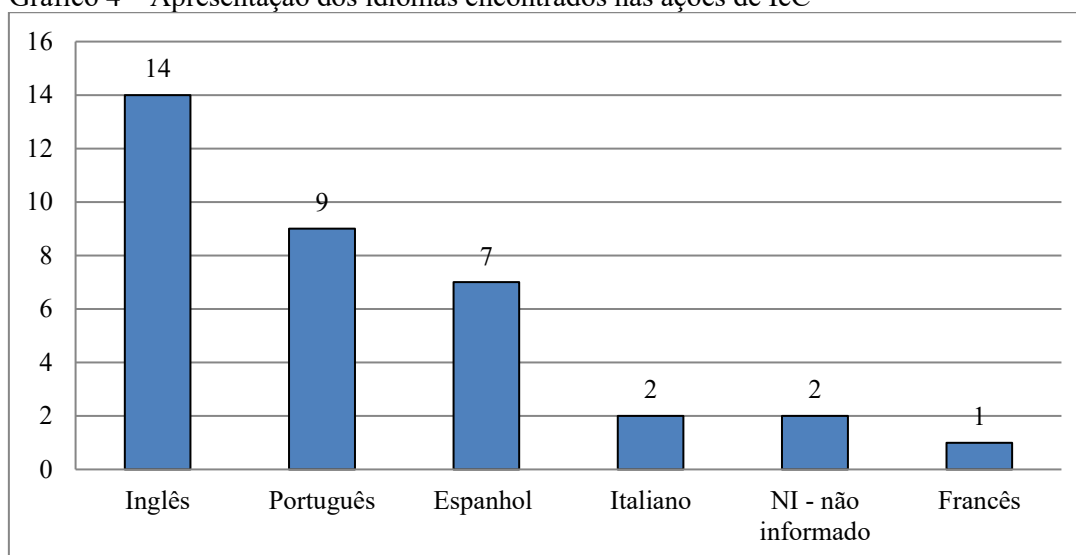
Com a disseminação das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e a popularização do virtual como meio de aprendizagem, a tendência é que ações de IeC prevaleçam nesse formato, principalmente por disponibilizarem ações que podem ser síncronas

e assíncronas, resolvendo problemas em relação a fusos horários e à disponibilidade de tempo para a realização das ações de IeC.

De acordo com os resultados obtidos nesse indicador, pode-se inferir que as interações virtual e presencial são frequentes e que a utilização de ambas está em franco crescimento, denotando uma tendência para o futuro, sobretudo para a IeC, que tende a ser melhor explorada quando apresenta interações presenciais, estimulando, assim, a interculturalidade.

**d) Quais idiomas foram identificados no levantamento bibliográfico** – o idioma mencionado nas ações de IeC pesquisadas apresentam a predominância do inglês com 14 resultados, o português apareceu em nove resultados, seguido de perto pela apresentação do espanhol com sete resultados. O idioma italiano e a referência ao idioma não informado são responsáveis por dois resultados, e o francês contabilizou somente um resultado.

Gráfico 4 – Apresentação dos idiomas encontrados nas ações de IeC



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

A hegemonia do inglês é clara, principalmente quando se observa que o inglês é considerado o idioma acadêmico.

Como o português não aparece em todos os resultados, infere-se a existência de ações sendo realizadas, exclusivamente, em outros idiomas.

A presença do espanhol já era esperada, pois o Brasil está localizado geograficamente na América Latina, que, por sua vez, é predominantemente falante do espanhol, porém apresenta menos da metade dos resultados, assim, pode-se inferir que o Brasil possui restrições para se relacionar com os próprios vizinhos numa internacionalização horizontalizada entre



países do Sul global, prevalecendo a internacionalização verticalizada, que ocorre entre os países representantes do Norte global, que são falantes de inglês.

Os outros dois idiomas (francês e italiano) resultaram em um e dois resultados, respectivamente, mostrando que a prevalência na realização das ações está focada no idioma hegemônico que é o inglês. Destaca-se que houve dois resultados em que a apresentação do idioma não foi identificada.

**e) Identificação das IES presentes no levantamento bibliográfico** – foram identificadas 38 IES, destas, 16 são nacionais públicas e quatro nacionais privadas, entre as internacionais, 12 eram públicas e seis privadas que fizeram parte das ações de IeC.

Salienta-se que nem todas as instituições foram identificadas nos documentos pesquisados. Um dos documentos menciona que a pesquisa foi realizada em 13 IES, mas não identifica nenhuma, e outros três documentos também não identificam as IES em que as pesquisas aconteceram.

Após a quantificação dos dados, observou-se que as colaborações internacionais ocorrem em maior número entre as instituições públicas.

Além das instituições informadas no Quadro 3, foram indicados nos resultados a participação de outros países, mas não houve vinculação a nenhuma instituição especificamente.

Quadro 3 – Instituições de ensino superior identificadas na pesquisa

<b>Sigla</b>	<b>Instituição</b>	<b>Pública</b>	<b>Privada</b>
-----	Oxford University (Inglaterra)		<b>X</b>
-----	De Paul University (EUA)		<b>X</b>
-----	Parc Int Uny (EUA)		<b>X</b>
-----	Tompkins Cortland Community College (EUA)		<b>X</b>
-----	Keele University (Inglaterra)	<b>X</b>	
<b>UCL</b>	University College (London/Inglaterra)	<b>X</b>	
<b>UVa</b>	Universidad de Valladolid (Espanha)	<b>X</b>	
	Université de Bordeaux (França)	<b>X</b>	
<b>NTCU</b>	National Taichung University of Education (Taiwan)	<b>X</b>	
<b>FAE</b>	Centro Universitário		<b>X</b>
<b>FEMPAR</b>	Faculdade Evangélica Mackenzie do Paraná		<b>X</b>
<b>IPB</b>	Instituto Politécnico de Bragança	<b>X</b>	
<b>NIBM</b>	National Institute of Business Management (School of Language) Sri Lanka	<b>X</b>	
<b>PUCPR</b>	Pontifícia Universidade Católica do Paraná		<b>X</b>
<b>SCIENCES PO</b>	Institut D'études Politiques de Paris (França)	<b>X</b>	
<b>UAH</b>	Universidad Alberto Hurtado (Chile)		<b>X</b>
<b>UBA</b>	Universidad de Buenos Aires (Argentina)	<b>X</b>	

<b>Sigla</b>	<b>Instituição</b>	<b>Pública</b>	<b>Privada</b>
<b>UC</b>	Coventry University (Inglaterra)	<b>X</b>	
<b>UCT</b>	Universidad Católica de Temuco (México)		<b>X</b>
<b>UEG</b>	Universidade Estadual de Goiás	<b>X</b>	
<b>UEM,</b>	Universidade Estadual de Maringá	<b>X</b>	
<b>UFBA</b>	Universidade Federal da Bahia	<b>X</b>	
<b>UFES</b>	Universidade Federal do Espírito Santo,	<b>X</b>	
<b>UFJF</b>	Universidade Federal de Juiz de Fora	<b>X</b>	
<b>UFMS</b>	Universidade Federal do Mato Grosso do Sul	<b>X</b>	
<b>UFMT</b>	Universidade Federal de Mato Grosso	<b>X</b>	
<b>UFPE</b>	Universidade Federal Rural de Pernambuco	<b>X</b>	
<b>UFPR</b>	Universidade Federal do Paraná	<b>X</b>	
<b>UFRGS</b>	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	<b>X</b>	
<b>UFRN</b>	Instituto de Educação, Ciência E Tecnologia do Rio Grande do Norte	<b>X</b>	
<b>UFU</b>	Universidade Federal de Uberlândia	<b>X</b>	
<b>UNC</b>	Universidad Nacional de Córdoba (Argentina)	<b>X</b>	
<b>UNEMAT</b>	Universidade do Estado de Mato Grosso	<b>X</b>	
<b>UNESP</b>	Universidade Estadual Paulista “Júlio De Mesquita Filho”	<b>X</b>	
<b>UNIBRASIL</b>	Centro Universitário Autônomo do Brasil		<b>X</b>
<b>UNILA</b>	Universidade Federal da Integração Latino-Americana	<b>X</b>	
<b>UTFPR</b>	Universidade Tecnológica Federal do Paraná	<b>X</b>	
<b>UV</b>	Universidad de Veracruz (México)	<b>X</b>	

Fonte: Dados da pesquisa (2024)

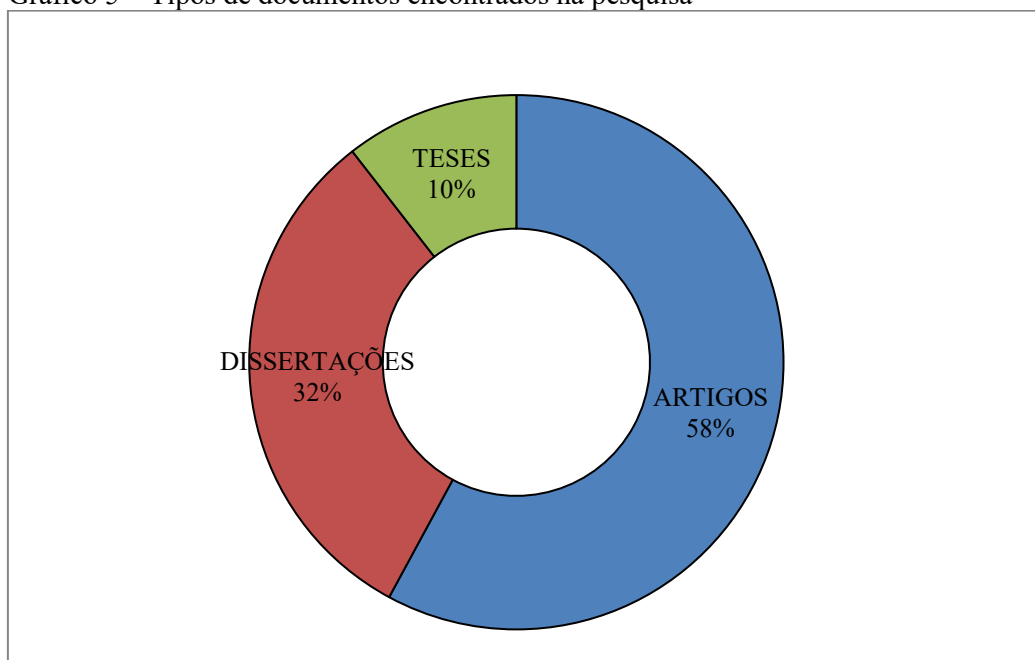
Os resultados inferem, além da diversidade, que o acesso às TICs não foi um problema. Obviamente, cada pesquisador e instituição contida nos resultados se adaptaram às tecnologias mais adequadas para si, disponibilizadas, acessíveis e previamente conhecidas pelo público-alvo nos países em que as ações de IeC foram postas em prática.

**f) Tipo de documento** – em relação aos tipos de documentos do levantamento bibliográfico, observou-se que 11 dos 19 resultados são artigos publicados em periódicos científicos, o que equivale a 57,89% dos resultados.

As dissertações figuraram no segundo tipo de documento mais significativo nos resultados alcançados no levantamento bibliográfico, com seis dissertações, já as teses tiveram somente dois, que equivalem a 32% e 10% da pesquisa, respectivamente.

A presença das práticas das ações de IeC, conforme indicada no levantamento bibliográfico, concentra-se essencialmente na publicação de artigos.

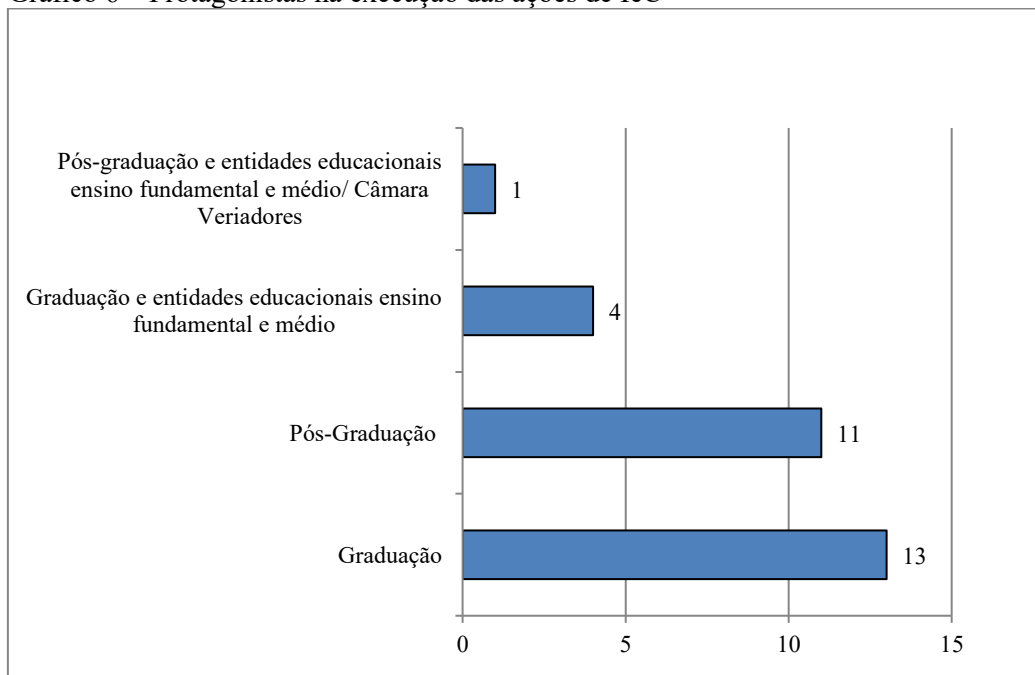
Gráfico 5 – Tipos de documentos encontrados na pesquisa



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

**g) Iniciativa de realização das ações de IeC nas IES brasileiras** – a iniciativa para a realização das ações partiu tanto dos cursos de graduação quanto dos programas de pós-graduação das instituições.

Gráfico 6 – Protagonistas na execução das ações de IeC



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Os programas de pós-graduação desenvolveram ações de IeC em 11 dos 19 resultados, sendo um deles em conjunto com instituições educacionais de ensino fundamental e médio e com a Câmara de Vereadores local.

Entretanto, os cursos de graduação desenvolveram 13 ações de IeC, e, de forma conjunta com instituições educacionais de ensino fundamental e médio, quatro resultados.

As ações de IeC envolvem diversos níveis educacionais e, nesse levantamento bibliográfico, concentrou-se na graduação e na pós-graduação.

#### **h) Tecnologias da informação utilizadas pelas IES no levantamento bibliográfico**

– as TICs foram extraídas de acordo com a forma como eram apresentadas nos resultados.

Figura 7 – Nuvem de palavras, representando a frequência em que as TICs são descritas nos resultados do levantamento bibliográfico



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

A diversidade de TICs apresentada nos resultados foi significativa, sugerindo não apenas o conhecimento, mas também o domínio dessas tecnologias.

Para a representação das TICs, escolheu-se uma nuvem de palavras-termo que vem do inglês “*word cloud*”, como apresentada na Figura 7, que nada mais é que a representação visual da frequência com que as palavras aparecem num texto, nesse caso, a frequência que as diversas TICs apareceram no levantamento bibliográfico.

A nuvem de palavras é uma importante ferramenta, pois facilita a análise e a compreensão de determinados termos num contexto específico, e, nesta pesquisa, foi no contexto da IeC.

De forma geral, observou-se que foram privilegiadas as TICs de acesso livre, conseqüentemente as mais populares entre a comunidade acadêmica para a utilização na prática das ações de IeC.

**i) Tempo de duração das ações** – as ações de IeC aconteceram por meio de eventos, cursos, disciplinas, vivências, formação profissional e projetos de extensão universitária. A diversidade de possibilidades influenciou diretamente na duração das ações, pois os eventos podem ser pontuais (independentemente da quantidade de vezes que seja repetido com periodicidade anual), perpassando por cursos (tanto de curta como de longa duração), por disciplinas e por vivências específicas com duração semestral ou de projetos de extensão que duraram por anos.

**j) Participantes das ações de IeC** – em relação à abrangência da participação da comunidade acadêmica, pode-se observar que a comunidade acadêmica, principalmente (docentes e discentes), é representada de forma significativa na pesquisa. A presença de professores e de alunos é relatada em todas as ações, tanto em nível nacional como internacional. Já os Servidores Técnicos Administrativos (STAs) são relatados em poucas publicações.

Em questões numéricas, as ações variaram consideravelmente. Foram registradas ações de poucas pessoas, somente as matriculadas nas turmas específicas, como cursos formados por membros de diversos países, e mesmo não havendo a informação de quantas pessoas estavam matriculadas, pode-se presumir que são muitas, uma vez que os cursos, tanto na forma MOOC como COIL, eram abertos para participantes de qualquer lugar do mundo.

Houve ainda as disciplinas fechadas oferecidas pelas IES com número de participantes reduzido devido às características da própria disciplina. Eventos abertos também foram registrados com a participação do corpo acadêmico, dos alunos estrangeiros e de toda a comunidade, incluindo comunidades tradicionais.

Os cursos de formação foram os que apresentaram o registro de integrantes mais significativos dadas a sua abrangência e configurações iniciais. Um dos resultados informou a participação da comunidade universitária, especificamente da pós-graduação, bem como dos participantes da formação que se estendeu para as escolas de origem dos professores em formação. Nesse resultado, um curso de extensão voltado para a formação docente registrou 155 professores da rede pública de 50 escolas municipais que envolveram 420 alunos da educação básica municipal, além da Câmara de Vereadores local, pois o impacto da ação causou a mudança das leis municipais em relação ao letramento linguístico. Portanto, a ação resultou

na publicação<sup>43</sup> de um *e-book* e do protocolo do documento de acolhimento para alunos imigrantes nas escolas.

Portanto, pode-se observar que a questão norteadora levantada e os objetivos traçados para o desenvolvimento do levantamento bibliográfico foram satisfeitos, pois identificou-se todas as ações de IeC, praticadas nos documentos obtidos na busca. Também foram registradas em categorias de análise as competências necessárias para a formação do cidadão global, subdividas nas dimensões conhecimento, habilidades e atitudes, acrescidas dos valores e da interculturalidade, e outras duas competências fundamentais para a formação da cidadania global, parte significativa das ações de IeC, juntamente com o letramento linguístico.

Foram acrescidas, ainda, informações mensuráveis relevantes para o crescimento e o desenvolvimento do conhecimento referentes à internacionalização em casa IeC, e essas informações encerraram as análises referentes ao levantamento bibliográfico.

---

<sup>43</sup> *E-book* pode ser consultado em: <https://drive.google.com/file/d/1zZyyquWicZ9mBiBnoZ4EldCBn-k-QtbQ/view> Protocolo e documento de acolhimento para alunos imigrantes nas escolas ou em: <https://dspace.unila.edu.br/bitstream/handle/123456789/5879/DOCUMENTO%20ORIENTADOR%20E%20P%20ROTOCOLO%20DE%20ACOLHIMENTO.pdf?sequence=3&isAllowed=y>.

#### **4 PROPOSTA DE DIRETRIZES PARA A IMPLEMENTAÇÃO DE UM PROGRAMA DE INTERNACIONALIZAÇÃO “AT HOME” (IAH) OU EM CASA (IEC) NAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE ENSINO SUPERIOR BRASILEIRAS**

Ao propor a elaboração de diretrizes para a implementação de um Programa de Internacionalização “*at home*” (IaH) ou em casa (IeC) nas instituições públicas de ensino superior brasileiras, pretende-se oferecer uma indicação “prática” a ser aplicada em relação à internacionalização em casa. As instituições são independentes para realizar adaptações, acréscimos, reduções e quaisquer mudanças necessárias ao aplicar a sugestão desta proposta de diretrizes ao seu contexto institucional.

A primeira e mais significativa política institucional deve ser a separação dos Planos de Institucionalização da Internacionalização já existentes nas IES brasileiras em dois programas diferenciados de internacionalização.

No referencial teórico disponibilizado pela literatura da área e na aplicação prática, o que vem sendo apresentado e amplamente difundido é que a mobilidade acadêmica internacional e a IeC são apresentadas como um programa único, em que a IeC, quando aparece, é apresentada em ações isoladas executadas e contabilizadas como mais uma ação de mobilidade acadêmica internacional por apresentar a participação de docentes e de discentes estrangeiros.

No entanto, somente a mobilidade acadêmica internacional, por causa da sua visibilidade, recebe recursos financeiros, governamentais e de organizações privadas para a sua realização, ou seja, com poucas adaptações, o que se apresenta nos Planos de Institucionalização da Internacionalização, disponibilizados pelas IES brasileiras, pode se transformar no Programa de Internacionalização voltado especificamente para a mobilidade acadêmica internacional.

E como foi exposto na apresentação desta dissertação especificamente na seção 1.1.4 “A internacionalização e as IES no Brasil – Breve Histórico”, o investimento que a mobilidade acadêmica internacional recebe é absolutamente desproporcional em dois aspectos:

- a) No primeiro aspecto, questiona-se a distribuição dos recursos, que geralmente são disponibilizados somente para a mobilidade acadêmica internacional, sendo oferecido pouco ou nenhum recurso para a IeC, e, quando esses recursos são disponibilizados, eles são feitos em ações isoladas. Relembrando, segundo Didio (2021), o investimento financeiro para a mobilidade acadêmica internacional foi de R\$13 bilhões para o Programa Ciência sem Fronteiras, que foi o maior programa de internacionalização já desenvolvido no Brasil.

- b) No segundo aspecto, observa-se a absoluta discrepância no número de atendimentos, ou seja, a mobilidade acadêmica internacional atende a menos de 1% dos 12 milhões de estudantes matriculados em todas as IES (públicas e privadas) do Brasil, como afirma o Censo do Ensino Superior publicado em 2021. Já a IeC, que apresenta a possibilidade de atendimento de toda ou pelo menos da maioria da comunidade universitária, efetivamente não vem recebendo recursos financeiros. Mesmo com a promessa de inclusão de um número de participantes, significativamente superior ao que vem sendo atendido pela mobilidade acadêmica internacional. E percebe-se que, como foi prometido, pois não há registros da aplicação da IeC como uma ferramenta de internacionalização consolidada e institucionalizada nas IES brasileiras, a IeC aparece em ações isoladas dentro das instituições.

Novamente, evidencia-se a importância da mobilidade acadêmica internacional, mas não é aceitável que todo, ou quase todo, recurso financeiro seja disponibilizado para o atendimento de um número tão reduzido, enquanto a esmagadora maioria, os 99% de estudantes restantes, seja desprovida da oportunidade de impulsionar seus estudos, tornando-se um egresso preparado para um mercado de trabalho globalizado, como preconiza a IeC.

Com base no exposto, propõe-se a separação dos dois fluxos de internacionalização existentes, formando dois programas distintos dentro dos Planos de Institucionalização da Internacionalização.

A separação em dois programas é necessária, pois ambos apresentam formas diferenciadas de execução dos seus objetivos, mesmo tendo um propósito em comum, que é o retorno à sociedade de um egresso preparado para o mundo globalizado.

A Figura 8 que apresenta um Diagrama de Venn sugere a divisão dos Planos de Institucionalização da Internacionalização em: Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional e Programa de Internacionalização em Casa (PIeC) para que, assim, os recursos e outras atividades afins sejam disponibilizadas para ambos os programas.

Enquanto a mobilidade acadêmica internacional tem como finalidade o envio de estudantes (individualmente) para a imersão numa cultura internacional, exigindo o deslocamento físico do requerente, a IeC preconiza que essa imersão pode ser realizada “*in loco*” dentro da própria instituição em ações coletivas, maximizando recursos, uma vez que esses recursos são de uso coletivo e já estão disponibilizados pela instituição.

Ao criar dois programas independentes, como mostrado do Diagrama de Venn, pode-se observar a sugestão de divisão dos planos de institucionalização da internacionalização em dois



programas e, na intersecção deles, sugere-se a criação de um setor que auxiliaria ambos os programas.

A separação dos programas agregaria a IeC nas atividades já estabelecidas para os processos de internacionalização, como acordos, convênios e cooperações internacionais, além das diversas outras atividades que um Plano de Institucionalização da Internacionalização deve efetuar, maximizando os recursos físicos e de pessoal.

Figura 8 – Diagrama de Venn, sugerindo a divisão dos Planos de Institucionalização da Internacionalização em: Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional e Programa de Internacionalização em Casa (PIeC)



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Assim sendo, propõem-se as diretrizes para a implementação de um Programa de IeC nas IES públicas brasileiras.

#### 4.1 DIRETRIZES PARA A CRIAÇÃO DE UM PROGRAMA DE INTERNACIONALIZAÇÃO EM CASA (PIeC)

A proposta da criação de um PIeC deve ser considerada como uma ferramenta de internacionalização por meio das IES brasileiras e precisa ser vinculada aos Planos de Desenvolvimento Institucional (PDI), aos Projetos Pedagógicos Institucionais (PPI) e aos

setores dentro das instituições responsáveis pela logística da Internacionalização, devendo estar em harmonia com a missão, a visão, os valores e a vocação das IES.

Para a implementação do PIeC, optou-se pela criação de diretrizes orientadoras para as políticas institucionais que direcionarão as ações estratégicas a serem implementadas na criação de um Programa de Internacionalização em Casa.

A presente proposta considerou os preceitos propostos pela Lei n. 9.394/1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) que, de forma geral, preconiza a igualdade de condições para o acesso e a permanência nas instituições escolares<sup>44</sup>, a liberdade de aprendizado, ensino, pesquisa e a divulgação do pensamento cultural e artístico, bem como da sabedoria, além do direito ao pluralismo de ideias, da diversidade étnico-cultural, das concepções pedagógicas, da garantia de padrões de qualidade educacional e da valorização da experiência extraescolar (Brasil, 1996).

É importante ressaltar que a internacionalização é um dos instrumentos utilizados para alcançar as finalidades da educação superior presentes no artigo 43, da Lei n. 9.394 (Brasil, 1996), que pressupõe:

- a) aguçar as criações culturais, bem como a expansão do pensamento científico e reflexivo;
- b) estimular a pesquisa e a investigação científica, propiciando o desenvolvimento científico e tecnológico, gerando, difundindo e divulgando atividades culturais, científicas e técnicas;
- c) transmitir o saber por meio do ensino, das publicações e de outras maneiras de comunicação científica, fomentando o constante impulso de aperfeiçoamento cultural, profissional e artístico;
- d) executar e integrar o saber adquirido numa estrutura sistematizadora do conhecimento intelectual acumulado por meio de gerações voltada para a resolução das problemáticas vivenciadas em cada tempo histórico; e
- e) enfocar os problemas locais, regionais nacionais e internacionais, prestando serviços especializados à comunidade e estabelecendo uma relação de reciprocidade que se constituirá em patrimônio da humanidade.

---

<sup>44</sup> É importante ressaltar que essa igualdade de condições de acesso já vem sendo ignorada desde a implementação dos programas de internacionalização, pois, como foi observado anteriormente nesta dissertação, o número de estudantes contemplados pela internacionalização e atendidos pelo programa de mobilidade acadêmica internacional representa aproximadamente 1% dos estudantes de todo o ensino superior brasileiro.

Outras leis e decretos podem ser considerados e incluídos na elaboração do PIeC, desde que ajustadas as diretrizes institucionais.

Para a orientação da criação de um PIeC, sugere-se a implementação de políticas institucionais norteadoras, específicas para IeC, lembrando que essas políticas podem e devem variar para se adequarem às necessidades intrínsecas da instituição. Por exemplo: em relação às áreas do conhecimento desenvolvidas na instituição, sua vocação e sua localização geográfica, além de outros indicadores que as instituições julgarem necessários.

Assim sendo, foram elencados os seguintes objetivos a serem observados para o desenvolvimento de um PIeC:

- a) SENSIBILIZAR a comunidade acadêmica da importância da IeC nos contextos acadêmico, regional, nacional e internacional.
- b) DIVULGAR a IeC como uma ferramenta para aperfeiçoar e qualificar as atividades-fim institucionais: ensino, pesquisa, extensão, contextualizando-as nos temas de interesse de âmbito global com impacto local, como sustentabilidade, energias renováveis, equidade social, diversidade cultural, entre outros, voltadas para o desenvolvimento humano.
- c) ALOCAR recursos financeiros para a implementação do PIeC institucionalmente.
- d) FAVORECER o letramento em línguas estrangeiras, tanto as hegemônicas (inglês, espanhol, francês, alemão, entre outras) quanto as minoritárias (línguas dos povos originários, guarani, kaingang, xavante, entre outras, respeitando a inserção geográfica da instituição), bem como línguas faladas na América do Sul, como quéchua, guarani, aimará, e outras para as quais houver demanda.
- e) PROMOVER a IeC no contexto local, regional, nacional e internacional das IES, promovendo parcerias (públicas e privadas) advindas das áreas de interesse em evidência na instituição, previamente identificadas nas áreas do ensino da pesquisa e da extensão, priorizando a vocação institucional.
- f) VIABILIZAR as parcerias e as ações, de acordo com a demanda oriunda das áreas do conhecimento, das áreas temáticas de extensão e das unidades acadêmicas.
- g) DESENVOLVER um ambiente acadêmico de ensino que proporcione vivências internacionais, abordando questionamentos globais e propiciando o acesso ao estudo de línguas estrangeiras, disciplinas, cursos, eventos e currículos internacionalizados.
- h) ADERIR às metas dos organismos nacionais e internacionais com o intuito de implementar parcerias internacionais, preconizadas pela agenda global e voltadas

para o desenvolvimento sustentável, baseado no espírito de solidariedade global, para a erradicação das diferenças sociais que se apresentam na atual conjuntura mundial.

Portanto, a criação de um PIeC refere-se ao conjunto de medidas que proporcionem a ampliação do diálogo entre a comunidade acadêmica com as questões globais, sendo visto como um vetor para mudanças e melhorias na formação acadêmica e na produção do conhecimento e privilegiando um diálogo constante entre o local e o global. O corpo acadêmico e técnico deve ser diversificado, pois isso amplia as possibilidades de trocas interculturais, acadêmicas e tecnológicas nos seus processos de ensino e aprendizagem voltados para a formação de um egresso preparado para atuar em um mercado de trabalho globalizado.

As vantagens da implementação das propostas de diretrizes para a criação de um Programa de Internacionalização em Casa (PIeC) são:

- a) oferecer aos alunos perspectivas globalizadas no seu programa de estudos, sem a obrigatoriedade da participação em um programa de Mobilidade Acadêmica Internacional;
- b) desenvolver as dimensões internacionais e interculturais integradas ao currículo formal, dentro da instituição;
- c) incluir as atividades extracurriculares ao currículo formal;
- d) integrar a diversidade cultural ao currículo formal;
- e) envolver toda a comunidade universitária na busca pela cidadania global;
- f) desenvolver o senso crítico oportunizando acesso dos estudantes a conteúdos internacionais e interculturais, por exemplo, os efeitos da globalização no local e no global e vice-versa;
- g) promover o engajamento com estudantes internacionais;
- h) preparar o egresso para o mercado de trabalho globalizado; e
- i) fomentar a internacionalização do câmpus.

Com o intuito de nortear a criação de uma proposta de diretrizes para a implementação de um Programa de Internacionalização “*at home*” (IaH) ou em casa (IeC) nas instituições públicas de ensino superior brasileiras, esta dissertação sugere políticas institucionais, vislumbrando as necessidades institucionais para a sua realização.

Para tanto, entre as ferramentas administrativas disponíveis para esse exercício, optou-se pela análise SWOT, uma das mais utilizadas na avaliação dos ambientes institucionais, interna e externamente.

A análise SWOT tem como finalidade identificar os pontos fortes e fracos da instituição, com o objetivo de torná-la mais eficiente, eficaz e competitiva.

SWOT é um acrônimo em inglês para designar: Forças (*Strengths*), Fraquezas (*Weaknesses*), Oportunidades (*Opportunities*) e Ameaças (*Threats*) de uma organização a ser analisada. No Brasil, é conhecida como Matriz FOFA, acrônimo para Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças. No Quadro 4 apresenta-se uma sugestão de análise SWOT desenvolvida para a implementação do PIeC nas instituições.

Quadro 4 – Análise SWOT: Forças, Fraquezas, Oportunidades e Ameaças para a criação do PIeC

FORÇAS (AMBIENTE INTERNO)	FRAQUEZAS (AMBIENTE INTERNO)
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Perspectiva do planejamento da IeC dentro da estrutura institucional incluindo o Programa de IeC nos: Planos de Institucionalização da internacionalização; Planos de Desenvolvimento Institucional (PDI) e Projeto Pedagógico Institucional.</li> <li>- Adequação das ações de IeC no ensino, pesquisa e na extensão.</li> <li>- Dispor da estrutura física já existente para a prática das ações de IeC.</li> <li>- Proporcionar Letramento em língua estrangeira a comunidade acadêmica.</li> <li>- Institucionalizar as ações de IeC praticadas na instituição.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Falta de recursos financeiros governamentais destinados a IeC.</li> <li>- Desconhecimento da IeC na comunidade acadêmica.</li> <li>- Dificuldade em estabelecer a IeC como ferramenta de internacionalização.</li> <li>- Falta de reconhecimento da IeC como um instrumento para a excelência acadêmica.</li> </ul>

Fonte: Dados da pesquisa (2024)

A análise SWOT engloba a observação de cenários para a tomada de decisão institucional, considerando-se as forças e as fraquezas do ambiente interno e as oportunidades e as ameaças do ambiente externo.

#### 4.1.1 Eixos Temáticos para a Implementação do Programa de Internacionalização em Casa (PIeC)

Para a inserção do PIeC nos Planos de Institucionalização da Internacionalização nas IES, sugere-se a elaboração de dois eixos temáticos:

- a) **EIXOS ESTRATÉGICOS** – são temáticas centrais nas quais são distribuídas as diretrizes para o PIeC, objetivando a integração das ações propostas.

Os eixos estratégicos devem ser poucos, dada a sua natureza, a abrangência e a prioridade dentro das IES. Os eixos estratégicos oferecem ainda a vantagem de proporcionar o monitoramento e a constante avaliação dos resultados por cada eixo, o que permite o ajuste e a

correção das diretrizes estabelecidas sem necessariamente corrigir todo o planejamento sugerido para a criação e a implementação do PIeC.

Em relação à sua natureza, os eixos temáticos acarretam um posicionamento vantajoso para as IES, principalmente considerando as competências e as vocações institucionais no cenário globalizado.

A abrangência vai determinar a importância e a representatividade para a incorporação dos padrões de excelência impostos pelos critérios que determinarão uma instituição como sendo de classe mundial.

Já a prioridade refere-se à capacidade de convergência dos esforços institucionais para a execução dos eixos estratégicos.

Cabe às instituições a definição da linha do tempo a ser implementada, pois cada instituição pode definir e seguir uma temporalidade distinta. Devido ao fato de os marcos temporais institucionais serem marcados por quatro anos, tempo de duração de uma gestão eleita pela comunidade, sugere-se que uma linha de tempo seja implementada em ciclos de quatro anos, tornando-se compatível com a temporalidade da gestão das IES brasileiras.

Os eixos estratégicos são cumpridos por meio de diretrizes (apresentadas por indicadores mensuráveis), e essas ações estratégicas representam o compromisso institucional de monitoramento e de adequações constantes para seu êxito.

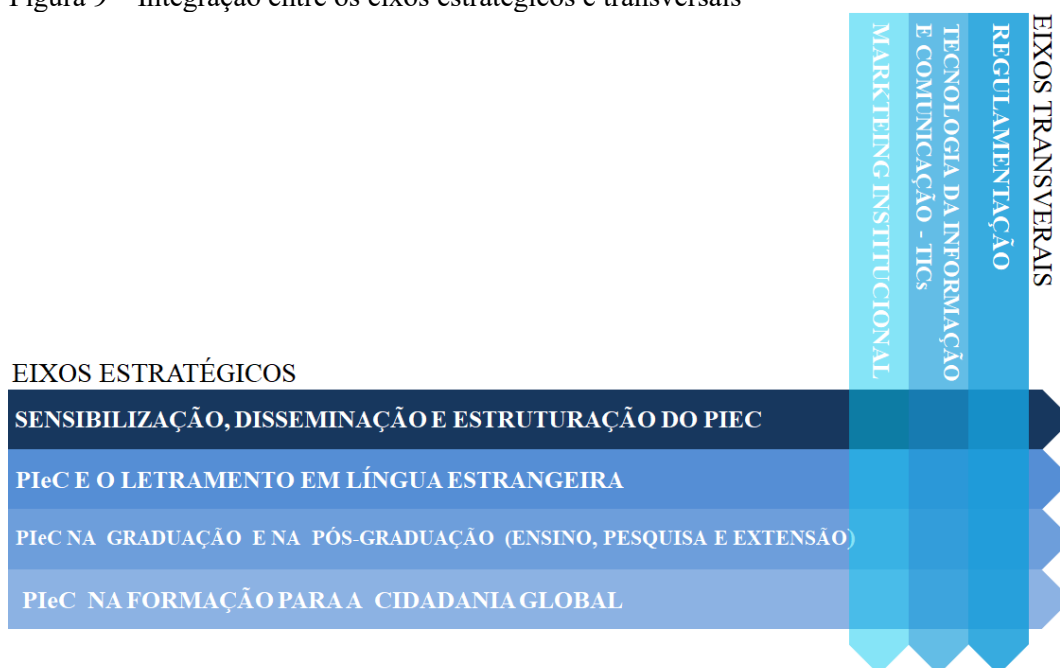
b) **EIXOS TRANSVERSAIS** – são áreas temáticas importantes que permeiam todo o processo educacional de maneira estruturada e contextualizada.

A transversalidade busca unir esforços para lidar com problemas complexos, coordenando diferentes ações estratégicas para a sua realização. Conceitualmente, a transversalidade é usada como um recurso em políticas públicas para se referir ao tratamento de algum tema de forma conjunta entre os setores de uma mesma instituição, promovendo, assim, discussões estruturadas para a tomada de decisão.

Portanto, os temas transversais “[...] dão sentido social a procedimentos e conceitos próprios das áreas convencionais, superando, assim, o aprender apenas pela necessidade [...]” (Brasil, 1998, p. 30) de terminar o curso.

Os eixos transversais não constituem novas diretrizes, mas se referem a tangenciar as diretrizes já existentes, voltando-se para a compreensão e para a construção de uma nova realidade social, o que envolve os direitos e as responsabilidades relacionados com a vida acadêmica inseridos na coletividade, confirmando, assim, a integração no mundo globalizado.

Figura 9 – Integração entre os eixos estratégicos e transversais



Fonte: Adaptada de Universidade Federal de Pernambuco (2018)

Os objetivos dos eixos transversais consistem em incluir na prática administrativa acadêmica temas não contemplados no currículo formal, mas que estão comprometidos com a aprendizagem para a formação de um egresso com competências globalizadas. As ações desse eixo se entrecruzam com as ações do eixo estratégico, tecendo ações/práticas que fortalecem ou proporcionarão a consolidação do PIEC em toda a sua plenitude.

#### 4.1.2 Proposta de Ações Estratégicas para o Eixo Estratégico

Para o desenvolvimento do eixo estratégico, foram desenvolvidos quatro eixos que serão apresentados em quadros que definirão as ações estratégicas a serem implementadas para a institucionalização do Programa de Internacionalização em Casa (PIeC). O eixo estratégico proposto foi inspirado e adaptado dos eixos estratégicos apresentados nos planos de institucionalização da internacionalização já existentes nas instituições.

Ao mencionar os setores responsáveis pela implementação ou execução das ações estratégicas do PIEC, optou-se pela generalização desses setores, uma vez que, em cada instituição, eles apresentam nomenclaturas diferenciadas.

Os eixos estratégicos representam as temáticas centrais propostas para a implementação e a institucionalização do PIEC.

As diretrizes e as ações estratégicas sugeridas para definição do eixo estratégico serão apresentadas a seguir, explicitando a meta institucional a ser alcançada e propondo as ações estratégicas, os prazos para sua implementação e os responsáveis da instituição pela viabilização da sua execução.

A implementação do PIEC institucionalmente promove e consolida a IeC como uma ferramenta de internacionalização abrangente, inclusiva e economicamente viável.

#### 4.1.2.1 Sensibilização, Disseminação e Estruturação do PIEC

Esse eixo estratégico está relacionado às ações estratégicas que venham a sensibilizar, disseminar e estruturar a comunidade acadêmica para a importância e os benefícios no processo educacional e no desenvolvimento institucional.

Para a disseminação da IeC no meio acadêmico, propõe-se a apresentação da IeC como uma ferramenta de internacionalização. E, para tanto, isso requer essencialmente duas estruturas diferenciadas: a infraestrutura física voltada para a adequação dos imóveis e equipamentos a serem utilizados e a estruturação voltada para a gestão de pessoas nas instituições.

Para as ações estratégicas ligadas à estruturação física, as instituições devem apresentar condições físicas que envolvem a infraestrutura dos imóveis e dos equipamentos para o desenvolvimento de ações de IeC.

É importante ressaltar que toda a infraestrutura já existente na instituição pode e deve ser utilizada, maximizando os recursos empregados para a implementação da IeC e, sempre que necessário, promovendo a sua adequação e ampliação.

Para as estratégias referentes à estruturação do quadro de pessoal necessário para o desenvolvimento e a gestão de pessoas nas instituições, sugere-se um cuidado especial no recrutamento interno, privilegiando as pessoas que, ao ingressarem no serviço público, já apresentem as características e o conhecimento em línguas estrangeiras.

Quadro 5 – Proposta de diretrizes e de ações estratégicas responsáveis pela execução do PIEC e sugestão dos prazos para a sua realização I

Eixo Estratégico		
Sensibilização, Disseminação e Estruturação do PIEC Institucionalmente		
Diretrizes	Fomentar e Implementar PIEC nas IES	
Ações Estratégicas	Execução	Prazos
Criar condições físicas, financeiras, administrativas e acadêmicas para a execução do Fórum Permanente de	Setores e Pró-Reitorias ligados a Internacionalização, setor financeiro, setores administrativos e acadêmicos.	CURTO



<b>Eixo Estratégico</b>		
<b>Sensibilização, Disseminação e Estruturação do PleC Institucionalmente</b>		
<b>Diretrizes</b>	<b>Fomentar e Implementar PleC nas IES</b>	
<b>Ações Estratégicas</b>	<b>Execução</b>	<b>Prazos</b>
Discussão sobre a Implementação do PleC.		
Elaborar um Portifólio de ações de IeC.	Setor de Internacionalização.	CURTO
Mapear e captar oportunidades de iniciativas de internacionalização na instituição.	Setores e Pró-Reitorias ligados à Internacionalização, centros e departamentos de ensino, coordenadoria dos cursos graduação e programas de pós-graduação.	CURTO
Definir áreas do conhecimento voltadas a vocação institucional estabelecendo perfil dos parceiros internacionais visando inserção no PleC, desenvolvendo projetos conjuntos e relacionamentos acadêmicos internacionais.	Setores e Pró-Reitorias ligados a Internacionalização os centros e departamentos de ensino, coordenadoria dos cursos graduação e programas de pós-graduação.	CURTO
Divulgar continuamente as oportunidades e iniciativas de internacionalização na instituição, através da criação de um observatório digital de oportunidades promovendo a divulgação ações voltadas ao PleC, via redes sociais, e meios de comunicação locais, regionais, nacionais e internacionais.	Setor de Internacionalização, setor de comunicação institucional; orçamento e finanças e toda a comunidade acadêmica.	CONTÍNUO
Incluir a IeC no calendário de eventos institucionais (graduação e pós-graduação).	Setor de Internacionalização, setor de comunicação institucional.	CONTÍNUO
Promover diversidade e inclusão na comunidade acadêmica favorecendo a ambiência internacional.	Setor de Internacionalização, setores de artes, cultura e ações afirmativas e toda a comunidade acadêmica e comunicação institucional.	CONTÍNUO
Sugerir a adesão ao Programa de IeC nos planos de cargos e salários de docentes e servidores.	Setor de Internacionalização, Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas, alta administração, CUn, MEC.	LONGO
Criar regulamentação e normatização para a IeC.	Setores e Pró-Reitorias ligados a Internacionalização, os centros e departamentos de ensino, coordenadoria dos cursos graduação e programas de pós-graduação.	CONTÍNUO
Desenvolver indicadores mensuráveis de IeC visando alocação de recursos financeiros.	Setor de Internacionalização, Pró-Reitorias de Internacionalização, de ensino, de pesquisa e de extensão.	CONTÍNUO
Adequar a estrutura física compatível ao volume e importância das atividades do setor responsável pela internacionalização visando ao atendimento de dois programas institucionais, o Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional e Programa de Internacionalização em Casa.	Setores e Pró-Reitorias ligados à Internacionalização, Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas, setor de orçamento e finanças, setor de infraestrutura predial, setor de infraestrutura das TICs.	CONTÍNUO

<b>Eixo Estratégico</b>		
<b>Sensibilização, Disseminação e Estruturação do PleC Institucionalmente</b>		
<b>Diretrizes</b>	<b>Fomentar e Implementar PleC nas IES</b>	
<b>Ações Estratégicas</b>	<b>Execução</b>	<b>Prazos</b>
Priorizar na estrutura organizacional o setor responsável pela internacionalização com um modelo de gestão propositivo, com o número de pessoal compatível ao volume e importância das atividades de IeC.	Setor de Internacionalização, Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas, alta administração e CUn.	CURTO
Promover cursos para formação de servidores (docentes e técnicos) visando ao desenvolvimento de habilidades em IeC.	Setor de Internacionalização, setor de infraestrutura das TICs, setor de orçamento e finanças, Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas.	CONTÍNUO
Criar certificação visando à comprovação de competências internacionais institucionalizadas.	Setor de Internacionalização, criar o setor para este fim.	CURTO
Dar suporte tecnológico (em hardware e software) para as ações estratégicas de implementação do PleC.	Setor de Internacionalização, setor de infraestrutura das TICs, setor de orçamento e finanças.	CONTÍNUO
Criar um marca institucional voltada para a disseminação do PleC, criando produtos comercializáveis como (canecas, moletons, blocos de notas entre outros).	Setor de Internacionalização, setor de infraestrutura das TICs, setor de orçamento e finanças, setor artístico e cultural.	CURTO
Acompanhar o impacto das ações do PleC na qualificação das atividades meio e atividades fins institucionais.	Setor de Internacionalização, setor de infraestrutura das TICs.	CONTÍNUO
Inserir a sustentabilidade ambiental como uma característica institucional a ser priorizada.	Toda a comunidade acadêmica.	CONTÍNUO
Proporcionar acesso a um ambiente internacionalizado nas atividades e ensino, pesquisa e extensão, promovendo a integração nas atividades voltadas desenvolvimento do letramento em língua estrangeira.	Setor e Pró-Reitorias ligados a Internacionalização, centros e departamentos de ensino, coordenadoria dos cursos graduação e programas de pós-graduação, toda a comunidade acadêmica.	CONTÍNUO
Promover o uso das TICs nas atividades de ensino, pesquisa e extensão na graduação e na pós-graduação.	Setor de Internacionalização, setor de infraestrutura das TICs.	CONTÍNUO
Promover ações de extensão focadas em problemas globais.	Setor de Internacionalização Pró-Reitoria de extensão.	CONTÍNUO
Ampliar e equipar as bibliotecas com recursos para proporcionar acesso a bibliotecas físicas e digitais.	Setor de Internacionalização, setor de infraestrutura das TICs, setor de orçamento e finanças, bibliotecas institucionais.	CONTÍNUO

Fonte: Dados da pesquisa (2024)

A sensibilização, a disseminação e a estruturação do PleC no meio acadêmico institucional referem-se à promoção das informações relacionadas às questões da IeC, enfatizando a sua importância na comunidade acadêmica e no desenvolvimento institucional.

Ressalta-se que a alocação desses servidores no setor responsável pela internacionalização é importante para que o treinamento e a contínua capacitação possam ser mantidos no desenvolvimento das atividades de implementação do PIeC.

Ao incentivar o conhecimento, a disseminação e a estruturação das ações acadêmicas sobre o que é IeC, promove-se a conscientização da importância para a sua implementação institucional, que, por sua vez, proverá acesso a um número significativamente maior dos membros da comunidade acadêmica aos processos de internacionalização.

#### 4.1.2.2 PIeC e o Letramento em Línguas Estrangeiras

Propõe-se a oferta de cursos e diversas ações em línguas estrangeiras que promovam a estruturação e a expansão das capacidades linguísticas disponibilizadas para a comunidade acadêmica.

Trata-se da habilidade em dominar uma língua estrangeira em todas as suas dimensões, utilizando esses conhecimentos linguísticos no cotidiano, ou seja, nas comunicações, nas ações sociais praticadas e nas interações acadêmicas e culturais.

É imprescindível para o desenvolvimento da IeC que o letramento em língua estrangeira possa acontecer tanto nas línguas hegemônicas, tradicionalmente apresentadas para o ensino superior no ocidente, como inglês, francês, espanhol, italiano e alemão, quanto idiomas em ascensão, como mandarim (chinês), japonês e árabe.

Recomenda-se que o letramento em línguas estrangeiras deva também ser disponibilizado tanto em línguas originárias do Brasil como também em línguas originárias de outros países, em especial os países da América Latina devido à posição geográfica do Brasil. Culturalmente, deve-se ainda oferecer letramento em línguas advindas de outros povos que intencionalmente ou por escravização incorporam o repertório linguístico brasileiro, como o yorubá e o banto.

Nesse ínterim, ressalta-se que as línguas estrangeiras não necessariamente precisam ser funcionais, isso devido a sua característica de conter em si um universo particular de conhecimentos, saberes e aspectos culturais referentes aos seus falantes.

Assim sendo, a funcionalidade de uma língua estrangeira pode ser um critério, mas não deve ser condição “*sine qua non*” para a inclusão do idioma nas políticas linguísticas institucionais, pois o estudo de uma língua estrangeira deve estar associado à cultura e à identidade de seus falantes, estando associada aos sistemas de valores, crenças e referenciais

simbólicos praticados por determinada sociedade como um produto social, bem como no contexto de ensino e aprendizagem.

O letramento em língua estrangeira permite, ainda, a adequação do processo de ensino e aprendizagem em todos os níveis: instrumental, básico, intermediário e avançado em língua estrangeira.

Dentro das estratégias e das ações propostas para o desenvolvimento do PIeC, deve figurar a oferta de português para estrangeiros que estejam na instituição.

É imperativo reforçar que não existe IeC sem a interação com o aprendizado em línguas estrangeiras. Esse aprendizado deve, obrigatoriamente, incluir o oferecimento de cursos em línguas não hegemônicas, como a língua dos povos originários e outras línguas estrangeiras, sempre que houver demanda.

Quadro 6 – Proposta de diretrizes e de ações estratégicas responsáveis pela execução das do PIeC e sugestão dos prazos para a sua realização II

<b>Eixo Estratégico</b>		
<b>Letramento em Língua Estrangeira</b>		
<b>Diretrizes</b>	<b>Disponibilizar o Letramento em Línguas Estrangeiras Institucionalmente</b>	
<b>Ações Estratégicas</b>	<b>Execução</b>	<b>Prazos</b>
Viabilizar a criação de um curso curricular em línguas estrangeiras nos moldes e com a qualidade dos cursos extracurriculares desenvolvidos nas IES.	Setores de Internacionalização, setor de infraestrutura das TICs, setor de orçamento e finanças, depto. de línguas estrangeiras e vernáculos, alta administração e CUn.	CURTO
Aderir a programas de idiomas (público) como o IsF, cursos fornecidos por embaixadas, consulados, institutos especializados entre outros, como também a programas privados como os ofertados pelo Instituto Confúcio.	Setores de Internacionalização, Pró-Reitorias de Internacionalização, de ensino, de pesquisa e de extensão, os centros e departamentos de ensino, depto. de línguas estrangeiras e vernáculos, setor de infraestrutura das TICs.	CURTO
Criar um Programa de Educação Tutorial (PET) multidisciplinar para língua estrangeira.	Setores de Internacionalização, Pró-Reitorias de Internacionalização, ensino, pesquisa e de extensão, os centros e departamentos de ensino, depto. de línguas estrangeiras e vernáculos, setor de infraestrutura das TICs.	CURTO
Propor a ampliação da oferta de disciplinas lecionadas em língua estrangeira na graduação, pós-graduação e em atividades extracurriculares institucionais para a comunidade externa.	Setores de Internacionalização, Pró-Reitorias de Internacionalização, de ensino, de pesquisa e de extensão, os centros e departamentos de ensino, coordenadoria dos cursos graduação e programas de pós-graduação, depto. de línguas estrangeiras e vernáculos, setor de infraestrutura das TICs, setor de orçamento e finanças.	CURTO

Eixo Estratégico		
Letramento em Língua Estrangeira		
Diretrizes	Disponibilizar o Letramento em Línguas Estrangeiras Institucionalmente	
Ações Estratégicas	Execução	Prazos
Disponibilizar atividades curriculares extracurriculares em língua estrangeira de fluxo contínuo para o treinamento de apresentações acadêmicas em outros idiomas, incluindo português para estrangeiros.	Setores de Internacionalização, Pró-Reitorias de Internacionalização, de ensino, de pesquisa e de extensão, os centros e departamentos de ensino, coordenadoria dos cursos graduação e programas de pós-graduação.	CONTÍNUO
Incentivar os programas de pós-graduação para uma contínua participação nas atividades de formação linguística, no decorrer dos cursos.	Setores de Internacionalização, Pró-Reitorias de ensino, pesquisa e extensão, de Internacionalização programas de pós-graduação.	CONTÍNUO
Credenciar as instituições como Postos aplicadores do exame do Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpe-Bras) para a comunidade acadêmica e comunidade em geral.	Setores de Internacionalização, criar o setor para este fim.	CURTO
Difundir o programa de português para estrangeiros, em diferentes níveis, conforme a demanda, promovendo o recrutamento de estrangeiros para a instituição.	Setores de Internacionalização, setor de infraestrutura das TICs, setor de orçamento e finanças, depto. de línguas estrangeiras e vernáculas.	CONTÍNUO
Difundir a cultura brasileira, promovendo eventos de interculturalidade entre alunos estrangeiros e a comunidade acadêmica.	Setores de Internacionalização, setor de infraestrutura das TICs, setor de orçamento e finanças, depto. de línguas estrangeiras e vernáculas, setor de cultura e Artes institucional.	CONTÍNUO

Fonte: Dados da pesquisa (2024)

É essencial que dentro do letramento em língua estrangeira seja incluído o português para estrangeiros. A preocupação com o atendimento das necessidades linguísticas dos estrangeiros deve figurar não somente pelo PIeC, mas em todas as atividades relativas à internacionalização com o intuito de promover o recrutamento de intercambistas provenientes do processo de internacionalização “*inbound*”.

A IeC se integra aos processos de ensino e aprendizagem voltados para o desenvolvimento de um cidadão globalizado, o que implica necessariamente estar aberto para receber estrangeiros que venham em busca de conhecimento formal ou cultural no Brasil.

Todas as ações sugeridas visam à promoção do letramento em língua estrangeira nas IES, apresentando o letramento linguístico como um dos pilares fundamentais para a implementação do PIeC institucionalmente.

#### 4.1.2.3 O PIeC na Graduação e na Pós-Graduação: ensino, pesquisa e extensão

A IeC na graduação e na pós-graduação: ensino, pesquisa e extensão, refere-se ao conjunto de ações que ampliam a capacidade de diálogo da comunidade acadêmica com o mundo ao seu redor, evidenciado nos processos de ensino e aprendizagem voltados para a formação do trabalho.

As ações de IeC na graduação e na pós-graduação, englobando ensino, pesquisa e extensão promovem o incentivo das atividades pedagógicas inovadoras que dialogam com os conteúdos e as competências locais e globais e estabelecem a importância dos aspectos internacionais na estruturação dos currículos acadêmicos formais e informais.

Mesmo desenvolvendo as ações estratégias em níveis diferenciados do ensino superior, devido à flexibilização proposta pela IeC no desenvolvimento de suas ações, essas ações podem ser desenvolvidas, salvo raras exceções, na graduação e na pós-graduação.

Por esse motivo, não houve a separação em graduação e pós-graduação e nem entre ensino, pesquisa e extensão, apresentados no Quadro 7, para evitar a duplicação das ações estratégicas voltadas para a implementação do Programa de Internacionalização em Casa (PIeC).

No Programa de Internacionalização em Casa (PIeC), propõe-se promover o tripé do ensino superior: o ensino, a pesquisa e a extensão, tanto na graduação quanto na pós-graduação, contextualizando as necessidades globais, respeitando e integrando as particularidades locais, regionais e nacionais.

Quadro 7 – Proposta de diretrizes e de ações estratégicas responsáveis pela execução do PIeC e sugestão dos prazos para a sua realização III

<b>Eixo Estratégico</b>		
<b>O PIeC na Graduação e na Pós-Graduação: Ensino, Pesquisa e Extensão</b>		
<b>Diretrizes</b>	<b>Impulsionar a Graduação e a Pós-Graduação Incorporando Ensino, Pesquisa e Extensão</b>	
<b>Ações Estratégicas</b>	<b>Execução</b>	<b>Prazos</b>
Verificar áreas prioritárias na instituição visando à criação de estratégias para parcerias internacionais e ampliando a oferta de cursos de graduação e pós-graduação multinacionais, visando à dupla titulação, além de promover cursos de pós-graduação em cotutela com IES internacionais.	Setor de Internacionalização, Pró-Reitorias ensino, pesquisa e de extensão, os centros e departamentos de ensino, coordenação dos cursos graduação e programas de pós-graduação, depto de línguas estrangeiras e vernáculas, setor de infraestrutura das TICs, alta administração e CUn.	CURTO
Estimular projetos interdisciplinares visando o desenvolvimento o em ensino, pesquisa, extensão alinhados às metas de organizações internacionais visando o	Setor de Internacionalização, Pró-Reitorias ensino, pesquisa e de extensão, os centros e departamentos de ensino, coordenação dos cursos graduação e programas de pós-	CURTO

Eixo Estratégico		
O PIeC na Graduação e na Pós-Graduação: Ensino, Pesquisa e Extensão		
Diretrizes	Impulsionar a Graduação e a Pós-Graduação Incorporando Ensino, Pesquisa e Extensão	
Ações Estratégicas	Execução	Prazos
desenvolvimento tecnológico e sustentável.	graduação, depto de línguas estrangeiras e vernáculas, setor de infraestrutura das TICs.	
Participar eventos internacionais, em todos os continentes, visando a projetos colaborativos. Contribuir para a formação de <i>networkings</i> internacionais promovendo, ensino, pesquisa e a extensão na graduação e na pós-graduação.	Setor de Internacionalização, Pró-Reitorias ensino, pesquisa e extensão, cursos graduação e programas de pós-graduação, depto de línguas estrangeiras e vernáculas, setor de infraestrutura das TICs, setor de orçamento e finanças.	CONTÍNUO
Implementação de cursos de curta duração/verão em parceria com instituições internacionais.	Setor de Internacionalização, setor de infraestrutura das TICs, setor de orçamento e finanças, depto de línguas estrangeiras e vernáculas, setor de cultura e Artes institucional.	CONTÍNUO
Promover projetos de ensino, pesquisa e extensão focados em problemas globais.	Setor de Internacionalização, Pró-Reitorias de extensão, cursos graduação e programas de pós-graduação, setor de infraestrutura das TICs, depto de línguas estrangeiras e vernáculas.	CONTÍNUO
Criar e manter programas de desenvolvimento e habilidades de comunicação e publicações acadêmica em outros idiomas, organizando: Clubes de leitura e Escrita Acadêmica em língua estrangeiras, visando à capacitação para publicações e apresentações científicas internacionais.	Setor de Internacionalização, Pró-Reitorias ensino, pesquisa e extensão, cursos graduação e programas de pós-graduação, setor de infraestrutura das TICs, depto. de línguas estrangeiras e vernáculas.	CURTO

Fonte: Dados da pesquisa (2024)

As ações sugeridas impulsionam a promoção dos cursos de graduação e dos programas de pós-graduação incorporando ensino, pesquisa e extensão tanto nos currículos formais quanto nos informais.

#### 4.1.2.4 A IeC na Formação para a Cidadania Global

No mundo globalizado no qual se vive, a formação de um cidadão globalizado, apto a atuar nesse mercado de trabalho, exige uma formação que contemple os conceitos da educação para a cidadania global, incluindo o desenvolvimento das competências que envolvam o aprimoramento da formação para a cidadania global.

As atividades acadêmicas devem abordar atividades interculturais, propondo a integração entre as competências para a formação de um cidadão global nos currículos formais e informais desenvolvidos institucionalmente.

A IeC dispõe de ferramentas para preparar a comunidade acadêmica não somente para ser expectador nesse ambiente globalizado, mas para desempenhar um papel de liderança no mercado de trabalho internacionalizado focado no contexto social e regional, referenciando-se no contexto internacional.

Quadro 8 – Proposta de diretrizes e de ações estratégicas responsáveis pela execução do PIeC e sugestão dos prazos para a sua realização IV

<b>Eixo Estratégico</b>		
<b>O PIeC na Formação da Cidadania Global</b>		
<b>Diretrizes</b>	<b>Estimular a Formação da Cidadania Global Institucionalmente</b>	
<b>Ações Estratégicas</b>	<b>Execução</b>	<b>Prazos</b>
Estimular a criação de parcerias internacionais para a realização de ações do PIeC, nas disciplinas e nos cursos enfatizando a temática de interesse global.	Setor de Internacionalização, Pró-Reitorias ensino, pesquisa e de extensão, os centros e departamentos de ensino, coordenadoria dos cursos graduação e programas de pós-graduação, depto. de línguas estrangeiras e vernáculas, setor de infraestrutura das TICs.	CURTO
Implementar disciplinas transversais às áreas de conhecimento focadas em temáticas internacionais, ministradas em língua estrangeira.	Setor de Internacionalização, Pró-Reitorias ensino, pesquisa e de extensão, os centros e departamentos de ensino, coordenadoria dos cursos graduação e programas de pós-graduação, depto. de línguas estrangeiras e vernáculas.	CURTO
Incorporar os conceitos de ECG, nos currículos formais e informais, em atividades extracurriculares, articulando uma visão globalizada e vinculando o local ao global, e vice-versa.	Setor de Internacionalização, Pró-Reitorias ensino, pesquisa e extensão, cursos graduação e programas de pós-graduação, setor de infraestrutura das TICs.	CONTÍNUO
Integrar vivências internacionais nos currículos formais e extracurriculares as atividades do PIeC, os conceitos atrelados às competências voltadas para a formação de um cidadão global.	Setor de Internacionalização, setor de infraestrutura das TICs, setor de orçamento e finanças, depto. de línguas estrangeiras e vernáculas, setor de cultura e Artes institucional.	CONTÍNUO
Desenvolver perspectivas globais e de inovação nos currículos dos cursos de graduação e nos programas de pós-graduação.	Setor de Internacionalização, Pró-Reitoria extensão, cursos graduação e programas de pós-graduação, setor de infraestrutura das TICs, depto. de línguas estrangeiras e vernáculas.	CURTO
Promover eventos de interculturalidade entre alunos estrangeiros e a comunidade acadêmica.	Setor de Internacionalização, Pró-Reitorias ensino, pesquisa e extensão, cursos de graduação e programas de pós-graduação, setor de infraestrutura das TICs, depto. de línguas estrangeiras e vernáculas.	CURTO

Fonte: Dados da pesquisa (2024)



O PIeC prevê condições de atendimento para toda a comunidade universitária, com recursos (financeiros, físicos, tecnológicos e de pessoal) significativamente menores, já que disponibiliza ações, vivências e experiências internacionalizadas inseridas dentro do próprio câmpus e com interações internacionais incentivadas por ações de cooperações, acordos e convênios internacionais.

Para que o PIeC possa competir com o programa de mobilidade acadêmica internacional, são necessárias ações estratégicas que visem à sensibilização para a divulgação da IeC como uma ferramenta de internacionalização.

Ao ser implementado e conduzido de forma correta, o PIeC pode competir com a mobilidade acadêmica internacional, pois favorece um número significativamente maior de membros da comunidade universitária.

Com o estabelecimento das diretrizes e, por conseguinte, das ações estratégicas, buscou-se ampliar as reflexões a respeito da separação nos Planos de Institucionalização da Internacionalização da IES de ensino superior, em dois programas independentes, o Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional, amplamente difundido por ser o fluxo mais antigo e evidente dos processos de internacionalização, e o Programa de Internacionalização em Casa (PIeC).

A criação e implementação de um PIeC pode integrar instituições e estudantes do mundo inteiro sem comprometer a qualidade do ensino, promovendo a interculturalidade, tanto nos currículos formais como nos extracurriculares, e propiciando a formação de cidadãos realmente globalizados.

A IeC institucionalizada como um programa independente pode ser incluída como indicador, pelos organismos internacionais, que são os responsáveis pelo ranqueamento das instituições que pretendem se enquadrar como instituição de classe mundial. Apresenta uma maior vantagem competitiva que é justamente a inclusão de um número significativamente maior de membros da comunidade acadêmica, haja vista que pode incluir todos os alunos, até então excluídos dos processos de internacionalização.

As ações referentes ao eixo transversal foram incorporadas no eixo estratégico, quando da apresentação das diretrizes propostas para a implementação do PIeC.

Ao apresentar uma proposta de ação sobre regulamentação, foram definidas as diretrizes legais para as ações de IeC institucional, regulamentando, entre outras ações, a participação em projetos internacionais e a captação de recursos para o desenvolvimento de atividades acadêmicas voltadas para a IeC.

A regulamentação é um instrumento vital para garantir e oferecer diretrizes e limites para atividades e comportamentos institucionalizados voltados para o PJeC.

Para as ações envolvendo as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) que dão suporte por meio de mídias digitais e outros meios tecnológicos às atividades universitárias voltadas para a implementação do PJeC, as TICs consistem em disponibilizar recursos de *hardware* e *software* voltados para as telecomunicações, promovendo automatizações e outras funcionalidades que melhoram a execução dos processos institucionais.

O uso das TICs é uma estratégia para a interação da comunidade acadêmica ao ensino globalizado, permitindo que a instituição tenha uma abrangência significativa nos seus cursos, nos alunos e na sua reputação internacional frente às constantes cobranças em relação à aderência aos programas e aos projetos em âmbito global dos quais a instituição pode participar. Essa integração proporciona à comunidade acadêmica local e à sociedade em geral o compartilhamento de conhecimentos institucionais, locais, regionais e nacionais de forma global e interconectada.

Essas transformações digitais estão em franca evolução e ascensão em um mundo contemporâneo e foram aceleradas no período da pandemia de Covid-19, quando as IES otimizaram suas ações relacionadas ao uso das TICs.

As principais características das TICs são as ferramentas utilizadas, integrando e promovendo a comunicação entre estudantes, servidores e setores institucionais, desenvolvendo um papel fundamental nas IES. A sua utilização permite que as comunicações e as interações sociais facilitem o processo de ensino e aprendizagem remoto, proporcionando ou compartilhando informações, independentemente da localização geográfica dos participantes.

Ao permitir a execução dessa ação estratégica abrangendo a comunidade acadêmica as comunidades locais, regionais e nacionais, o PJeC proporciona uma interação de atuação local com impactos globais, compartilhando ações entre estrangeiros e brasileiros para a busca de um mundo melhor.

Já o *marketing* institucional foi incorporado ao promover institucionalmente o PJeC, monetizando-o como uma marca institucional.

*Marketing* institucional é uma tática que tem a finalidade de transmitir uma imagem positiva das ações estratégicas implementadas pela instituição e possui como objetivo reforçar a missão, a visão e os valores institucionais.

Essa ação estratégica deve ser executada não apenas para a comunidade externa, mas também, e principalmente, para a comunidade acadêmica com a finalidade de disseminar a nova ferramenta de internacionalização: a internacionalização em casa.

A divulgação do PIeC como uma marca institucional valida a sua consolidação como um processo de internacionalização institucionalizado, com o potencial de abranger uma parte significativa da comunidade acadêmica ao oferecer aos seus membros a possibilidade de inclusão, em condições de igualdade competitiva, e de inserção de seus egressos no mercado de trabalho globalizado.

Com o estabelecimento das ações estratégicas, buscou-se ampliar as reflexões a respeito da separação nos Planos de Institucionalização da Internacionalização da IES de ensino superior em dois programas independentes, o Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional, amplamente difundido, por ser o fluxo mais evidente dos processos de internacionalização, e o Programa de Internacionalização em Casa (PIeC).

Para que o PIeC possa competir com o programa de mobilidade acadêmica internacional, são necessárias ações estratégicas que visem à sensibilização para a divulgação da IeC como uma ferramenta de internacionalização. Ao ser implementado e conduzido de forma correta, o PIeC pode competir com a mobilidade acadêmica internacional, pois favorece um número significativamente maior de membros da comunidade universitária.

A IeC institucionalizada como um programa independente pode ser incluída como indicador pelos organismos internacionais que são os responsáveis pelo ranqueamento das instituições que pretendem se enquadrar como instituição de classe mundial. Apresenta uma maior vantagem competitiva que é justamente a inclusão de um número significativamente maior de membros da comunidade acadêmica, haja vista que pode incluir todos os alunos excluídos de outras formas de internacionalização.

A criação e a implementação de um PIeC podem integrar instituições e estudantes do mundo inteiro sem comprometer a qualidade do ensino, promovendo a interculturalidade, tanto nos currículos formais como nos extracurriculares, e propiciando a formação de cidadãos realmente globalizados.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estruturação desta dissertação foi um processo intenso e minucioso que demandou dedicação à pesquisa e imersão nela, tornando o exercício uma experiência de profunda aprendizagem. Essa experiência ofereceu à pesquisadora a oportunidade de aprofundar os conhecimentos referentes à internacionalização e, especificamente, à temática da internacionalização em casa.

A escolha do tema se deu a partir do interesse pessoal da pesquisadora que vislumbrou, juntamente com a sua orientadora, as possibilidades de estudos advindos dessa temática, carente de atenção pela academia brasileira.

A despeito de a criação da IeC datar do final da década de 1990 no Brasil, esse é um tema desconhecido na sociedade, mas emergente nas IES. Por se apresentar como uma área a ser explorada, a IeC despontou como uma das alternativas temáticas para o desenvolvimento de projetos, principalmente no período pandêmico e pós-pandêmico.

Nesse processo de imersão na busca por temáticas a serem exploradas, diversos temas referentes à IeC foram elencados, assim, surgiu a questão que norteou esta pesquisa: **Como as IES públicas brasileiras podem promover a implementação de um programa de IeC institucionalmente?** E, a partir dessa pergunta, surgiu o título da pesquisa: **“Proposta de Diretrizes para a Implementação de um Programa de Internacionalização “at home” (IaH) ou em casa (IeC) nas Instituições Públicas de Ensino Superior Brasileiras”**.

Para responder à questão-problema, esta jornada iniciou-se com a historização da internacionalização voltada para fins educacionais expostos na apresentação. Observou-se pela pesquisa histórica realizada que a literatura especializada delimita o surgimento da internacionalização no século XII na Europa medieval.

Porém, com as pesquisas historiográficas desenvolvidas nesta pesquisa, verificou-se que a origem da internacionalização pode ser detectada na Idade Antiga datada no século V d.C., apresentando uma lacuna histórica de sete séculos de internacionalização até então desconhecidos. Mesmo considerando o período da Idade Média, já se pode encontrar a prática da internacionalização apresentada como um movimento de mobilidade internacional voltada para fins estudantis no século IX no norte da África. Nesse caso, a lacuna histórica é de aproximadamente três séculos.

No Capítulo 2, foi apresentado o arcabouço teórico medular utilizado na condução desta pesquisa. Os conceitos e os autores empregados para fundamentarem o estudo aqui exposto constam na literatura especializada disponibilizada pela instituição. É importante ressaltar que

a instituição conta em seu quadro docente com a professora Luciane Stallivieri, uma das especialistas mais renomadas sobre internacionalização, não somente em âmbito local, nacional, mas internacional, que também é a orientadora desta pesquisa. Outros eruditos sobre internacionalização e em especial sobre internacionalização em casa foram elencados devido à sua relevância para o tema e por apresentarem alinhamento teórico com a pesquisa.

O objetivo geral foi delineado com a **Proposta de Diretrizes para a Implementação de um Programa de Internacionalização “at home” (IaH) ou em casa (IeC) nas instituições públicas de ensino superior brasileiras**, e, para alcançá-lo, foram elaborados três objetivos específicos.

O primeiro objetivo específico verificou a presença da Internacionalização “em casa” (IeC) nas instituições de ensino superior brasileiras por meio de um levantamento bibliográfico em bancos de dados nacionais.

As análises qualitativas e quantitativas em relação aos resultados obtidos após a realização do levantamento bibliográfico foram cumpridos e apresentados no Capítulo 3.

O terceiro objetivo específico definiu os eixos temáticos (estratégicos e transversais), que apresentam as ações estratégicas a serem desenvolvidas para a implementação de uma Proposta de Diretrizes para a Implementação de um Programa de Internacionalização “at home” (IaH) ou em casa (IeC) nas Instituições Públicas de Ensino Superior Brasileiras, e foi cumprido no Capítulo 4.

Nesse mesmo capítulo foi atingido o objetivo geral ao elaborar e apresentar a proposta de diretrizes para a implementação de um programa de internacionalização “at home” (IaH) ou em casa (IeC) nas instituições públicas de ensino superior brasileiras viável para aplicação nas instituições públicas de ensino superior brasileiras. A proposta contempla a sugestão de ações estratégicas e de prazos (curto, médio, longo e contínuo) para a sua implementação. Além disso, sugere a indicação dos agentes responsáveis pela implementação do PIeC dentro da instituição.

A internacionalização em casa é uma prática que está sendo aplicada institucionalmente, mesmo quando executada em ações isoladas de forma não institucionalizada. Encontra-se em franco crescimento, necessitando que sua prática no ensino superior seja despertada na consciência acadêmica institucional, estabelecendo conexões e contextualizando a formação do indivíduo no desenvolvimento de uma visão crítica em relação ao mundo em que está inserido para se transformar em agente das realidades sociais, impressas no seu cotidiano globalizado.

Ao oferecer aos integrantes da comunidade acadêmica um ambiente internacionalizado, o PIeC propicia o processo de ensino e aprendizagem, agregando as vivências internacionais ao conteúdo formal e disponibilizando oportunidades para abordar questões globais nos impactos

locais, aliados ao acesso ao letramento em línguas estrangeiras e às competências para a formação da cidadania global.

O PIeC desponta ao inserir-se nas IES brasileiras como uma ferramenta no processo de internacionalização que contribui para que a instituição se torne uma instituição de classe mundial.

A IeC padece da falta de recursos financeiros e de capacitação do corpo docente e técnico, porém a utilização da IeC, de forma estruturada em um programa institucionalizado, a qualifica como ferramenta de internacionalização disponível para as IES, visando implementar e tornar a internacionalização desenvolvida no próprio câmpus um processo apto a figurar como um dos indicadores para o ranqueamento institucional.

A implementação do PIeC oferece a oportunidade de ampliar a compreensão do mundo auxiliando o sujeito no desenvolvimento de suas competências para exercer sua autonomia nas questões sociais. Reestrutura os cenários institucionais: locais, regionais nacionais e internacionais com comportamentos éticos e uma visão consciente de seu lugar no mundo, tornando-se protagonista da própria história, pessoal e profissional, como egresso do ensino superior.

Ao considerar as dimensões continentais do Brasil, percebe-se a sua vocação para a internacionalização devido às fronteiras com os nossos vizinhos sul-americanos. Nesse caso, pressupõe-se vantagens competitivas frente às facilidades de recrutamento de estudantes internacionais para o desenvolvimento de relações institucionais no eixo sul global, sem se esquecer das parcerias conquistadas no eixo norte global, região na qual estão concentradas as principais IES em relação à reputação e à competitividade nos *rankings* internacionais referentes ao ensino superior do mundo ocidental.

A concepção proporcionada pela implementação do PIeC, mesmo que parecendo simples é transformadora, faz com que o ensino superior consolide o seu papel de formador de cidadãos críticos e intelectualmente autônomos, tornando-os profissionais dinâmicos, autossuficientes, éticos e politicamente engajados na modificação da realidade mundial. Os torna preparados para interpretar a realidade por meio do seu próprio senso crítico, das suas construções, interações sociais e cultura, impelindo não somente o cidadão, mas a comunidade acadêmica para a mudança que se espera reverberar na sociedade.

Esse comportamento acrescenta muito para a comunidade acadêmica, para a sociedade local e também mundial, uma vez que a constituição da humanidade é iniciada no saber-fazer individual, impactando nas atitudes da vida do outro e, conseqüentemente, na sociedade como interconectada um todo.

O PIeC quando conduzido pela premissa da formação global contribui para a construção de um cidadão do mundo, com um olhar para a diversidade e a compreensão de sua realidade, com capacidade para transformar o seu fazer cotidiano e conduzir a uma metamorfose individual e social, eclodindo como cidadão para um mundo melhor.

A IeC fortalece a ideia, por meio das ações estratégicas e do potencial frente às demandas institucionais de internacionalização, de que sua ação vai muito além da tradução de emendas e programas acadêmicos, dos sites institucionais, dos editais e dos materiais de divulgação institucionais ou do recebimento dos estudantes em mobilidade acadêmica “*inbound*” (Beelen; Jones, 2015).

A implementação das diretrizes visando a promoção das ações estratégicas voltadas para a implementação do PIeC, é uma alternativa relevante para as IES brasileiras, como sugerido neste estudo.

Porém, no transcorrer da pesquisa, emergiram temas que ou não foram abordados, ou foram abordados de forma “*an passant*”, dessa maneira, sugere-se que outros estudos sejam considerados como temas viáveis para novas dissertações e teses.

A primeira sugestão de tema é o resgate da história das origens da internacionalização, que deve ser urgentemente recontada, incluindo suas origens mais antigas provenientes de outros continentes que não o europeu. E mesmo em relação à história da internacionalização no Brasil, existem vários temas que nunca foram mencionados pela literatura especializada em internacionalização. Por exemplo, a internacionalização forçada dos primórdios do período colonial, envolvendo os povos sequestrados da África e posteriormente escravizados, os povos originários, a própria população de Portugal mandada ao Brasil para o cumprimento de penas de degredo, ou também a população que para cá vinha voluntariamente em busca de uma vida melhor. Ou ainda, a internacionalização promovida pelos viajantes, estudiosos ou piratas que vinham ao Brasil para estudar as gentes, a fauna e a flora, ou para explorar nossos recursos naturais. E especificamente a internacionalização, via mobilidade internacional, com fins educacionais, que ocorreu no Brasil, ainda nos primeiros anos da colonização, e que envolveu o envio de portugueses nascidos no Brasil para estudarem na sede colônia (Portugal) ou em outros países europeus. Enfim, foram muitas as formas de internacionalização aqui praticadas e ainda desconhecidas pelo meio acadêmico brasileiro.

A segunda sugestão é o desenvolvimento de estudos sobre a padronização das terminologias empregadas na internacionalização. Assim sendo, sugere-se a realização de estudos voltados para a criação e o desenvolvimento de tesouros especializados na área.

A ênfase ao PIeC se estabelece com o fortalecimento das políticas linguísticas, voltadas para o letramento em língua estrangeira nos currículos que valorizam a diversidade e a interculturalidade na comunidade acadêmica, promovendo uma ambiência universitária relacionada à formação da cidadania global.

O Programa de Internacionalização em casa PIeC, aqui apresentado difunde a ideia de que a IeC é um meio qualificador das atividades-fim acadêmicas, contextualizando os processos de internalização de acordo com as vocações e o papel social e regional das IES dentro do seu contexto geográfico local, regional nacional e internacional.

Ao priorizar o ensino, a pesquisa e a extensão para temas globalizados, o PIeC viabiliza as ações estratégicas e as parcerias de acordo com as demandas oriundas das áreas do conhecimento, valorizando a vocação institucional nas áreas temáticas estabelecidas; propiciando uma ambiência internacionalizada para a comunidade acadêmica, bem como para a comunidade local e regional, por meio de ações de ensino, pesquisa e extensão, o que enfatizam a formação para a cidadania global.



## REFERÊNCIAS

- ACE – AMERICAN COUNCIL ON EDUCATION. **CIGE model for comprehensive internationalization**. Washington: ACE, 2022. Disponível em: <https://www.acenet.edu/ResearchInsights/Pages/Internationalization/>. Acesso em: 10 dez. 2023.
- ACEVEDO MARIN, Rosa Elizabeth; BRASIL, Walterlina. **Internacionalização da educação superior no Brasil**: relatório final. Belém: Associação de Universidades Amazônicas (UNAMAZ), 2004. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000139900>. Acesso em: 18 mar. 2020.
- ALTBACH, Philip G. Globalisation and the university: myths and realities in an unequal world. **Tertiary Education and Management**, [s.l.], v. 10, n. 1, p. 3-25, 2004. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/13583883.2004.9967114>.
- ALTBACH, Philip G.; REISBERG, Liz; RUMBLEY, Laura E. **Trends in global higher education**: tracking an academic revolution; executive summary. A Report Prepared for the UNESCO 2009 World Conference on Higher Education. Paris: UNESCO, 2009. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000183168>. Acesso em: 10 jan. 2020.
- ALVES, Mariana de Souza. **Políticas de internacionalização na educação superior pública federal**: estudo de caso da UFPE. 2022. 211f. Dissertação (Mestrado em Educação, Culturas e Identidades) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2022. Disponível em: <http://www.tede2.ufrpe.br:8080/tede2/handle/tede2/8655>. Acesso em: 10 dez. 2023.
- ARAÚJO, Luis César G. de. **Organização e métodos**: integrando comportamento, estrutura, tecnologia e estratégia. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.
- BANDARRA, Leonardo Carvalho Leite Azeredo. O Egito Antigo e o Sistema de Amarna: os contatos políticos entre grandes civilizações durante a Idade do Bronze. **Revista Mundo Antigo**, [s.l.], v. 5, n. 9, p. 33-52, Dossiê Egiptologia, maio, 2016. Disponível em: <http://www.nehmaat.uff.br/revista/2016-A/artigo01-2016-A.pdf>. Acesso em: 4 out. 2022.
- BARANZELI, Caroline; MOROSINI, Marília Costa; WOICOLESKO, Vanessa Gabrielle. “A chave está na troca”: estudantes de mobilidade como vetores da internacionalização em casa. **Série-Estudos – Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB**, [s.l.], p. 253-274, abr. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/serie-estudos.v25i53.1400>.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016. Disponível em: <https://madmunifacs.files.wordpress.com/2016/08/anc3a1lise-de-contec3bado-laurence-bardin.pdf>. Acesso em: 4 out. 2022.
- BATTLES, Matthew. **A conturbada história das bibliotecas**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003.
- BEELEN, Jos; JONES, Elspeth. Redefining internationalization at home. In: CURAJ, Adrian *et al.* (Ed.). **The European higher education area**: between critical reflections and future policies. Dordrecht: Springer, 2015. p. 59-72. Disponível em: <https://link.springer.com/content/pdf/10.1007/978-3-319-20877-0.pdf> Acesso em: 14 maio 2022.
- BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 3 jan. 2020.

BRASIL. **A carta de Pero Vaz de Caminha**. Brasília, DF: MEC, 1500. Disponível em: <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/1600>. Acesso em: 5 fev. 2022.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

CANTO, Roberta Caroline Raucher do. **Intercâmbio virtual em instituições de ensino superior: avaliação do modelo de aprendizagem internacional colaborativa on-line entre IPB e UTFPR**. 2021. 185f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia e Sociedade) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2021. Disponível em: <http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/26215>. Acesso em: 10 dez. 2023.

CAPES – COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **Catálogo de Teses e Dissertações**. Brasília, DF: Capes/MEC, 2021. Disponível em: <https://dadosabertos.capes.gov.br/dataset/2017-2020-catalogo-de-teses-e-dissertacoes-da-capes>. Acesso em: 2 jan. 2022.

CARLOMAGNO, Márcio C.; ROCHA, Leonardo Caetano da. Como criar e classificar categorias para fazer análise de conteúdo: uma questão metodológica. **Revista Eletrônica de Ciência Política**, [s.l.], v. 7, n. 1, jul. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/recp.v7i1.45771>.

CARVALHO, Camila Marques de. **Internacionalização em Casa na UFJF: um estudo sobre o Programa Global July**. 2021. 182f. Dissertação (Mestrado em Gestão e Avaliação da Educação Pública) – Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2021. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=11044119](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11044119). Acesso em: 10 dez. 2023.

CASSON, Lionel. **Bibliotecas no mundo antigo**. São Paulo: Vestígio, 2018. Disponível em: <https://pt.br1lib.org/book/3510087/c89ce4>. Acesso em: 24 abr. 2022.

CASTRO, Alda Araújo; CABRAL NETO, Antônio. O ensino superior: a mobilidade estudantil como estratégia de internacionalização na América Latina. **Revista Lusófona de Educação**, Lisboa, n. 21, p. 69-96, 2012. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rfeducacao/article/view/3082>. Acesso em: 29 abr. 2020.

CHARLE, Christophe; VERGER, Jacques. **História das universidades**. São Paulo: UNESP, 1996.

CÓ, Elisa Prado. **Affordances da Coil para promover internacionalização em casa e formação de professores de inglês: análise de uma experiência entre UFES e Universidade de Coventry**. 2021. 92f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2021. Disponível em: [https://sappg.ufes.br/tese\\_drupal//tese\\_15939\\_Disserta%E7%E3o%20Elisa%20Prado%20C%F3%20%281%29.pdf](https://sappg.ufes.br/tese_drupal//tese_15939_Disserta%E7%E3o%20Elisa%20Prado%20C%F3%20%281%29.pdf). Acesso em: 10 dez. 2023.

COELEN, Robert J. **The internationalisation of higher education, 2.0**. Leeuwarden: Stenden, 2013. Disponível em: [https://stenden.com/fileadmin/user\\_upload/documenten/research/Inauguration\\_Speech\\_Roberti\\_Coelen.pdf](https://stenden.com/fileadmin/user_upload/documenten/research/Inauguration_Speech_Roberti_Coelen.pdf). Acesso em: 19 nov. 2023.

CORTE, Marilene Gabriel dalla; MOROSINI, Marília Costa; FELICETTI, Vera Lucia. Internacionalização da educação superior na perspectiva sul-sul. **Revista Internacional de Educação Superior**, [s.l.], v. 8, e022035, 11 fev. 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.20396/riesup.v8i00.8663797>

CRESWELL, John W.; CLARK, Vicki L. **Plano: pesquisa de métodos mistos**. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes; VIEIRA, Isabela Rodrigues. Letramentos em língua portuguesa e inglesa na educação superior brasileira: marcos e perspectivas. **Ilha do Desterro**, [s.l.], v. 69, n. 3, p. 209-221, set. 2016. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8026.2016v69n3p209>.

CUNHA, Luiz Antônio. **A universidade temporã: o ensino superior da colônia à era de Vargas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

CUNHA, Murilo Bastos da. Bases de dados no Brasil: um potencial inexplorado. **Ciência da Informação**, [s.l.], v. 18, n. 1, 1989. DOI: 10.18225/ci.inf.v18i1.322. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/322>. Acesso em: 3 jan. 2023.

DATTA, Bimal Kumar. **Libraries & librarianship of ancient and medieval India**. Kashmere: Atma Ram & Sons, 1970. Disponível em: <https://www.indianculture.gov.in/ebooks/libraries-librarianship-ancient-and-medieval-india>. Acesso em: 28 fev. 2022.

DAVIES, John L. A Revolution in Teaching and Learning in Higher Education: the challenges and implications for the relatively traditional university. **Higher Education in Europe**, [s.l.], v. 26, n. 4, p. 501-514, dez. 2001. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/03797720220141816>.

DAVIES, John L. Developing a strategy for internacionalization in universitie: towards a conceptual framework. In: KLASERK, Charles B. **Bridges to the future: Strategies for Internalizing Higher Education**. Illinois: Association of International Education Administrators, Southern Illinois University at Carbondale, 1992. p. 177-190.

DAVIES, John L. Internacional Reviews. In: SMOUT, Michael. **Internationalisation and quality in South African universities**. Pretoria: South African Universities Vice-Chancellors Association, 2003.

DELGADO-MÁRQUEZ, Blanca L.; HURTADO-TORRES, Nuria Esther; BONDAR, Yaroslava. Internationalization of Higher Education: theoretical and empirical investigation of its influence on university institution rankings. **Rusc. Universities and Knowledge Society Journal**, [s.l.], v. 8, n. 2, p. 101-122, 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.7238/rusc.v8i2.1069>.

DENZIN, Norman; LINCOLN, Yonna. **O Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: ArtMed, 2006.

DIDIO, Álvaro Rutkoski. **Políticas linguísticas na internacionalização do ensino superior: analisando as experiências de intercambistas em mobilidade na Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. 2021. 194f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras. Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/257063/001130312.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 3 jan. 2023.

DURÁN-JIMÉNEZ, Georgina. **Perspectiva de Internacionalización en Casa e Interculturalidad Crítica como proceso de globalización contra hegemónica potenciada por las TIC: caso en red**. 2019. 485p. Tesis (Doctorado en Educación) – Facultad de Educación, Programa de Posgraduación en Educación, Universidad Federal de Bahía, Salvador, 2019. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/30957>. Acesso em: 10 dez. 2023.

EDMUNDO, Luís. **O Rio de Janeiro no tempo dos Vice-Reis: 1763-1808**. Brasília, DF: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000.

- FAVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. A universidade do Brasil: um itinerário marcado de lutas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 10, p. 16-32, abr. 1999. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24781999000100003&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24781999000100003&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 20 nov. 2023.
- FIGUEIREDO, Nice. Da importância dos artigos de revisão da literatura. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 23, n. 1/4, p. 131-135, jan.-dez. 1990.
- FINARDI, Kyria Rebeca; GUIMARÃES, Felipe Furtado. Construindo cidadania por meio da língua e da internacionalização. **Revista Guará**, [s.l.], v. 5, n. 8, 2018. DOI: 10.30712/guara.v5i8.15324.
- FLOWER, Derek Adie. **Biblioteca de Alexandria**: as histórias da maior biblioteca da antiguidade. São Paulo: Nova Alexandria, 2010. Disponível em: <https://pt.br1lib.org/book/6003809/ff2cba>. Acesso em: 28 fev. 2023.
- FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. [Apostila]. Disponível em: <http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2012-1/1SF/Sandra/apostilaMetodologia.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2023.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média**: o nascimento do Ocidente. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- FREITAS, Carla Conti de; BROSSI, Giuliana Castro; ROSA-DA-SILVA, Valéria. Small steps and a big change: facing internationalization as a community. **Fórum Linguístico**, [s.l.], v. 18, n. 1, p. 5766-5778, 6 abr. 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2021.e73446>.
- FRIAS, Sónia Fatima Al-Fihri: um retrato possível da fundadora da universidade Qarawiyyin em Fez. **Faces de Eva: Estudo sobre a Mulher**, [s.l.], n. 32, p. 177-182, 2014. Disponível em: <https://scielo.pt/pdf/eva/n32/n32a16.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2023.
- GARCEL-ÁVILA, Jocelyne. Ciudadanía global: concepto emergente y polémico. **Revista Educación Superior Y Sociedad (ESS)**, [s.l.], v. 21, n. 21, p. 39-63, 2017. Disponível em: <https://iesalc.unesco.org/ess/index.php/ess3/article/view/26>. Acesso em: 27 dez. 2023.
- GEOCAPES. **Sistema de Informações Georreferenciadas da CAPES**. Brasília, DF: Capes, 2019. Disponível em: <https://geocapes.capes.gov.br/geocapes/>. Acesso em: 14 nov. 2019.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, [s.l.], v. 35, n. 3, p. 20-29, maio 1995. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-75901995000300004>.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa quantitativa em ciências sociais. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- GOMES, Elisângela; DIAS, Luciane de Oliveira. A triangulação enquanto estratégia de diálogo em pesquisa científica. **Comunicação & Sociedade (C&S)**, São Bernardo do Campo, v. 42, n. 1, p. 31-51, jan.-abr. 2020. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/issue/view/543/showToc>. Acesso em: 4 dez. 2023.
- GONÇALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre a iniciação científica**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.
- GONÇALVES, Susana. Cidadania global e educação superior. In: GONÇALVES, Susana; SOUSA, Florbela (org.). **Escola e comunidade**: laboratórios de cidadania global. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2012. p. 13-25.

- HASKINS, Charles Homer. **A ascensão das universidades**. Balneário Camboriú (SC): Danúbio, 2015. Disponível em: <https://pdfcoffee.com/a-ascensao-das-universidades-charles-homer-haskins-pdf-free.html>. Acesso em: 28 fev. 2022.
- HILDEBLANDO JÚNIOR, Carlos Alberto. **Affordances da COIL**: análise de uma experiência entre UFES e UAH. 2019. 149f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação. Vitória, 2019. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=8978849](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=8978849). Acesso em: 10 dez. 2023.
- HUDZIK, J. K. **Comprehensive internationalization: from concept to action**. Washington D.C.: NAFSA. 2011.
- IBICT – INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **Sobre a BDTD**. Brasília, DF: IBICT, 2023. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/Content/bdtd15>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- INEP – INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Censo da Educação Superior 2021**: notas estatísticas. Brasília, DF: Inep, 2022.
- JOHNSON, R. Burke; ONWUEGBUZIE, Anthony J.; TURNER, Lisa A. Toward a definition of mixed methods research. **Journal of Mixed Methods Research**, [s.l.], v. 1, n. 2, p. 112-133, 2007. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1558689806298224>. Acesso em: 5 jan. 2023.
- KARNAL, Leandro. Palestra. *In*: CENTRO DE CONVENÇÕES RIOCENTRO. **Hino de Fest 2017**. Rio de Janeiro, maio 2017. 60 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EVGKOHsxG9U>. Acesso em: 2 jun. 2023.
- KHURSHID, Anis. **Planning and management of library and information services in Pakistan**. Karachi: Library and Information Services Group, 1972.
- KILLICK, David. Seeing-Ourselves-in-the-World. **Journal of Studies in International Education**, [s.l.], v. 16, n. 4, p. 372-389, 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.1177/1028315311431893>.
- KNIGHT, Jane. Student mobility and internationalization: trends and tribulations. **Research in Comparative and International Education**, [s.l.], v. 7, n. 1, p. 20-33, 1º jan. 2012a. DOI: <http://dx.doi.org/10.2304/rcie.2012.7.1.20>. Acesso em: 20 nov. 2022.
- KNIGHT, Jane. Concepts, rationales, and interpretive frameworks in the internationalization of higher education. *In*: WIT, Hans de; HEYL, J. D. (ed.). **The SAGE handbook of International higher education**. London, England: Sage, 2012b.
- KNIGHT, Jane. Cross-border education: not just students on the move. **International Higher Education**, [s.l.], n. 41, p. 2-3, 2005. DOI: <http://dx.doi.org/10.6017/ihe.2005.41.7499>.
- KNIGHT, Jane. **Cross-border higher education**: issues and implications for quality assurance and accreditation. Higher education in the world, 2007a. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/41784371.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2022.
- KNIGHT, Jane. Internationalization brings important benefits as well as risks. **International Higher Education**, [s.l.], n. 46, p. 8-10, 2007b. DOI: <http://dx.doi.org/10.6017/ihe.2007.46.7939>. Acesso em: 20 nov. 2022.

KNIGHT, Jane. Internationalisation de l'enseignement supérieur. *In*: KNIGHT, Jane; WIT, Hans de. **Qualite et Internationalisation de l'Enseignement Supérieur**. Paris, França: OCDE, 1999. P. 15-31.

KNIGHT, Jane. Internationalization remodeled: definition, approaches, and rationales. **Journal of Studies in International Education**, [s.l.], v. 8, n. 1, p. 5-31, mar. 2004. DOI: <http://dx.doi.org/10.1177/1028315303260832>.

KNIGHT, Jane. Internationalization: elements and checkpoints. **Canadian bureau for international education: research monograph**, Ottawa, Canada, n. 7, 1994. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED549823.pdf>. Acesso em: 5 maio 2022.

KNIGHT, Jane. Updated Definition of Internationalization. **International Higher Education**, [s.l.], n. 33, p. 2-3, 2003. DOI: <http://dx.doi.org/10.6017/ihe.2003.33.7391>.

KNIGHT, Jane; WIT, Johannes Hans de. Internationalization of higher education: a conceptual framework. *In*: KNIGHT, Jane; WIT, Johannes Hans de. (ed.). **Internationalization of Higher Education in Asia Pacific Countries**. Amsterdam: European Association for International Education, 1997. p. 5-19.

KNIGHT, Jane; WIT, Johannes Hans de. Internationalization of higher education: past and future. **International Higher Education**, [s.l.], n. 95, p. 2-4, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.6017/ihe.2018.95.10715>. Acesso em: 20 nov. 2022.

KOHL-SANTOS, Pricila; MOROSINI, Marília Costa. Trilha para internacionalização em casa: brasil-colômbia em espaços não formais. **Revista Eletrônica de Educação**, [s.l.], v. 15, e4884048, 30 nov. 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.14244/198271994884>.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LAUS, Sonia Pereira. **Internacionalização da educação superior: um estudo de caso da Universidade Federal de Santa Catarina**. 2012. 332f. Tese (Doutorado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. Disponível em: [http://www.adm.ufba.br/sites/default/files/publicacao/arquivo/sonia\\_pereira\\_tese\\_final.pdf](http://www.adm.ufba.br/sites/default/files/publicacao/arquivo/sonia_pereira_tese_final.pdf). Acesso em: 20 nov. 2022.

LE GOFF, Jacques. **As raízes medievais da Europa**. 2. ed. São Paulo: Vozes, 2007.

LIMA, Manolita Correia; MARANHÃO, Carolina Machado Saraiva de Albuquerque. O sistema de educação superior mundial: entre a internacionalização ativa e passiva. **Avaliação**, [s.l.], v. 14, n. 3, p. 583-610, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/aval/v14n3/a04v14n3>. Acesso em: 18 mar. 2020.

MACHADO, Karen Graziela Weber; SANTOS, Pricila Kohls dos. MOOCS como possibilidade para internacionalização da educação superior em casa. **Debates em Educação**, [s.l.], v. 13, p. 642-667, 30 nov. 2021. DOI: <https://dx.doi.org/10.28998/2175-6600.2021v13nsp2p642-667>.

MACIEL, Ruberval Franco; VERGARA, Vitor Souza. Internacionalização como prática local: um olhar situado sobre o papel da língua no english club e no curso de medicina. **Organon**, [s.l.], v. 34, n. 66, set. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.91066>.

MARROU, Henri-Irenee. **História da educação na antiguidade**. São Paulo: Editora Herder, 1966.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1998.

MATA, Maria Luiza da Silveira Melo. **Internacionalização em casa: oportunidades e desafios em programas de pós-graduação da UnB**. 2020. 105f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2020. Disponível em: [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNB\\_a74f9ba9a1525f73f0535db24b87ef87](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNB_a74f9ba9a1525f73f0535db24b87ef87). Acesso em: 10 dez. 2023.

MATSUURA, Koïchiro. Foreword. *In*: KNIGHT, Jane. **Higher Education Crossing Borders: a guide to the implications of the General Agreement on Trade in Services (GATS) for Cross-border education**. The Commonwealth of Learning (COL): Vancouver, Canadá - UNESCO The Division of Higher Education: Paris, 2006. p. 7-9. Disponível em: <http://oasis.col.org/bitstream/handle/11599/208/GATS.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 jan. 2020.

MEC – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **MEC afirma que o Ciência sem Fronteiras terá 5 mil bolsistas na pós-graduação**, Brasília, DF, 2 abr. 2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/212-educacao-superior-1690610854/46981-mec-afirma-que-o-ciencia-sem-fronteiras-tera-5-mil-bolsistas-na-pos-graduacao>. Acesso em: 10 out. 2023.

MIURA, Irene Kazumi. O processo de internacionalização da Universidade de São Paulo: um estudo em três áreas de conhecimento. *In*: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 33, 2009, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: EnANPAD, 2009. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/ESO650.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2020.

MONROE, Paul. **A cyclopedia of education**. New York: The Macmillan Co. 1915-1918. Disponível em: <https://archive.org/details/cyclopediaofeduc01monr/page/88/mode/2up>. Acesso em: 2 jun. 2022.

MORAES, Karina Aires Reinlein Fernandes Couto de. **Curso de formação local para professores de inglês como meio de instrução: elaboração, pilotagem, resultados**. 2021. 209f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2021. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/bitstream/handle/1884/70853/R%20-%20T%20-%20KARINA%20AIRES%20REINLEIN%20FERNANDES%20COUTO%20DE%20MORAES.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 dez. 2023.

MOREIRA, Walter. Revisão de literatura e desenvolvimento científico: conceitos e estratégias para confecção. **Janus**, Lorena, v. 1, n. 1, p. 22-30, 2004. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/19/o/Revis\\_o\\_de\\_Literatura\\_e\\_desenvolvimento\\_cient\\_fico.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/19/o/Revis_o_de_Literatura_e_desenvolvimento_cient_fico.pdf). Acesso em: 10 out. 2022.

MOROSINI, Marília Costa. (org.) Dossiê: Internacionalização da educação superior: apresentação. **Educação**, [s.l.], v. 40, n. 3, p. 288-292, set.-dez. 2017.

MOROSINI, Marília Costa. Estado do conhecimento sobre internacionalização da educação superior: conceitos e práticas. **Educar em Revista**, [s.l.], n. 28, p. 107-124, 2006. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-40602006000200008>.

MOROSINI, Marília Costa; DALLA CORTE, Marilene Gabriel. Teses e realidades no contexto da internacionalização da educação superior no Brasil. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 56, n. 47, p. 97-120, jan.-mar. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/14000>. Acesso em: 8 dez. 2019.

MUKHERJEE, Sugato. A universidade que mudou o mundo, 500 anos antes de Oxford. **BBC News Brasil**, 12 mar. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c04p2jddd8ro>. Acesso em: 10 maio 2023.

NEAVE Guy. **Managing higher education international cooperation**: strategies and solutions, Reference document. Paris: Unesco, 1992. p. 166-169.

NEZ, Egeslaine; MOROSINI, Marília. Internacionalização em casa na região centro-oeste brasileira: a atuação dos grupos e redes de pesquisa. **Revista Educação e Políticas em Debate**, [s.l.], p. 403-420, 2 dez. 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.14393/repod-v12n1a2023-66078>.

NILSSON, Bengt. Internationalisation at home from a swedish perspective: the case of malmö. **Journal of Studies in International Education**, [s.l.], v. 7, n. 1, p. 27-40, mar. 2003. DOI: <http://dx.doi.org/10.1177/1028315302250178>.

OCDE – ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. **Education at a Glance 2020**: OECD indicators. Paris: OCDE Publishing, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1787/69096873-en>.

OECD PISA. **Preparing our youth for an inclusive and sustainable world**: the OECD PISA global competence framework. Paris: OECD, 2018. Disponível em: <https://www.oecd.org/pisa/Handbook-PISA-2018-Global-Competence.pdf>; <https://www.oecd.org/pisa/pisa-2018-global-competence.htm>. Acesso em: 4 ago. 2022.

OUDA, Nasser Mekawi. **Die Mittel der Internationalen Kommunikation zwischen Ägypten und Staaten Vorderasiens in der späten Bronzezeit**. 2004. Inaugural-Dissertation (Doktorwürde) – Philosophischen Fakultät der Albert-Ludwigs Universität Freiburg i. Br., Freiburg, 2004. Disponível em: <https://freidok.uni-freiburg.de/fedora/objects/freidok:1136/datastreams/FILE1/content>. Acesso em: 4 ago. 2022.

RAIT, Robert. **Life in the medieval university**. Cambridge: Cambridge University Press, 1918. Disponível em: <https://warburg.sas.ac.uk/pdf/nbf55b2255508.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2020.

RAMOS, Milena Yumi. Internacionalização da pós-graduação no Brasil: lógica e mecanismos. **Educação e Pesquisa**, [s.l.], v. 44, e161579, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s1517-9702201706161579>.

RASHDALL, Hastings. **The universities of Europe in the Middle Ages**: Salerno, Bologna, Paris. Oxford: Claredon Press, 1895. v. 1. Disponível em: <https://archive.org/details/universitieseur00unkngoog>. Acesso em: 28 set. 2019.

ROESCH, Sylvia Maria Azevedo. **Projetos de estágio e de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 1999.

ROSA, Cristyane Cesarino da *et al.* O perfil dos gestores do programa de internacionalização (CAPES-PrInt). **Revista Estudos e Pesquisas em Administração**, [s.l.], v. 5, n. 3, 2021. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/repad/article/view/13276>. Acesso em: 3 fev. 2024.

RUDZKI, Romuald Edward John. The application of a strategic management model to the internationalization of higher education institutions. **Higher Education**, [s.l.], v. 29, n. 4, p. 421-441, jun. 1995a. DOI: <http://dx.doi.org/10.1007/bf01383961>.

RUDZKI, Romuald Edward John. Internationalization of UK business schools: findings of a national survey. *In*: BLOK, P. (ed.). **Policy and policy implementation in internationalisation of higher education**. Amsterdam: EAIE, 1995b. p. 25-34.



RUDZKI, Romuald Edward John. **The strategic management of internationalization: towards a model of theory and practice.** 1998. 331p. . Thesis (Doctor of Philosophy) – School of Education. University of Newcastle Upon Tyne, United Kingdom, 1998.

SALOMÃO, Ana Cristina Biondo. Intercâmbios virtuais e a internacionalização em casa: reflexões e implicações para a linguística aplicada. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 49, n. 1, p. 152-174, maio, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v49i1.2469>.

SANTOS, Fernando Seabra; ALMEIDA FILHO, Naomar de. **A quarta missão da universidade: internacionalização universitária na sociedade do conhecimento.** Coimbra; Brasília, DF: Imprensa da Universidade de Coimbra; Editora Universidade de Brasília, 2012.

SEBASTIÁN, Jesús. **Cooperación e internacionalización de las universidades.** Buenos Aires: Biblos, 2004. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=DfenAGFgffIC&printsec=copyright&redir\\_esc=y#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=DfenAGFgffIC&printsec=copyright&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false) Acesso em: 11 maio 2020.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 24. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

SILVA, Anderson Figueredo da; OLIVEIRA, Eulália Caroline da Silva; JUSTINO, Ana Neri da Paz; SILVA, Helber Wagner da. Internacionalização e interculturalidade como mecanismos para a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão no IFRN: o caso do ii encontro intercultural do câmpus Canguaretama. **Revista Conexão UEPG**, [s.l.], v. 16, e2013683, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.5212/rev.conexao.v.16.13683.009>.

SILVA, Danielle Costa da; HERNÁNDEZ, Lorena Granja. Aplicação metodológica da análise de conteúdo em pesquisas de análise de política externa. **Revista Brasileira de Ciência Política**, [s.l.], n. 33. e218584, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-3352.2020.33.218584>.

SINHÁ, Shashank Shekhar. Nalanda: more than just a premier monastic-cum-scholastic establishment of ancient and early medieval India. **Frontline: India's National Magazine**, Chennai, India, 1º oct. 2021. Disponível em: <https://frontline.thehindu.com/arts-and-culture/heritage/nalanda-more-than-just-a-premier-monastic-cum-scholastic-establishment-of-ancient-and-early-medieval-india/article36607689.ece>. Acesso em: 20 ago. 2022.

SODERQVIST, Minna. **Internationalization and its management at higher-education institutions: applying conceptual, content and discourse analysis.** Helsinki: Helsinki School of Economic, 2002. Disponível em: <https://aaltodoc.aalto.fi/bitstream/handle/123456789/11206/a206.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 2 ago. 2022.

SOUAD, Merah; RAMDANE, Tahraoui; KHAN, Mariya Senim. Fātimah Al-Fihriānd Religious fraternity in Al-Qarawiyy in university: a case study. **International Journal of Humanities and Social Science**, [s.l.], v. 7, n. 10, oct. 2017. Disponível em: <http://irep.iium.edu.my/60386/1/F%C4%81timah%20Al-Fihr%C4%ABand%20Religious%20Fraternity%20in%20Al-Qarawiyy%20in%20University.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2022.

STALLIVIERI, Luciane. **A internacionalização nas universidades brasileiras: o caso da Universidade de Caxias do Sul.** 2002a. Dissertação (Mestrado em Cooperação Internacional) – Universidade São Marcos. Caxias do Sul, RS. 2002a. Disponível em: <https://docplayer.com.br/39188027-Luciane-stallivieri-a-internacionalizacao-nas-universidades-brasileiras-o-caso-da-universidade-de-caxias-do-sul-universidade-sao-marcos.html>. Acesso em: 10 jan. 2020.

STALLIVIERI, Luciane. O processo de internacionalização nas instituições de ensino superior. Educação Brasileira: **Revista do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras**, Brasília, DF, v. 24, n. 48, p. 35-57, 2002b. Disponível em: <https://iglu.paginas.ufsc.br/files/2014/08/SLIDES-LUCIANE.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2020.

STALLIVIERI, Luciane. **As dinâmicas de uma nova linguagem intercultural na mobilidade acadêmica internacional**. 2009. 235p. Tese (Doutorado em Línguas Modernas) – Universidad del Salvador, Buenos Aires. [Mediante acordo de Cooperação Internacional firmado com a Universidade de Caxias do Sul]. Caxias do Sul, RS, 2009.

STALLIVIERI, Luciane. **Internacionalização e intercâmbio: dimensões e perspectivas**. Curitiba: Appris, 2017a.

STALLIVIERI, Luciane. Compreendendo a internacionalização da educação superior. **Revista de Educação do Cogeime**, [s.l.], v. 26, n. 50, p. 15-36, ago. 2017b. DOI: <http://dx.doi.org/10.15599/0104-4834/cogeime.v26n50p15-36>.

STALLIVIERI, Luciane. Estratégias para internacionalização do currículo: do discurso à prática. In: LUNA, J. (Org.) Internacionalização do currículo: **Educação, interculturalidade, cidadania global**. Campinas: Pontes Editores, 2016. p. 157-177. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/306375265\\_Estrategias\\_para\\_Internacionalizacao\\_do\\_Curriculo\\_do\\_Discurso\\_a\\_Pratica/link/57bbaa0d08ae8a9fc4c27e5d/download](https://www.researchgate.net/publication/306375265_Estrategias_para_Internacionalizacao_do_Curriculo_do_Discurso_a_Pratica/link/57bbaa0d08ae8a9fc4c27e5d/download). Acesso em: 5 out. 2019.

TALLEI, Jorgelina Ivana; PASINI, Juliana Fatima Serraglio; LOBO, Valdiney. Pedagogia de fronteira: uma proposta de internacionalização desde casa. **Revista Iberoamericana de Educación**, [s.l.], v. 93, n. 1, p. 83-97, 20 out. 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.35362/rie9315994>.

TEICHLER, Ulrich. Internationalisation of higher education: european experiences. **Asia Pacific Education Review**, [s.l.], v. 10, n. 1, p. 93-106, mar. 2009. DOI: <http://dx.doi.org/10.1007/s12564-009-9002-7>.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. 24. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

UNESCO – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA. **Conferência Mundial sobre Ensino Superior 2009: as novas dinâmicas do ensino superior e pesquisas para a mudança e o desenvolvimento social: Comunicado**. Paris: Unesco, 2009. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=4512-conferencia-paris&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=4512-conferencia-paris&Itemid=30192). Acesso em: 21 jan. 2022.

UNESCO – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA. **Declaração Mundial sobre Educação Superior no Século XXI: visão e ação**. Paris: Unesco, 1998. Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Direito-a-Educa%C3%A7%C3%A3o/declaracao-mundial-sobre-educacao-superior-no-seculo-xxi-visao-e-acao.html>. Acesso em: 30 set. 2019.

UNESCO – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA. **Educação para a cidadania global: preparando alunos para os desafios do século XXI**. Brasília, DF: Unesco, 2015. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000234311>. Acesso em: 30 dez. 2023.

UFPE – UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. **Plano de internacionalização da UFPE: 2017-2017**. Recife: UFPE, abr. 2018. Disponível em: <https://www.ufpe.br/>

documents/40788/506683/PLI+UFPE+vers%C3%A3o+port+Final+0405.pdf/e4fe9157-930b-4098-89c0-78cf23a48546. Acesso em: 30 dez. 2023.

VERGER, Jacques. **As universidades na Idade Média**. São Paulo: Ed. Unesp, 1990.

VERGER, Jacques. La mobilité étudiante au Moyen Âge. Histoire de l'éducation: Éducatons médiévales. L'Enfance, l'École, l'Église en Occident. **Ve-XVe siècles**, [s.l.], n. 50, p. 65-90, may, 1991. Disponível em: [https://www.persee.fr/docAsPDF/hedu\\_0221-6280\\_1991\\_num\\_50\\_1\\_2494.pdf](https://www.persee.fr/docAsPDF/hedu_0221-6280_1991_num_50_1_2494.pdf). Acesso em: 4 ago. 2022.

VERZELLA, Massimo; CARUZZO, Vivian Nádia Ribeiro de Moraes; COSTA, Tamiris Destro. Addressing Power Imbalance in Telecollaboration to Promote Attitudes of Intercultural Competence. **Signum: Estudos da Linguagem**, [s.l.], v. 24, n. 1, p. 97-114, 8 out. 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.5433/2237-4876.2021v24n1p97>.

WÄCHTER, Bernd. An Introduction: internationalisation at home in context. **Journal of Studies In International Education**, [s.l.], v. 7, n. 1, p. 5-11, mar. 2003. DOI: <http://dx.doi.org/10.1177/1028315302250176>.

WENDE, Marijk van der. Missing links: the relationship between national policies for internationalization and those for higher education in general e International comparative analysis and synthesis. In: KÄLVEMARK, Torsten; WENDE, Marijk van der (ed.). **National Policies for the Internationalization of Higher Education in Europe**. Stockholm: National Agency for Higher Education. 1997. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED432190.pdf>. Acesso em: 10 maio 2020.

WIT, Hans de. **Communication from the Commission to the European Parliament**. The Council, the European Economic and Social Committee and the Committee of the regions: European higher education in the world. Brussels, 2013. Disponível em: [https://www.erasm-a.eu/fileadmin/content/Promo/Erasmus\\_\\_in\\_the\\_world\\_layouted.pdf](https://www.erasm-a.eu/fileadmin/content/Promo/Erasmus__in_the_world_layouted.pdf). Acesso em: 5 maio 2020.

WIT, Hans de. Internationalization of Higher Education: nine misconceptions. **International Higher Education**, [s.l.], n. 64, p. 6-7, 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.6017/ihe.2011.64.8556>.

WIT, Hans de. Rationales for internationalization of higher education. **Millenium**, [s.l.], v. 3, n. 11, p. 11-19, 1998.

WIT, Hans de *et al.* **Internationalisation of higher education**. Brussels: European Parliament, Directorate-General for Internal Policies. 2015. p. 273-288.

WIT, Hans de; LEASK, Betty. Internationalization, the Curriculum and the Disciplines. **International Higher Education**, [s.l.], n. 83, p. 10-12, 2015. DOI: [10.6017/ihe.2015.83.9079](http://dx.doi.org/10.6017/ihe.2015.83.9079).

**APÊNDICE A – IDENTIFICAÇÃO DAS PRÁTICAS DE IEC NAS CATEGORIAS DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO  
PRESENTES NO LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO**

<b>N.</b>	<b>Autores<sup>45</sup></b>	<b>Título</b>	<b>Ensino</b>	<b>Pesquisa</b>	<b>Extensão</b>
1	Jorgelina Ivana Tallei; Juliana Fatima Serraglio Pasini; Valdiney Lobo	Pedagogía de frontera: una propuesta de internacionalización desde casa	- Formação docente	Publicação: - E-book - Protocolo e documento de acolhimento alunos imigrantes nas escolas	- Pós-graduação - Formação docente - Escola básica
2	Marilene Gabriel Dalla Corte; Marília Costa Morosini; Vera Lucia Felicetti	Internacionalização da educação superior na perspectiva sul-sul: movimentos e contextos emergentes em tempos pandêmicos	- Disciplinas idioma adicional - Estudante – convênio - Doutorado sanduiche - Cotutela - Professor visitante	- Publicações em conjunto - Projetos de pesquisa	Realização/participação eventos: (congressos, seminários, webinar, disciplinas)
3	Egeslaine Nez; Marília Morosini	Internacionalização em casa na Região Centro-Oeste brasileira: a atuação dos grupos e redes de pesquisa	- Doutorados sanduiche	- Parcerias internacionais - Produção internacional - Missões de pesquisa - Cursos de curta duração exterior - Redes de pesquisa	- Cursos de curta duração exterior
4	Mariana de Souza Alves	Políticas de internacionalização na educação superior pública federal: estudo de caso da UFPE	- Produção textual	- Networking internacional	- Virtual exchange - Telecolaboração
5	Massimo Verzella; Vivian Nádia Ribeiro de Moraes Caruzzo; Tamiris Destro Costa	Addressing power imbalance in telecollaboration to promote attitudes of intercultural competence	- Vivência virtual - Videoconferência - Produção textual	- Networking internacional	- Vivência virtual - Videoconferência
6	Pricila Kohls-Santos; Marília Costa Morosini	Trilha para internacionalização em casa: Brasil-Colômbia em espaços não formais	- Vivência virtual - Videoconferência - Produção textual	- Networking internacional	- Vivência virtual - Videoconferência
7	Carla Conti de Freitas; Giuliana Castro Brossi; Valéria Rosa-da-	Small steps and a big change: facing internationalization as a community	- Programa de imersão em inglês para professores - programa inglês para crianças “english for kids”	- Networking internacional	- Programa de imersão em inglês para professores - Programa inglês para crianças “english for kids”

<sup>45</sup> A referência completa pode ser encontrada no Apêndice B.

N.	Autores <sup>45</sup>	Título	Ensino	Pesquisa	Extensão
	Silva				
8	Karen Graziela Weber Machado; Pricila Kohls dos Santos	Os MOOCS como possibilidade para internacionalização da educação superior em casa	- MOOCS	- Networking internacional	- MOOCS
9	Roberta Caroline Raucher do Canto	Intercâmbio virtual em instituições de ensino superior: avaliação do modelo de aprendizagem internacional colaborativa on-line entre IPB E UTFPR	- COIL - Intercambio virtual - Cooperação internacional	- Workshop - Artigo	- COIL
10	Camila Marques de Carvalho	Internacionalização em casa na UFJF: um estudo sobre o programa Global July	- Evento Global July Program (GJP)	- Cursos e palestras de curta duração em outro idioma	- Cursos e palestras de curta duração em outro idioma
11	Karina Aires Reinlein Fernandes Couto de Moraes	Curso de formação local para professores de inglês como meio de instrução – elaboração, pilotagem, resultados	- Curso de formação de professores universitários (regular e intensivo)	- Workshop	- Curso de formação de professores universitários (regular e intensivo)
12	Elisa Prado Co	Affordances da coil para promover internacionalização em casa e formação de professores de inglês: análise de uma experiência entre ufes e universidade de coventry'	- COIL - Formação de professores inglês - MOOCS - Webinars	- Networking internacional	- Fóruns - COIL - MOOCS - Formação de professores inglês
13	Caroline Baranzeli; Marília Costa Morosini; Vanessa Gabrielle Woicolesco	“A chave está na troca” – estudantes de mobilidade como vetores da internacionalização em casa		- Elaboração artigo	
14	Ana Cristina Biondo Salomão	Intercâmbios virtuais e a internacionalização em casa: reflexões e implicações para a linguística aplicada	- Cooperação internacional - Seminários - Salas de bate-papo	- Calendário bilingue - Reunião online professores de línguas	- COIL - Intercambio virtual - Videoconferência disciplina on-line de graduação
15	Maria Luiza da Silveira Melo	Internacionalização em casa: oportunidades e desafios em programas de pós-graduação da	- Processo seletivo professores estrangeiros	- Produção científica - Docentes estrangeiros pós-graduação - Reuniões de pesquisa	- Criação website - Mobilidade virtual - Programa Espace Mondial

N.	Autores <sup>45</sup>	Título	Ensino	Pesquisa	Extensão
	Mata	UnB		- GT Ensino de Geografia “Americas Model of United Nations” - AMUN	- Eventos (minicursos . colóquios , palestras)
16	Carlos Alberto Hildeblando Júnior	Affordances da coil: análise de uma experiência entre UFES e UAH	- COIL - Formação professores línguas		“Formação de professores de inglês no Brasil e no Chile
17	Anderson Figueredo da Silva; Eulália Caroline da Silva Oliveira; Ana Neri da Paz Justino; Helber Wagner da Silva	Internacionalização e interculturalidade como mecanismos para a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão no IFRN: o caso do encontro intercultural do câmpus Canguaretama	- Mesa redonda - Palestra - Paineil - Alinhamento disciplinas da área (língua estrangeira) - Comunicação verbal escrita (traduções) - Trocas culturais disciplina gestão de eventos - Interação com comunidade indígena (realização atividades)	- Interação com a pesquisa - Mesa redonda - Palestra - Paineil - Seminário de iniciação a pesquisa	- Evento: encontro intercultural interação entre intercambistas e comunidades locais (indígenas e quilombolas) - Interação IaH ensino profissional - Certificação - Encontro convivência: “ARRAIÁ DO Oxente” comidas típicas nordestinas e festejo junino - Retorno cultural e financeiro - Interação com comunidade indígena. - Realização atividades
18	Ruberval Franco Maciel; Vitor Souza Vergara	Internacionalização como prática local: um olhar situado sobre o papel da língua no <i>english</i> club e no curso de medicina.	- Workshop - Internacionalização como prática local	- Exploração de literatura médica publicada internacionalmente	- English club Internacionalizaçãodo ensino superior como prática local transculturalidade, proficiência linguística, mobilidade, projeção institucional e integração acadêmica.
19	Georgina Durán-Jiménez,	Perspectiva de internacionalización en casa e interculturalidad crítica como proceso de globalización contra hegemónica potenciada por las tic: caso en red.	- Grupo de discusión cuestionario virtual encuentro gestión (BR, CL, MX)	- Red de Internacionalización en Casa - Networking internacional - Grupo de investigación Educación, Comunicación y Tecnologías (GEC)	- Encontros virtuais - Conferência web

## APÊNDICE B – REFERÊNCIAS DO LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

	Referência	Ano de Publicação	Base de Dados
01	TALLEI, Jorgelina Ivana; PASINI, Juliana Fatima Serraglio; LOBO, Valdiney. Pedagogia de fronteira: uma proposta de internacionalização desde casa. <b>Revista Iberoamericana de Educación</b> , v. 93, n. 1, p. 83-97, 20 out. 2023. DOI: <a href="http://dx.doi.org/10.35362/rie9315994">http://dx.doi.org/10.35362/rie9315994</a> .	2023	PP Capes
02	CORTE, Marilene Gabriel Dalla; MOROSINI, Marília Costa; FELICETTI, Vera Lucia. Internacionalização da educação superior na perspectiva sul-sul. <b>Revista Internacional de Educação Superior</b> , v. 8, e022035, 11 fev. 2022. DOI: <a href="http://dx.doi.org/10.20396/riesup.v8i00.8663797">http://dx.doi.org/10.20396/riesup.v8i00.8663797</a>	2022	PP Capes
03	NEZ, Egeslaine; MOROSINI, Marília. Internacionalização em casa na região centro-oeste brasileira: a atuação dos grupos e redes de pesquisa. <b>Revista Educação e Políticas em Debate</b> , p. 403-420, 2 dez. 2022. DOI: <a href="http://dx.doi.org/10.14393/repod-v12n1a2023-66078">http://dx.doi.org/10.14393/repod-v12n1a2023-66078</a> .	2022	PP Capes
04	ALVES, Mariana de Souza. <b>Políticas de internacionalização na educação superior pública federal: estudo de caso da UFPE</b> . 2022. 211f. Dissertação (Mestrado em Educação, Culturas e Identidades) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife. 2022. Disponível em: <a href="http://www.tede2.ufrpe.br:8080/tede2/handle/tede2/8655">http://www.tede2.ufrpe.br:8080/tede2/handle/tede2/8655</a> . Acesso em: 10 dez. 2023	2022	CDTD
05	VERZELLA, Massimo; CARUZZO, Vivian Nádia Ribeiro de Moraes; COSTA, Tamiris Destro. Addressing Power Imbalance in Telecollaboration to Promote Attitudes of Intercultural Competence. <b>Signum: Estudos da Linguagem</b> , v. 24, n. 1, p. 97-114, 8 out. 2021. DOI: <a href="http://dx.doi.org/10.5433/2237-4876.2021v24n1p97">http://dx.doi.org/10.5433/2237-4876.2021v24n1p97</a> .	2021	CDTD
06	KOHL-SANTOS, Pricila; MOROSINI, Marília Costa. Trilha para internacionalização em casa: brasil-colômbia em espaços não formais. <b>Revista Eletrônica de Educação</b> , v. 15, e4884048, 30 nov. 2021. DOI: <a href="http://dx.doi.org/10.14244/198271994884">http://dx.doi.org/10.14244/198271994884</a> .	2021	CDTD
07	FREITAS, Carla Conti de; BROSSI, Giuliana Castro; ROSA-DA-SILVA, Valéria. Small steps and a big change: facing internationalization as a community. <b>Fórum Linguístico</b> , v. 18, n. 1, p. 5766-5778, 6 abr. 2021. DOI: <a href="http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2021.e73446">http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2021.e73446</a> .	2021	CDTD
08	MACHADO, Karen Graziela Weber; SANTOS, Pricila Kohls dos. MOOCS como possibilidade para internacionalização da educação superior em casa. <b>Debates em Educação</b> , v. 13, p. 642-667, 30 nov. 2021. DOI: <a href="https://dx.doi.org/10.28998/2175-6600.2021v13nesp2p642-667">https://dx.doi.org/10.28998/2175-6600.2021v13nesp2p642-667</a> .	2021	CDTD
09	CANTO, Robert; Caroline Raucher do. <b>Intercâmbio virtual em instituições de ensino superior: avaliação do modelo de aprendizagem internacional colaborativa on-line entre IPB e UTFPR</b> . 2021. 185 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia e Sociedade) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2021. Disponível em: <a href="http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/26215">http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/26215</a> . Acesso em:	2021	CTCD e BDTE

	Referência	Ano de Publicação	Base de Dados
	10 dez. 2023.		
10	CARVALHO, Camila Marques de. <b>Internacionalização em Casa na UFJF</b> : um estudo sobre o Programa Global July. 2021. 182 f. Dissertação (Mestrado em Gestão e Avaliação da Educação Pública) – Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2021. Disponível em: <a href="https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&amp;id_trabalho=11044119">https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&amp;id_trabalho=11044119</a> . Acesso em: 10 dez. 2023.	2021	CTCD e BDTE
11	MORAES, Karina Aires Reinlein Fernandes Couto de. <b>Curso de formação local para professores de inglês como meio de instrução</b> : elaboração, pilotagem, resultados. 2021. 209 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2021. Disponível em: <a href="https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/bitstream/handle/1884/70853/R%20-%20T%20-%20KARINA%20AIRES%20REINLEIN%20FERNANDES%20COUTO%20DE%20MORAES.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y">https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/bitstream/handle/1884/70853/R%20-%20T%20-%20KARINA%20AIRES%20REINLEIN%20FERNANDES%20COUTO%20DE%20MORAES.pdf?sequence=1&amp;isAllowed=y</a> . Acesso em: 10 dez. 2023.	2021	BDTE
12	CÓ, Elisa Prado. <b>Affordances da Coil para promover internacionalização em casa e formação de professores de inglês</b> : análise de uma experiência entre UFES e Universidade de Coventry. 2021 92 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2021. Disponível em: <a href="https://sappg.ufes.br/tese_drupal/tese_15939_Disserta%E7%E3o%20Elisa%20Prado%20C%20F3%20%281%29.pdf">https://sappg.ufes.br/tese_drupal/tese_15939_Disserta%E7%E3o%20Elisa%20Prado%20C%20F3%20%281%29.pdf</a> . Acesso em: 10 dez. 2023.	2021	BDTE
13	BARANZELI, Caroline; MOROSINI, Marília Costa; WOICOLESCO, Vanessa Gabrielle. “A chave está na troca”: estudantes de mobilidade como vetores da internacionalização em casa. <b>Série-Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB</b> , p. 253-274, abr. 2020. DOI: <a href="http://dx.doi.org/10.20435/serie-estudos.v25i53.1400">http://dx.doi.org/10.20435/serie-estudos.v25i53.1400</a> .	2020	PP Capes
14	SALOMÃO, Ana Cristina Biondo. Intercâmbios virtuais e a internacionalização em casa: reflexões e implicações para a linguística aplicada. <b>Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)</b> , v. 49, n. 1, p. 152-174, maio 2020. DOI: <a href="http://dx.doi.org/10.21165/el.v49i1.2469">http://dx.doi.org/10.21165/el.v49i1.2469</a> .	2020	PP Capes
15	MATA, Maria Luiza da Silveira Melo. <b>Internacionalização em casa</b> : oportunidades e desafios em programas de pós-graduação da UnB. 2020. 105 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2020. Disponível em: <a href="https://bdtb.ibict.br/vufind/Record/UNB_a74f9ba9a1525f73f0535db24b87ef87">https://bdtb.ibict.br/vufind/Record/UNB_a74f9ba9a1525f73f0535db24b87ef87</a> . Acesso em: 10 dez. 2023.	2020	CTDC e BDTD
16	HILDEBLANDO JUNIOR, Carlos Alberto. <b>Affordances da COIL</b> : análise de uma experiência entre UFES e UAH. 2019. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação. Vitória, 2019. Disponível em: <a href="https://sucupira.capes.gov.br/">https://sucupira.capes.gov.br/</a>	2019	CTDC



	Referência	Ano de Publicação	Base de Dados
	<a href="#">sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&amp;id_trabalho=8978849</a> . Acesso em: 10 dez. 2023.		
17	SILVA, Anderson Figueredo da; OLIVEIRA, Eulália Caroline da Silva; JUSTINO, Ana Neri da Paz; SILVA, Helber Wagner da. Internacionalização e interculturalidade como mecanismos para a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão no IFRN: o caso do II ENCONTRO INTERCULTURAL DO CÂMPUS CANGUARETAMA. <b>Revista Conexão UEPG</b> , v. 16, e2013683, 2020. DOI: <a href="http://dx.doi.org/10.5212/rev.conexao.v.16.13683.009">http://dx.doi.org/10.5212/rev.conexao.v.16.13683.009</a> .	2020	PP Capes
18	MACIEL, Ruberval Franco; VERGARA, Vitor Souza. Internacionalização como prática local: um olhar situado sobre o papel da língua no english club e no curso de medicina. <b>Organon</b> , v. 34, n. 66, set. 2019. Doi: <a href="http://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.91066">http://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.91066</a> .	2019	PP Capes
19	DURÁN-JIMÉNEZ, Georgina. <b>Perspectiva de Internacionalización en Casa e Interculturalidad Crítica como proceso de globalización contra hegemónica potenciada por las TIC</b> : caso en red. 2019. 485 p. Tesis (Doctorado en Educación) – Facultad de Educación, Programa de Posgraduación en Educación, Universidad Federal de Bahía, Salvador, 2019. Disponível em: <a href="http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/30957">http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/30957</a> . Acesso em: 10 dez. 2023.	2019	CTDC e BDTD